JANEIRO

BIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

ENTREVISTAS
PARALAMAS
GRACE JONES
CAETANO VELOSO
TERENCE T. D'ARBY
TITÃS

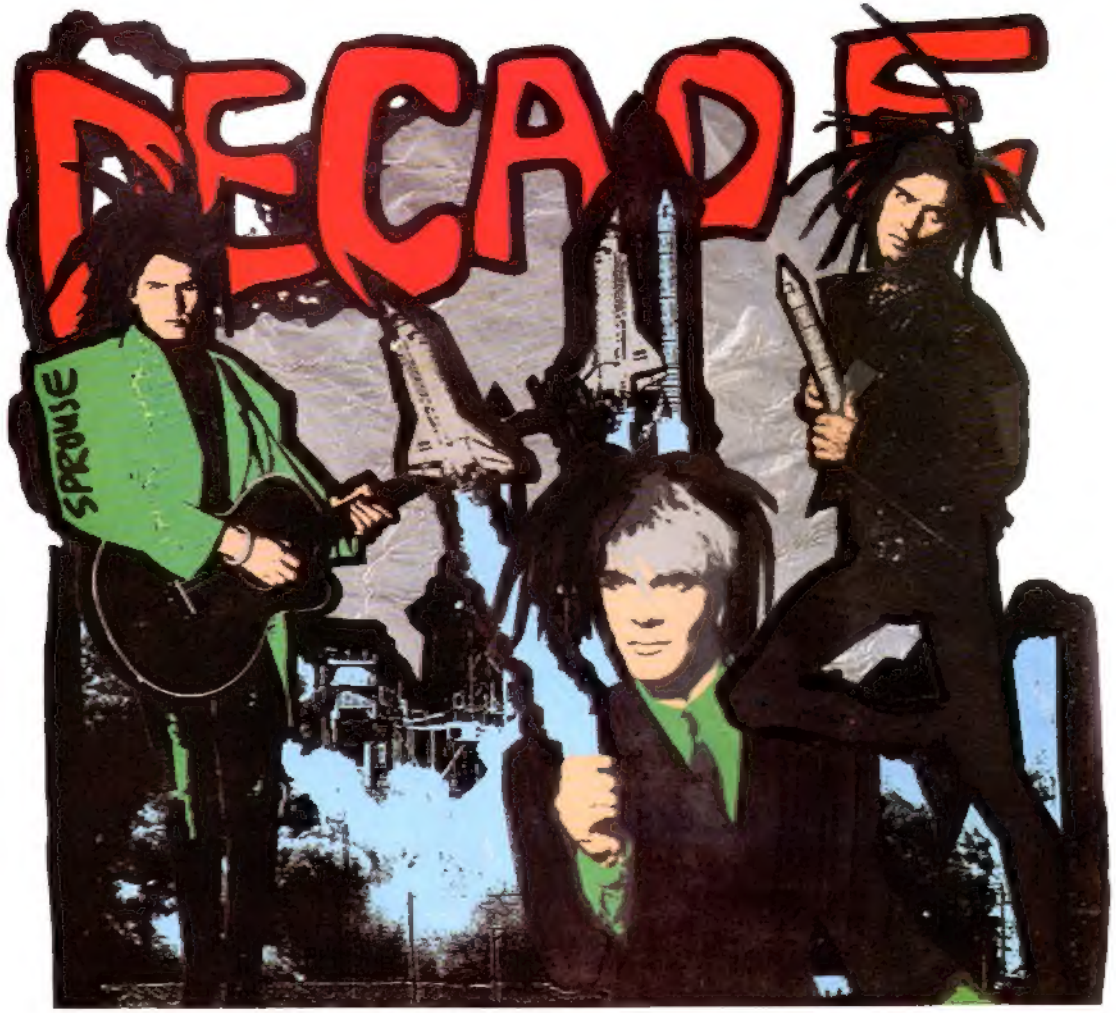
BOB DYLAN
UMA LENDA DE VÁRIAS FACES

AO VIVO DE ARROMBA
GUNS N'ROSES • SEPULTURA
FINE YOUNG CANNIBALS
BARÃO VERMELHO • CYNDI LAUPER

VOTE NOS MELHORES DE 89!!!

A CÉDULA E A RETROSPECTIVA DO ANO ESTÃO AQUI DENTRO

DURAN DURAN:
uma década de sucessos



PLANET EARTH • GIRLS ON FILM • HUNGRY LIKE THE WOLF • RIO • SAVE A PRAYER • IS THERE SOMETHING • I SHOULD KNOW • UNION OF THE SNAKE • THE REFLEX • WILD BOYS • A VIEW TO A KILL • NOTORIOUS • SKIN TRADE • I DON'T WANT YOUR LOVE • A MATTER OF FEELING •

EM LP, K7 E CD EMI

Record Runner®

LP's • CD's • VÍDEOS • POSTERS • IMPORTADOS • "RARITIES"
Av. Faria Lima, 1684 • Shopping Vitrine • Sobreloja 37 • (011) 813.3017 • Cep 01452 • SP • Brasil
New York :5 Jones St. • Madrid : San Bernardo 5

SEDEX A COBRAR - ENTREGA URGENTE - PAGUE AO RETIRAR

ENCOMENDAS ESPECIAIS
LANÇAMENTOS SIMULTÂNEOS

WE ARE THE CHILDREN

Tears for Fears, Paul McCartney, Pink Floyd, Phil Collins e Status Quo são alguns dos nomes confirmados para o concerto beneficente que acontece no dia 30 de julho em Knebworth, Inglaterra. O show — que poderá ainda contar com os **Rolling Stones** e o **Who** — terá onze horas de duração, e será registrado em vídeo e no vinil. Estima-se um público em torno de 120 mil pessoas — um número superior ao registrado em eventos similares, como o *Live Aid* e o *Free Nelson Mandela*. Os dezesseis milhões de dólares já arrecadados com a venda dos ingressos serão revertidos para duas instituições de caridade ligadas à indústria fonográfica britânica: a Nordoff Robbins Music Therapy (que auxilia crianças deficientes mentais) e a Brit School for Performing Arts.

VINIL FRESCO I

T*he Best of Velvet Underground* é o nome da coletânea recém-lançada na Inglaterra ⊗ "7 Reasons" é o nome do primeiro compacto da banda **Revenge**, liderada por **Peter Hook**. O baixista, que prepara um LP com a nova banda, desmentiu mais uma vez o fim do **New Order** ⊗ A nova banda de **Ian McCulloch**, **Prodigal Sons**, estréia no vinil com o compacto "Faith and Healing", que traz duas faixas inéditas no lado B ⊗ A coletânea com os maiores hits de **Michael Jackson**, programada para o final de 89, teve seu lançamento adiado. Comenta-se que Michael estaria preparando um LP apenas com faixas inéditas, que acompanharia a compilação.

NAS GARRAS DA LEI

Adam Clayton continua na mira da justiça irlandesa. O baixista do **U2** foi condenado a pagar uma multa de sete mil dólares e teve sua carteira de motorista apreendida por um ano. Isso porque a polícia flagrou-o dirigindo alcoolizado perto de sua casa em Dublim. O baixista — que não compareceu ao julgamento — já havia sido preso no ano passado por porte de maconha.

CLAPTON NO BRASIL???

Eric Clapton deverá aportar nas praias brasileiras ainda este ano. Em entrevista ao jornal *USA Today*, o guitarrista garantiu que a América do Sul estará incluída em sua próxima turnê mundial — com início previsto para este mês, em Londres.

A turnê acompanha o lançamento do LP *Journeyman*, apontado pela crítica americana como o melhor disco de Clapton desde *461 Ocean Boulevard*, sua estréia como artista solo. O álbum — que inclui covers para "Hard Times", de **Ray Charles**, e "Hound Dog", sucesso na voz de **Elvis Presley** — conta com participações especiais de **George Harrison**, *Chaka Khan* e **Phil Collins**. Este último retribui a participação de Clapton em *But Seriously*, seu mais recente LP.

POUCAS & BOAS

Os **Dire Straits** voltaram a se reunir para um show beneficente em Newcastle, Inglaterra. A banda surpreendeu os organizadores do evento, que contavam apenas com a presença de **Mark Knopler** ⊗ **Ringo Starr** conseguiu que a justiça americana impedisse a CBS de lançar no mercado um disco seu gravado em 87. O baterista alegou estar, na época, entregue às drogas e ao álcool, consumindo dezesseis garrafas de vinho por dia ⊗ Pela primeira vez um single lançado apenas em cassete chegou ao primeiro posto da parada americana. Quem conseguiu a façanha foi o grupo sueco **Roxette**, com a música "Listen to Your Heart" ⊗ O guitarrista do **Level 42**, **Alan Murphy**, morreu de Aids no final de outubro — pouco antes do lançamento de uma coletânea da banda, chamada *Level Best*.

O FELT DIZ ADEUS

O grupo britânico **Felt** decidiu encerrar sua carreira com uma turnê de despedida e um novo álbum. Segundo o vocalista Lawrence, a banda terminou porque já tinha realizado seu "grande plano". *Me and the Monkey on the Moon* é o nome do último LP, o décimo da banda, que teve apenas um lançamento no Brasil: *Ignite the Seven Cannons*, o quarto em sua discografia.

A MTV ESTÁ CHEGANDO

Em maio deste ano, entra em operação a TV Abril (UHF, canal 32), que assinou recentemente um contrato com a MTV — canal americano de TV a cabo que transmite clips 24 horas por dia.

Embora a programação ainda não esteja definida, sabe-se que a música ocupará um lugar de destaque, ao lado do jornalismo, humor e esportes "radicais" (surfe, skate). Segundo Marcos Amazonas, diretor de programação, as atrações musicais não estarão restritas aos clips internacionais — a Abril se encarregará de produzir os clips de bandas nacionais consagradas e emergentes.

Para marcar o nascimento da emissora, está previsto ainda um grande show internacional. Até o fechamento desta edição, o nome estava para ser confirmado.

A chegada da MTV ao Brasil ocorre nove anos após o seu surgimento, em Nova York, em agosto de 81. No início, o canal de TV a cabo funcionava como um veículo alternativo. Como o clip já era então bastante popular na Inglaterra, a MTV recorria à importação, recheando sua programação com bandas inglesas new wave. Quando esses grupos começaram a apresentar vendas surpreendentes, as gravadoras descobriram que poderiam usar a MTV como um poderoso instrumento promocional. Com o advento da era da MTV, grupos até então desconhecidos nos EUA, como Culture Club e Eurythmics, chegavam às paradas, enquanto artistas mais velhos, como Tom Waits ou Paul Simon, eram obrigados a adaptar suas imagens à telinha. Nomes como Duran Duran e A-ha devem boa parte de seu sucesso meteórico a esta aliança som/imagem.

Nos últimos tempos, a MTV tem diversificado sua programação, com horários dedicados exclusivamente ao rap e ao heavy metal.

RELAÇÕES PERIGOSAS

Axl Rose anda enfrentando sérias dificuldades nas suas relações com outros roqueiros. Recentemente, ele foi visto se atracando com **David Bowie**. Motivo da briga: o líder da Tin Machine tentava se aproximar de uma garota da turma dos Guns N'Roses.

O problema mais grave, porém, aconteceu durante os shows de abertura para os **Rolling Stones** em Los Angeles. No primeiro deles, Axl surpreendeu a todos anunciando em pleno palco que estava deixando a banda. A razão seria o envolvimento do guitarrista **Slash** com a heroína. Mas o susto durou pouco: na noite seguinte, o vocalista pedia desculpas a Slash, declarava que a banda não ia se separar "por causa de drogas" e encerrava tudo com um grande abraço, ao som dos primeiros acordes de "Patience". (Leia mais sobre o primeiro show no *Ao Vivo* desta edição.)

CARPETES PSICODÉLICOS

Com apenas dois EPs e cinco compactos lançados, os **Inspiral Carpets** já estão sendo considerados uma das grandes revelações de 89 pela imprensa inglesa, ao lado dos conterrâneos **Stone Roses**. Apontados como líderes da nova tendência que ressuscita a psicodelia no underground inglês, descartam qualquer comparação com outras bandas de Manchester, como os **Happy Mondays** ou mesmo os Stone Roses.

"É verdade que essas três bandas se complementam e que muitos grupos novos tentam soar como elas. A diferença é que nós não entramos agora em nenhuma onda de psicodelia. Já estamos fazendo isso há quatro anos..." Segundo **Clint Boon**, tecladista, os Carpets estão mais preocupados com os anos 90 do que com os *sixties*, que são "reinterpretados" no trabalho do grupo.

Os dois EPs da banda, "Joe" e "Find Out Why", entraram direto no primeiro lugar da parada independente. Apesar disso, os Carpets preferiram arriscar, lançando um compacto radicalmente diferente do trabalho anterior em que o ritmo era a força predominante. Na opinião do vocalista, Tom Hingley, "Move" aponta uma nova direção musical na carreira da banda. "As canções que estamos gravando para o primeiro LP são mais melódicas do que tudo que tínhamos feito antes."

O próximo passo, segundo Clint — responsável pela introdução do som de órgão, marca característica da banda —, é a passagem para o mainstream. "Nós progredimos musicalmente. Em dois ou três anos, seremos uma banda do tipo dos **Pet Shop Boys**."

VINIL FRESCO II

Duran Duran — que estará nas páginas da BIZZ de março — acaba de lançar uma coletânea com os hits dos seus dez anos de carreira. O álbum chama-se *Decades* ⊗ *Groovy, Laid Back and Nasty* é o nome do novo LP do **Cabaret Voltaire** ⊗ O produtor **Quincy Jones** (Michael Jackson, Paul Simon, Ray Charles...) está lançando seu primeiro disco solo desde 81. *Back on the Block* inclui uma canção de **Ivan Lins**, chamada "Setembro" e conta com as participações de **Ice-T** e **Kool Moe Dee**, entre outros ⊗ *Jimi Hendrix — Live and Unreleased* é o nome da coletânea que traz gravações inéditas do guitarrista, incluindo trechos de shows, remixes e registros do início de carreira.

JANEIRO NO ROCK

2/01/84 — Morre o bluesman Alexis Korner, responsável pelo revival do blues na Inglaterra nos anos 60

6/01/88 — O *Hollywood Rock* tem início na Praça da Apoteose, no Rio. Os shows — com presença dos Pretenders, UB 40, Simple Minds, Simply Red, Duran Duran e Supertramp — serão levados ao Morumbi, em São Paulo, entre os dias 13 e 16 do mesmo mês

9/01/88 — Tina Turner inicia em São Paulo sua turnê brasileira

10/01/76 — Morre Howlin'Wolf, um dos mais influentes representantes do blues elétrico de Chicago

11/01/85 — Começa o *Rock In Rio*, o festival que coloca o Brasil no circuito dos grandes shows internacionais. Entre as atrações estão Whitesnake, AC/DC, Iron Maiden, James Taylor, Yes e Nina Hagen

14/01/78 — Os Sex Pistols fazem seu último show em São Francisco

20/01/65 — Morre Alan Freed, o DJ que impulsionou o nascimento do rock'n'roll nos anos 50

21/01/83 — Van Halen inicia sua turnê pelo Brasil

30/01/87 — Os Ramones fazem a primeira das suas duas únicas apresentações no Brasil, no Palace (SP)

BIBLIOTECA

Qualquer pessoa pode escrever uma canção de sucesso. Essa é a opinião de **Molly-Ann Leikin**, autora do livro *How to Write a Hit Song*. Segundo a escritora americana, são necessários apenas três passos: escrever sobre algo que você está sentindo, ser persistente e, sobretudo, nunca mandar a música para um editor sem um contato prévio ⊗ *Entranced* é o título da biografia de **Siouxsie and the Banshees**, de Brian Johns ⊗ Os **Guns N'Roses** já têm sua biografia: *Low Life in the Fast Lane*, de Eddy McSquare.

OS MELHORES DOS ANOS 80, SEGUNDO A *ROLLING STONE*

A *Rolling Stone* publicou em sua edição de 16 de novembro de 89 uma lista com os 100 melhores álbuns dos anos 80 — "uma década de avaliação e reconstrução, sem revoluções". A seguir, a seleção completa, acompanhada de alguns dos comentários da revista para os dez primeiros colocados:

1. **LONDON CALLING** — Clash — Lançado em janeiro de 80, *London Calling* trazia uma comunicação urgente da Última Banda Rebelde, avisando que o dia do Juízo Final estava próximo, que a sociedade ocidental estava podre na base e que o rock'n'roll precisava de um bom chute no traseiro.

2. **PURPLE RAIN** — Prince (84) — Mais de cinco anos depois de seu lançamento, a influência de Prince e *Purple Rain* é incontestável. Prince ditou o tom da música pop nos anos 80, imprimindo a marca do som de Minneapolis em toda uma geração de músicos, brancos ou negros. Este é o seu álbum mais coeso e acessível.

3. **THE JOSHUA TREE** — U2 (87) — Bono queria explicar as raízes americanas do rock'n'roll; The Edge preferia dar continuidade ao experimentalismo expressionista de *The Unforgetable Fire*. A tensão criativa entre os dois resultou no melhor disco de U2, um trabalho musicalmente maduro e multifacetado.

4. **REMAIN IN LIGHT** — Talking Heads (80) — Musicalmente, este disco — que combina funk, disco music e ritmos africanos — estava anos à frente do seu tempo. "Sentimos que ele conduzia a música pop para outra fase, e era o que sempre tínhamos desejado", diria o baterista Chris Frantz.

5. **GRACELAND** — Paul Simon (86) — Poucos discos tiveram um começo tão despretensioso, foram tão musicalmente ousados, geraram tamanha polêmica ou foram tão bem recebidos pelo público quanto *Graceland*. O álbum difundiu a música da África do Sul e recuperou a carreira de Simon.

6. **BORN IN THE U.S.A.** — Bruce Springsteen (84) — O disco, a música e a turnê de dezesseis meses transformaram-se no grande acontecimento que os fãs de Springsteen esperavam há uma década. Um músico influente de New Jersey se transformava no maior rock star do planeta — e num legítimo mito americano.

7. **THRILLER** — Michael Jackson (82) — Já foram vendidas mais de quarenta milhões de cópias no mundo todo. No auge da michaelmania em 84, eram vendidos um milhão de discos por semana. "Antes de Michael, nenhum artista negro havia vendido tanto. Ele foi o primeiro" — diria Quincy Jones, produtor do LP.
8. **MURMUR** — R.E.M. (83) — Os integrantes do R.E.M. incorporaram elementos do folk e da *country music* em um pop ora reluzente, ora fosco. O som do grupo serviu como modelo para as bandas do underground americano durante toda a década.
9. **SHOOT OUT THE LIGHTS** — Richard and Linda Thompson (82) — Toda a intensidade da folk music inglesa está presente em canções como "Walking on Wire" ou "Back Street Slide". Este é o melhor disco feito pelo casal, que se separou logo depois.
10. **TRACY CHAPMAN** (88) — O realismo árido das composições de Tracy, aliado aos seus vocais calorosos e ricos em texturas, trouxeram uma inegrável refrescância para a pop music.
11. GET HAPPY!! — Elvis Costello (80)
12. IT TAKES A NATION OF MILLIONS TO HOLD US BACK — Public Enemy (88)
13. DIESEL AND DUST — Midnight Oil (87)
14. SO — Peter Gabriel (86)
15. LET IT BE — Replacements (84)
16. 1999 — Prince (82)
17. SYNCHRONICITY — Police (83)
18. DIRTY MIND — Prince (80)
19. NEW YORK — Lou Reed (89)
20. PRETENDERS (80)
21. RAIN DOGS — Tom Waits (85)
22. THE SMITHS (84)
23. RED — Black Uhuru (81)
24. LOS ANGELES — X (80)
25. TUNNEL OF LOVE — Bruce Springsteen (87)
26. BACK IN BLACK — AC/DC (80)
27. APPETITE FOR DESTRUCTION — Guns N'Roses (87)
28. CONTROL — Janet Jackson (86)
29. DOUBLE FANTASY — John Lennon e Yoko Ono (80)
30. HOW WILL THE WOLF SURVIVE? — Los Lobos (84)
31. AVALON — Roxy Music (82)
32. UH-HUH — John Cougar Mellencamp (84)
33. ZEN ARCADE — Hüsker Dü (84)
34. TATTOO YOU — Rolling Stones (81)
35. KILL 'EM ALL — Metallica (83)
36. RAPTURE — Anita Baker (86)
37. MIDNIGHT LOVE — Marvin Gaye (82)
38. IMPERIAL BEDROOM — Elvis Costello (82)
39. ELIMINATOR — ZZ Top (83)
40. WAR — U2 (83)
41. DOCUMENT — R.E.M. (87)
42. STRONG PERSUADER — Robert Cray Band (86)
43. NEBRASKA — Bruce Springsteen (82)
44. OH MERCY — Bob Dylan (89)
45. DAYDREAM NATION — Sonic Youth (88)
46. PETER GABRIEL (80)
47. PRIVATE DANCER — Tina Turner (84)
48. SKYLARKING — XTC (87)
49. CRAZY RHYTHMS — Feelies (80)
50. MADONNA (83)
51. RUN D.M.C. (84)
52. MAKING MOVIES — Dire Straits (80)
53. BRING THE FAMILY — John Hiatt (87)
54. SPEAKING IN TONGUES — Talking Heads (83)
55. CENTERFIELD — John Fogerty (85)
56. CLOSER — Joy Division (80)
57. EMPTY GLASS — Pete Townshend (80)
58. THE INDESTRUCTIBLE BEAT OF SOWETO — Vários (86)
59. COMPUTER GAMES — George Clinton (82)
60. THE BLUE MASK — Lou Reed (82)
61. DOC AT THE RADAR STATION — Captain Beefheart (80)
62. PYROMANIA — Def Leppard (83)
63. ENTERTAINMENT! — Gang of Four (80)
64. VIVID — Living Colour (88)
65. IN MY TRIBE — 10,000 Maniacs (87)
66. FIYO ON THE BAYOU — Neville Brothers (81)
67. TROUBLE IN PARADISE — Randy Newman (83)
68. THE SPECIALS (79)
69. RADIO — L.L. Cool J (85)
70. TRAVELING WILBURYS VOLUME 1 (88)
71. CROWDED HOUSE (86)
72. MARSHAL CRENSHAW (82)
73. BUILDING THE PERFECT BEAST — Don Henley (84)
74. SIGN O'THE TIMES — Prince (87)
75. SHE'S SO UNUSUAL — Cyndi Lauper (83)
76. SECOND EDITION — Public Image Ltd. (80)
77. ROBBIE ROBERTSON (87)
78. DARE — Human League (82)
79. GUITAR TOWN — Steve Earle (86)
80. SUZANNE VEGA (85)
81. 1984 — Van Halen (84)
82. EAST SIDE STORY — Squeeze (81)
83. LET'S DANCE — David Bowie (83)
84. FAITH — George Michael (87)
85. FREEDOM — Neil Young (89)
86. THE RIVER — Bruce Springsteen (80)
87. STEEL WHEELS — Rolling Stones (89)
88. LIVES IN THE BALANCE — Jackson Browne (86)
89. WHO'S ZOOMIN' WHO? — Aretha Franklin (85)
90. ...NOTHING LIKE THE SUN — Sting (87)
91. LYLE LOVETT (86)
92. FULL MOON FEVER — Tom Petty (89)
93. THE NIGHT I FELL IN LOVE — Luther Vandross (85)
94. POWER, CORRUPTION & LIES — New Order (83)
95. SCARECROW — John Cougar Mellencamp (85)
96. COLOUR BY NUMBERS — Culture Club (83)
97. THE MONA LISA'S SISTER — Graham Parker (88)
98. LABOUR OF LOVE — UB 40 (83)
99. WHAT'S UP, DOG? — Was (Not Was) (88)
100. SUN CITY — Artists United Against Apartheid (85)

TITÃS

O-BLESQ-BLOM

BLÉSQ

blom

NOVO LP
JÁ NAS
LOJAS

A DUPLA DO BARULHO.

"Eu faço a maior chanchada. Mas não sou o Oscarito". Gilberto Fernandes, ator, só imita quem admira.

QUEM TEM OUROCARD TEM ACESSO AOS TERMINAIS ELETRÔNICOS PARA SAQUES, DEPÓSITOS E OUTRAS OPERAÇÕES; TEM DINHEIRO NO ATO, A QUALQUER HORA, ATRAVÉS DO CAIXA-OURO E TEM CARTÃO DE CRÉDITO E DE GARANTIA DE CHEQUE NUM SÓ. ELE FOI O PRIMEIRO CARTÃO DE MÚLTIPLO USO LANÇADO NO PAÍS. DEPOIS DELE, SURGIRAM OUTROS, ATÉ PARECIDOS, QUE TAMBÉM TÊM MUITAS VANTAGENS.
MAS SÓ QUEM TEM OUROCARD TEM O BANCO DO BRASIL.
E TEM A EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL DA VISA.
BANCO DO BRASIL E VISA INTERNACIONAL.
COM UMA DUPLA ASSIM, VOCÊ ESTÁ SUPER GARANTIDO PRO QUE DER E VIER.

QUEM TEM VALE OURO.

BANCO DO BRASIL

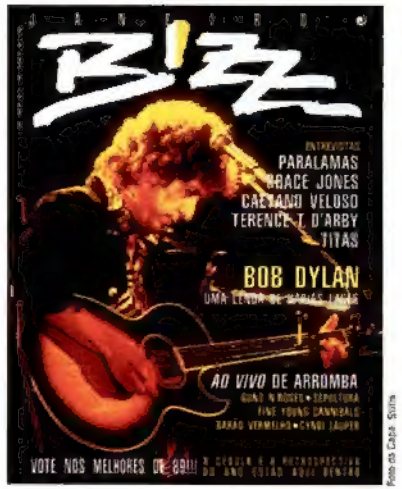
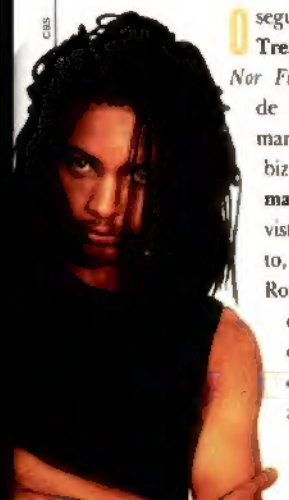


Foto da Capa: Sony

As melhores notícias sempre ficam para o final. O maior destaque internacional da segunda versão do Hollywood Rock teve sua presença anunciada na última hora. **Bob Dylan**, que surpreendeu a crítica com seu último LP, *Oh Mercy*, será a primeira lenda viva e ativa dos anos 60 a pisar nos palcos brasileiros. A ocasião merece uma comemoração dupla nesta edição de BIZZ. Uma seleção das letras que fizeram sua fama como um dos poetas mais sofisticados da história do rock está no suplemento especial. **Ana Maria Bahiana** complementa com uma análise minuciosa de sua vida e obra, dissecando todas as fases da carreira do cantor/compositor. Na página 24.

Caetano Veloso não é o tipo de artista que prefere a acomodação ao risco. O LP *Estrangeiro* confirmou mais uma vez a inquietude característica de sua obra. **Antonio Carlos Miguel** venceu sua relutância em falar com a imprensa e obteve o balanço que está na pág. 28.

Marcos Bonissoni/Arq



CBS

O segundo disco de **Terence Trent D'Arby**, *Neither Fish Nor Flesh*, provou que, atrás de toda a provocação que marcou sua estréia no show-biz, havia um artista. **Ana-maria G. de Lemos** entrevistou-o em seu apartamento, perto da famosa King's Road londrina, numa sala de estar "do tamanho de um salão de baile", com Stones de música ambiente. Na pág. 14.

4 SHOWBIZZ

12 PARADA

18 PARALAMAS DO SUCESSO
por *Lorena Calabria*

34 TITÃS – PARTE III
por *Lorena Calabria*

40 GRACE JONES
por *José Emilio Rondeau*

42 RETROSPECTIVA 89

48 DANCE MUSIC
por *José Roberto Mahr*

50 CONEXÃO BRASIL

52 AO VIVO
Guns N' Roses, Fine Young Cannibals

59 DISCOS
Legião Urbana, Tracy Chapman, The Pogues

70 LETRAS
"Poison in the Well", 10,000 Maniacs

72 CARTAS

74 DISCOTECA BÁSICA
Tago Mago, Can

PARADA

CONVENÇÕES:

( ) Indica a posição na Parada anterior
(N) Indica novidade na Parada
(R) Indica retorno à Parada

Leitor! Sua participação é importante na Parada BIZZ! Escreva para a Redação da revista BIZZ (Parada do Leitor), Caixa Postal 60081, CEP 05086, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.

LEITORES

1. *A Night to Remember* (15) — **Cyndi Lauper** — CBS
2. *G N'R Lies* (R) — **Guns N'Roses** — WEA
3. *Disintegration* (6) — **The Cure** — PolyGram
4. *Technique* (1) — **New Order** — WEA
5. *O Blêq Blom* (N) — **Titãs** — WEA
6. *Information Society* (2) — **Information Society** — Sidéreo
7. *Into the Dragon* (4) — **Bomb the Bass** — Sidéreo
8. *Steel Wheels* (N) — **Rolling Stones** — CBS
9. *Kid* (N) — **Kid Abelha** — WEA
10. *The Innocents* (N) — **Erasure** — WEA
11. *Cadhupe* (R) — **Nenhum de Nós** — BMG-Ariola
12. *Like a Prayer* (5) — **Madonna** — WEA
13. *Batman* (N) — **Prince** — WEA
14. *Another Place and Time* (N) — **Donna Summer** — WEA
15. *Tin Machine* (N) — **Tin Machine** — EMI-Odeon
16. *Flowers in the Dirt* (N) — **Paul McCartney** — EMI-Odeon
17. *Life's too Good* (R) — **Sugarcubes** — WEA
18. *Sob o Sol de Paradas* (N) — **Lobão** — BMG-Ariola
19. *Introspective* (7) — **Pet Shop Boys** — EMI-Odeon
20. *Foreign Affair* (N) — **Tina Turner** — EMI-Odeon

Lojas consultadas: Cânhoto Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte); Modern Sound (Rio de Janeiro); Barateiro Affins, Musical Rair e Yabba Dabba Doo (São Paulo).

LOJAS

1. *O Blêq Blom* (N) — **Titãs** — WEA
2. *As Quatro Estações* (N) — **Legião Urbana** — EMI-Odeon
3. *...And Justice for All* (9) — **Metallica** — EMI-Odeon
4. *Pimenta Parada* (N) — **Marina** — PolyGram
5. *Sanguinha Nova* (N) — **Vários** — Eldorado
6. *Anamella* (N) — **Miles Davis** — WEA
7. *Brasil* (N) — **Ratos de Porão** — Eldorado
8. *Batman* (N) — **Prince** — WEA
9. *Conspiracy* (N) — **King Diamond** — Eldorado
10. *Waltz Darling* (10) — **Malcolm McLaren** — CBS
11. *The Seeds of Love* (N) — **Tears for Fears** — PolyGram
12. *Anarrancamama* (N) — **The Beatmasters** — Sidéreo
13. *Cookers International* (N) — **Erasure** — WEA
14. *I Feel High and Rising* (N) — **De La Soul** — Sidéreo
15. *Steel Wheels* (2) — **Rolling Stones** — CBS
16. *Forever Your Girl* (N) — **Paula Abdul** — EMI-Odeon
17. *Letter from Home* (N) — **Pat Metheny** — WEA
18. *Club Classics Vol.1* (15) — **Soul II Soul** — EMI-Odeon
19. *We Too Are One* (N) — **Eurythmics** — BMG-Ariola
20. *Beneath the Remains* (14) — **Sepultura** — Eldorado

LPs (EUA)

1. (N) *Rhythm Nation 1814* — **Janet Jackson** (A&M)
2. (1) *Girl You Know It's True* — **Milli Vanilli** (Arista)
3. (4) *Steel Wheels* — **Rolling Stones** (Columbia)
4. (7) *Dr. Feelgood* — **Motley Crue** (Elektra)
5. (N) *Pump* — **Aerosmith** (Geffen)
6. (3) *Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)
7. (N) *The Seeds of Love* — **Tears for Fears** (Fontana)
8. (N) *Crossroads* — **Tracy Chapman** (Elektra)
9. (2) *Hangin' Tough* — **New Kids on the Block** (Columbia)
10. (5) *Full Moon Fever* — **Tom Petty** (MCA)

LPs (GB)

1. (N) *Enjoy Yourself* — **Kylie Minogue** (PWL)
2. (N) *Crossroads* — **Tracy Chapman** (Elektra)
3. (N) *The Sensual World* — **Kate Bush** (EMI)
4. (N) *Deep Heat 4 — Play With Fire* — **Vários** (Telstar)
5. (N) *Wild!* — **Erasure** (Mute)
6. (N) *The Seeds of Love* — **Tears for Fears** (Fontana)
7. (N) *Foreign Affair* — **Tina Turner** (Capitol)
8. (N) *The Time* — **Bros** (CBS)
9. (N) *Cuts Both Ways* — **Gloria Estefan** (Epic)
10. (N) *Scarlet and Other Stories* — **All About Eve** (Mercury)

LPs independentes (GB)

1. (N) *Here Today, Tomorrow...* — **Sugarcubes** (One Little Ind.)
2. (8) *Quadrastate* — **808 State** (Creed)
3. (4) *The Stone Roses* — **The Stone Roses** (Silvertone)
4. (N) *Taste* — **The Telescopes** (What Goes On)
5. (N) *Wild!* — **Erasure** (Mute)
6. (N) *Enjoy Yourself* — **Kylie Minogue** (PWL)
7. (N) *Bummed* — **Happy Mondays** (Factory)
8. (N) *Sear* — **Lush** (4 AD)
9. (N) *Sell Me a God* — **Eat** (Fiction)
10. (N) *I* — **AR Kane** (Rough Trade)

Compactos (EUA)

1. (N) "Listen to Your Heart" — **Roxette** (EMI)
2. (N) "Cover Girl" — **New Kids on the Block** (Columbia)
3. (N) "Sowing the Seeds of Love" — **Tears for Fears** (PolyGram)
4. (N) "When I See You Smile" — **Bad English** (Epic)
5. (N) "The Way that You Love Me" — **Paula Abdul** (Virgin)
6. (N) "Love in a Elevator" — **Aerosmith** (Geffen)
7. (N) "Rock Wit'cha" — **Bobby Brown** (MCA)
8. (3) "Miss You Much" — **Janet Jackson** (A&M)
9. (N) "Love Shack" — **B-52's** (Reprise)
10. (N) "Blame It on the Rain" — **Milli Vanilli** (Arista)

Compactos (GB)

1. (1) "Ride on Time" — **Black Box** (de Construction)
2. (N) "That's What I Like" — **Jive Bunny** (Music Factory)
3. (N) "Girl I'm Gonna Miss You" — **Milli Vanilli** (Cooltempo)
4. (N) "Street Tuff" — **Rebel MC & Double Trouble** (Desire)
5. (9) "Pump Up the Jam" — **Technotronic** (Swanyard)
6. (N) "We Didn't Start the Fire" — **Billy Joel** (CBS)
7. (N) "Leave a Light On" — **Belinda Carlisle** (Virgin)
8. (N) "Wishing on a Star" — **Fresh 4 featuring Lizz E** (10)
9. (N) "The Road to Hell" — **Chris Rea** (WEA)
10. (N) "If I Could Turn Back Time" — **Cher** (Geffen)

Compactos independentes (GB)

1. (N) "Street Tuff" — **Rebel MC & Double Trouble** (Desire)
2. (N) "Drama!" — **Erasure** (Mute)
3. (N) "WFL" — **Happy Mondays** (Factory)
4. (N) "Eve Knows" — **De La Soul** (Big Life)
5. (N) "Barging Into the Presence..." — **Pale Saints** (4 AD)
6. (N) "Love on a Mountain Top" — **Sinitta** (Fanfare)
7. (N) "Real Wild House" — **Raul Orellana** (BCM)
8. (5) "Find Out Why" — **Inspiral Carpets** (Cow)
9. (8) "Mantra for a State of Mind" — **S'Express** (Rhythm King)
10. (N) "Soul Trader" — **The Hypnotics** (Situation 2)

Fontes: *Billboard* e Cash Box (EUA); Michels Media e Arte Musical Express (GBs de 04 a 25/11/89). Para a Parada dos Leitores foram considerados os votos recebidos até 30/11/89.

AS CARTAS NA MESA

Um blefe arrogante?

TERENCE

TRENT D'ARBY

volta à carga para

provar que não...

"É melhor que *Sgt. Pepper's*. É o disco de estréia mais brilhante dos últimos dez anos."

Soa como exagero habitual de críticos entusiasmados, mas saiu da boca do próprio Terence Trent D'Arby, comentando *Introducing the Hardline According to...*

O disco vendeu seis milhões de cópias, Terence ganhou um Grammy como melhor artista de rhythm'n'blues, espaço garantido na imprensa e, aos 24 anos, realizou seu sonho de infância: tornar-se um pop star.

O filho mais velho de um sacerdote pentecostal, Benjamin, e uma professora e cantora de gospel, Frances, nasceu em Nova York, em 62. Começou a cantar aos seis anos. Benjamin não permitia nem televisão nem música que não fosse religiosa, mas o pequeno Terence mantinha um radinho escondido em seu quarto, no qual ouvia Rolling Stones, Beatles, Sly and the Family Stone, Jackson Five, Rod Stewart, Chic, Parliament, Funkadelic e James Brown.

Na escola, ele continuou treinando a voz no coral The Sounds of the Seventies. Aos quartoze anos, porém, descobriu o boxe e parou de cantar. Terence queria entrar para o exército com a intenção de se aprimorar como pugilista, mas o pai o pressionou a cursar uma universidade. Ele freqüentou a faculdade de Jornalismo durante um ano, tempo suficiente para que completasse dezoito e pudesse vestir a farda.

Como Elvis Presley, foi servir na Alemanha, em Hamburgo. Acabou desistindo do ringue e retomou a antiga paixão, integrando um grupo funk chamado Touch. Desde a adolescência, ele sempre "tinha músicas na cabeça", mas foi aí que elas começaram a ganhar forma. Uma amostra destas primeiras tentativas está em *The Touch*, recusado na época pela gravadora e lançado recentemente, inclusive no Brasil.

Até ser dispensado do exército, em 83, Terence se apresentava pelos clubes noturnos de Hamburgo. Seu empresário ajudava na preparação para tomar o mundo de assalto submetendo-o a uma dieta rigorosa à base de soul. Entre o período de residência na Alemanha e a aparição na Inglaterra, muito pouco se sabe sobre sua vida, e ele prefere cultivar o mistério.

A estratégia deu certo. Quando *Introducing...* veio à luz, podia-se tomar qualquer atitude, menos ignorá-lo. Algumas pessoas desconfiaram de tanto barulho, mas o fato é que Terence Trent D'Arby tinha se tornado uma celebridade quase da noite para o dia. A expectativa em relação ao segundo LP era, naturalmente, monstruosa. Teria o garoto carife para tanta pose?

O suspense se manteve até outubro passado. Uma semana antes de *Neither Fish Nor Flesh* chegar às lojas, apareceu um compacto creditado a um tal E.G. O'Reilly — um disfarce logo revelado. Mais uma vez todas as atenções estavam voltadas para ele.

A segunda investida em vinil de Terence foi recebida com perplexidade. Gravado em Dublim, Irlanda (no mesmo estúdio utilizado pelo U2), o disco provou sua capacidade de engendrar viradas de estilo, provocando o assombro geral.

A influência dos anos 60 veio da audição diária de *Pet Sounds*, dos Beach Boys (66). Os elementos

"Você pode ver. Não há espelhos espalhados pelo apartamento"

psicodélicos, através da experiência com cogumelos alucinógenos em um tanque de flutuação, que conhecera no filme *Viagens Alucinantes* (Ken Russell). Menos arrogante, o "gênio" de 87 agora é o "visionário" que acredita estar predestinado a anunciar os caminhos da música na próxima década.

Como você vê seu primeiro álbum hoje em dia?

Não sei... De certa forma, vejo este novo álbum como meu primeiro disco, pois é o que eu teria feito em *Introducing the Hardline...* se tivesse tido maior controle sobre ele. Algumas idéias teriam aparecido antes. Do ponto de vista das composições, sinto muito orgulho dele — mas posso dizer o mesmo de *Neither Fish Nor Flesh*. Tenho certeza de que significa um passo à frente na direção de meu próprio estilo.

Você esperava tamanho sucesso?

Sim... A única alternativa era nenhum sucesso.

Mas houve algum momento em que você sentou para compor com a intenção de fazer hits?

Não, não acontece assim. Eu penso em termos de músicas, não de compactos — essas coisas tomam conta de si mesmas. Se você tem algum instinto comercial, de cada punhado de composições, fatalmente alguma delas se tornará um hit. Mas eu vejo cada música como... O que faz dela um compacto em potencial? Que música pode ser comercial antes de ser comprada? Não dá para saber o que o público vai aceitar ou não, é impossível prever. A única maneira seria tentar copiar algo que esteja fazendo sucesso. Mas aí você corre o risco de chegar tarde demais e a fórmula já estar gasta...

Sua entrada no universo pop foi, no mínimo, bombástica — "Eu sou um gênio"...

(*risos*) Acho que essa atitude veio do fato de eu saber quantas pessoas, no passado, haviam lançado discos de estréia muito bons — alguns melhores que o meu — sem nunca chegarem a lugar nenhum. Pensei: "Bem, faça o que puder para ter certeza de que as pessoas não vão ignorá-lo". Sinto que a maneira como conduzi a questão garantiu que as pessoas comprassem o disco. Eu fiz o que fiz. Tentar fazer esse disco duas vezes não teria sentido artístico para mim. Talvez fizesse sentido de outro ponto de vista, mas eu não sou um homem de negócios...

A faixa-título do novo disco expressa claramente uma recusa de ser rotulado...

Sim, entre outras coisas. Não dá para impedir as pessoas de fazerem isso. Somos todos preguiçosos, acabamos rotulando tudo e todos, mas acho que tenho o direito de não aceitar uma definição de mim mesmo feita por outra pessoa.

***Neither Fish Nor Flesh* é mesmo uma surpresa para quem esperava "Wishing Well" Parte II, por exemplo...**

É, talvez tenha sido isso o que causou alguns problemas (N. da R. — *Circularam vários boatos de que o disco teria tido seu lançamento atrasado pela gravadora, insatisfeita com um material que considerava destituído de canções pop*). As pessoas colocam você num pacote e não conseguem se adaptar com a rapidez necessária quando você sai dele.

De quem você está falando? Da gravadora, da imprensa ou de ambas?

Basicamente de ambas. Isso torna as coisas mais fáceis para eles, mas eu não nasci para facilitar a vida da gravadora nem da imprensa. As pessoas devem fazer o que acham que têm de fazer. Um encanador não tem sua atividade regulada pela imprensa. Por que eu deveria ter? Sou um artista e acho que esquecemos que... Às vezes, nós, artistas, nos preocupamos demais com o que os jornalistas pensam. Para ser honesto com você, o que você ou outro jornalista acha do disco não é nem mais nem menos importante do que a opinião de qualquer outra pessoa. A diferença é que sua opinião é lida por um número maior de pessoas. Mas continua sendo a opinião de uma só pessoa. Às vezes, um jornalista fala mal do disco simplesmente porque não gosta dele, e aí está sendo justo. Só que muitas vezes não tem nada a ver com isso. Talvez não goste de você pessoalmente. Talvez ele não goste de algo que você tenha dito numa entrevista... Não dá para levar a sério, porque você nunca sabe quando alguém está sendo honesto e sincero ou quando está sendo apenas mordaz. Você lê coisas como: "Ele foi muito indulgente e não deveria ter feito isso em seu próprio disco". Quem tem autoridade para dizer uma coisa dessas?

Você não acha que isso acontece porque a música pop está relacionada com um universo muito mais amplo do que apenas música em si?

Sim, o melhor pop é geralmente música e atitude, o que eu acho *cool* e ótimo. Isso é rock'n'roll, é música e é atitude.

Quando você começou a compor este disco?

O contorno geral começou a se formar em meu consciente junto com o primeiro álbum. As músicas apareceram depois. Eu primeiro delineio a forma e o feeling do disco e mais tarde aparecem as músicas individualmente. É por isso que elas são tão ligadas entre si, foi assim que eu ouvi o disco na minha cabeça. Não é um álbum conceitual, e sim o jeito que eu o ouvia. Quando eu estava crescendo, adorava ouvir Stevie Wonder. Nos discos dele as músicas sempre vão diretamente de uma para outra. Formam um movimento contínuo. Foi por isso que o fiz assim.

Em todas as entrevistas que você tem dado, o texto de abertura diz algo como: "Ele está de volta, e ele mudou". Foi um período de muitas mudanças pessoais?

Acho que qualquer pessoa muda em dois anos. As coisas acontecem rapidamente. As pessoas que me conheciam antes e me vêem agora são mais capazes de julgar do que eu. Estou ocupado demais vivendo, não posso parar e dizer "oh, eu mudei". É algo que os outros notam.

Sua voz também mudou, se expandiu...

Com o tempo, a voz cresce. Quando você está em turnê, se você não acabar com sua voz, ela se torna mais forte. Eu estava amadurecendo como artista e como cantor. Entrei no estúdio com maior segurança.

Parece haver também uma preocupação política maior...

Acho que é mais sócio-política do que política com P maiúsculo. Há três preocupações básicas no disco, eu acho... É um disco muito sensual, muito espiritual e muito sociológico. Estas são as três linhas presentes.

Você acha que a música hoje em dia não oferece direções?

Não sei se é possível direcionar as pessoas.

O que você diria dos anos 60, então?

Sim, mas aí havia músicos formados por um determinado tipo de sociedade, da mesma maneira que a lenha na fogueira é alterada pelo fogo. Quando o fogo está ardendo numa determinada cultura, queima as pessoas e propicia uma percepção mais aguda do que em épocas normais — como a década de 80, em que nada aconteceu. Agora a religião é o dinheiro, a cobiça. Quando você tem uma época como os anos 60, mais pessoas são marcadas por ela e mais pessoas têm algo mais forte a dizer, porque estão vivendo uma época mais forte.

O que você acha da atual dominação da dance music nas paradas?

Boa música é boa música. Se alguém faz um grande disco, não importa se é dance music ou country... Essas coisas não são importantes. Estamos vivendo uma das épocas mais conservadoras desde aquela anterior ao punk. Há bons discos, mas a maioria não é grande coisa...

Mas a dance music é um terreno em que coisas muito criativas estão acontecendo...

Sim, ela sempre foi assim, mas é a mídia que decide dar atenção a ela, tipo "não está acontecendo nada, não há nada novo no rock, então vamos voltar nossa atenção para a dance music". Tem sido assim desde o início do rock'n'roll. As inovações nunca deixaram de acontecer na dance music.

Mas há também uma explosão da cultura negra, principalmente com o hip hop...

A grande maioria da dance music sempre teve a ver com a cultura negra, mas ela só recebe atenção quando não há nada mais acontecendo. Quando você falou em dance music, eu pensei mais em acid house. É claro que o hip hop foi a força musical dominante da década de 80 — alimentou todo o resto, sem dúvida. Também há coisas interessantes na acid, mas não tem muito a ver comigo.

Como é que você lida com o fato de ser um sex symbol?

Eu não lido com o fato (*risos*). Apenas significa que eu talvez não tenha medo de chegar numa mulher e conversar com ela, se a achar interessante. Me dá mais confiança... Você pensa "bem, talvez eu não seja a pessoa mais repulsiva do mundo" (*risos*). Mas eu não fico sentado em casa pensando nisso. Você pode ver, não há espelhos espalhados pelo apartamento (*risos*).

Você pretende trabalhar como ator?

Eu recebi várias propostas. É como uma mulher bonita e rica que recebe várias propostas de casamento. Ela sabe que isso é lisonjeiro, mas espera pelo homem certo. Não é porque alguém diz "ei, eu tenho um filme para você" que eu vou aceitar.

Como você vê esse poder que os pop stars, como figuras públicas, têm sobre as pessoas?

É a música que tem o poder. Os anos 60 não seriam os mesmos sem a trilha sonora que proporcionou aquele incentivo, aquela inspiração extra. O mesmo aconteceu com o punk... A música e a cultura punk instigaram as mudanças que ocorreram na sociedade. As pessoas viveram aquilo e viraram parte de uma tribo. Pense bem, se você for num clube de acid house... O que mais tem o poder de juntar pessoas de todos os lugares diferentes numa pista de dança, se movendo ao som do mesmo ritmo?

Qual é o seu balanço dos anos 80?

A única coisa realmente empolgante que aconteceu foi o hip hop. Poucas bandas de rock'n'roll interessantes apareceram. A única pessoa que, como um artista individual, inovou consistentemente na linha de frente foi Prince. Ele se desafiou e tentou constantemente confundir as pessoas, sem se repetir. Acho Michael Jackson um gênio como performer, mas ele não se arrisca criativamente. Nem todo mundo quer correr riscos, nem todo mundo quer lidar com essa responsabilidade. Prince foi o único que desafiou a norma.

Então suponho que você não se importe com as comparações entre você e Prince...

Depende de como tentem me comparar. Algumas pessoas fazem isso de forma a parecer que eu estou tentando copiá-lo. Essas não estão fazendo esforço nenhum para entender o que eu faço. Entendo as comparações, somos preguiçosos, e Prince era a única pessoa que não era facilmente rotulável. Mas não estou tentando ser como Prince, estou tentando ser eu mesmo. Tenho muito respeito por ele.

Como você acha que serão os anos 90?

Mais empolgantes. De certa maneira, poderão ser como os 60. Acho que há uma conscientização espiritual e social surgindo. Tivemos muitas mudanças no mundo, em todos os lugares, como o que aconteceu na China, na Europa Oriental, os conflitos raciais que estão ocorrendo nos Estados Unidos... Essas mudanças fornecerão o fogo que deixará sua marca nos artistas, os tornará mais passionais.

Tenho certeza de que você vai gostar do público brasileiro.

Acho que vou gostar dos brasileiros. Nunca estive lá, mas conheço a reputação (*risos*).

ANTIMANIA © DO TEMPO

"Não estou tentando ser como o Prince"

Mauricio Valladares Azul

FEIJOADA COMPLETA

O caldeirão rítmico dos PARALAMAS caiu no gosto europeu. Agora, com Big Bang – o sexto disco –, o trio volta a rodar nas pistas de uma estrada intercontinental

O que vocês acham de ter de fazer um disco todo ano?

Herbert Muita gente pensa assim: "Qual a nova onda? Como fazer sucesso?" Sinceramente, não é o nosso caso. Fazer música é uma necessidade. Eu posso tranqüilamente, no futuro, fazer outra coisa se o sucesso se tornar pesado, se der no saco. Sei lá, poderia ser carpinteiro... qualquer coisa. Não vivemos pelo *business*, e sim porque gostamos de tocar. Outro dia, eu comentei este tipo de pressão com o Renato (*Russo*). Você não pode viver vinte anos em um, todo ano, porque custou mais de vinte anos de vida para fazer seu primeiro disco. Depois, você é meio prensado a viver isso tudo em um ano. Ninguém consegue. Tem de dar um tempo para viver. Tem horas que alguém me diz: "Você não está fazendo porra nenhuma!" Mas eu preciso disso, porque assim posso olhar as coisas, ver filmes, ler, ir para a rua. Quando você está trabalhando, o que pode escrever sobre quartos de hotel e aeroportos? Então, precisa ir para a rua, tomar umas porradas.

Você confessou ter passado por fases sem inspiração...

Herbert Por incrível que pareça, já comecei a rascunhar coisas novas. Eu tive um problema logo depois do *Passo do Lui* (84). Fizemos muito sucesso naquela época...

Barone Ele ficou traumatizado!

Herbert Foi um sucesso muito grande, a ponto de lotarmos o Gigantinho (*ginásio porto-alegrense*) duas vezes na mesma noite, com dezessete mil pessoas em cada show. Até hoje ninguém fez isso.

Barone Nem a gente!!!

Herbert Quando voltamos com *Selvagem*, que vendeu mais do que o *Passo do Lui*, colocamos quatro mil. Foi um momento muito raro, com o Rock in Rio a banda tinha virado mania. Comecei a pensar: "E agora? Eu não tenho mais nada a dizer". Aí aconteceu o acidente com o João e tivemos de parar por um ano praticamente.

Barone Precisávamos parar porque estávamos a mil por hora. Tenho meia dúzia de parafusos na perna, mas tudo bem. Carinhosamente, meu apelido é Robocop.

Herbert Atualmente sabemos controlar o trabalho e a forma como vivemos. Estamos passando por uma fase superfértil.

Por que *Big Bang*? O disco não ia se chamar *Rumo ao Planeta Ovo*?

Herbert Eu andei lendo sobre as teorias que explicam a origem do universo e a mais aceita é a de que tenha havido uma grande explosão — chamada pelos astrônomos de "big bang". Na música "Polvora" eu falo sobre isso. Foi o João que escolheu o nome. Estávamos em dúvida, chegou a ficar pronta uma outra capa, com outro título.

Barone Para nós, o mais árduo é dar nomes para músicas e discos. Às vezes temos de ficar batendo a cabeça.

Herbert *Rumo ao Planeta Ovo* sempre foi o título dos nossos discos até o último momento. É uma brincadeira entre nós. Todo mundo achou uma babaquice.

Barone E não era muito convincente para o grande público... assim como o nome Paralamas do Sucesso que é um *nonsense*.

Herbert Se fossemos escolher um nome hoje iríamos pensar mais. Paralamas do Sucesso passou a ter um outro significado. Ninguém para e pensa o que ele quer dizer. Mas quando vamos para fora do país e temos de explicar... "aquilo que cobre as rodas do carro."

Barone Quando traduzimos para Defenders of Success, pensam que é algo como Defensores do Sucesso.

O atual interesse pela chamada *world music* contribui para a penetração dos Paralamas no mercado internacional?

Herbert Se fosse dez anos atrás... É isso que eu chamo sorte.

Barone É um fator catalisador. Todo mundo está de saco cheio do *mainstream*, buscando novidade.

Herbert Pelo menos, os povos que dominam o mundo vão conhecendo um pouco mais o resto do planeta através da música. Se estivéssemos fazendo exatamente o que fazemos hoje na época do punk ou do progressivo nunca teríamos saído do Brasil.

Na primeira vez que vocês foram tocar no exterior, quais eram as expectativas?

Todos Nenhuma!!!

Bi Fomos convidados a tocar na Argentina e aceitamos.

Herbert Na verdade, desde 86 estamos carregando um piano lá fora. Chegamos praticamente sem nenhuma estrutura, carregando os amplificadores, tocando em lugares pequenos. Hoje somos muito conhecidos nos países da América do Sul, mas estamos começando a entrar na Europa. Não é um sucesso mas é um começo. Lá fora, você tem uma hora no palco para provar que é bom. Redescobrimos isso: não nos apoiarmos no fato de sermos uma banda conhecida.

E fora da Europa e da América do Sul?

Herbert Os EUA estão surpreendendo! Existe um público latino muito grande. Conseguimos um retorno de jornais e revistas que não esperávamos. Recentemente, um amigo voltou de lá e disse que viu fragmentos dos nossos clips durante uma entrevista do David Byrne na MTV. Mas ainda acho que o caminho natural é a Europa, principalmente a França, porque as pessoas são mais abertas.

O que já foi ou está para ser lançado por lá?

Barone Em 88, pintou a idéia de uma espécie de Best of Paralamas" com regravações, o David Byrne na produção e letras traduzidas para o inglês. Acabou virando um projeto mais modesto: regravar "Alagados" em inglês e lançar um compacto de doze polegadas. Houve um desencontro na agenda e só encontramos com o Byrne agora. Ele está superocupado, mas o projeto continua em vista, agora com a possibilidade de ser cantado em português mesmo.

Herbert A produção poderá ser do Steve Lillywhite. Tem uma história curiosa. Fomos tocar no New Music Seminar, em Nova York. O David Byrne entrou no camarim depois do show, mas estava tão cheio que o nosso empresário barrou as pessoas que estavam atrás dele. E o Byrne falou: "Deixa entrar um amigo meu, o Steve Lillywhite". Era um cara louro, baixinho. Quase caímos para trás. Está tudo filmado em video-8, a nossa cara de pateta. O Steve ficou muito entusiasmado. Na semana seguinte, fui gravar "Ol' Ice Cowboy", faixa do *Rei Momo*, do David Byrne. O Steve, como produtor, me ajudou tanto a fazer a voz que muitas coisas desse nosso disco eu devo a ele.

Barone Antes desse encontro com o Byrne, o *Bora Bora* havia saído nos EUA e agora está sendo lançado na Europa pelo Intuition, um selo alemão. Tem uma mulher, a Vera, dona da gravadora, que é fissurada nos Paralamas e está fazendo um puta trabalho.

Bi Saiu ainda uma compilação na Europa dos nossos três primeiros discos. A seleção foi feita por nós. Quando tocamos em Montreux, fora da noite brasileira, foi tudo gravado e a Vera queria lançar um disco ao vivo. Pedimos para que fosse lançado o *Big Bang*, já que o repertório era o mesmo.

Vocês acham que a língua chega a ser um entrave?

Barone Está deixando de ser por causa da *world music*. Não querem nem saber o que estamos cantando.

Bi No verão europeu, a música mais vendida era cantada em português. (*"Lambada", com o grupo Kaoma*). É o golpe da lambada!

Herbert O que pode ser feito, e facilitaria muito, são versões em espanhol, uma língua muito próxima. Existe um preconceito muito grande contra o espanhol. Em todos os países da América do Sul acontecem coisas tão legais quanto Legião, Titãs, mas pertinentes à realidade local. Olhando como estrangeiro, você pode até dizer que parece U2. Mas quantas bandas no Brasil não parecem com isso e aquilo? É o que pode ser chamado de valor absoluto, o que significa para o mundo, e valor relativo, o que significa naquele país. No Chile, por exemplo, tem Los Prisioneros — uma espécie de Clash mas que dentro do Chile é a maior revolução.

Vocês teriam uma explicação para essa entrada no mercado internacional?

Herbert Temos sorte. Tem gente que faz coisas muito originais e passa a vida inteira para ser reconhecido — é o caso do Gerônimo, um sucesso na França. Na onda da lambada, ele foi catapultado à condição de estrela. Então, é meio circunstancial. Uma coisa é a molecada ouvir um samba e não gostar. Agora, com os Paralamas tocando samba, fica diferente. Cria expectativas. Somos uma banda que tem influências de Jimi Hendrix, Adoniran Barbosa e Kassav, uma misturada danada. O *Big Bang* é capaz de abrir mais portas porque é exatamente o que queremos fazer. Mas não fazemos pensando nisso, por-

"A língua está deixando de ser um entrave. Nem querem saber o que estamos cantando!" (Barone)

Você está a alguns segundos de uma grande marca.

"As pessoas costumam nos acusar de bonzinhos" (Herbert)

que praticamente não ganhamos nada em dinheiro. É só a oportunidade de viajar, conhecer o mundo. Se não fizer sucesso no Brasil, acaba tudo. Nossa prioridade é aqui. Agora, calhou de cair no gosto das pessoas lá fora. Mas o *Big Bang* deixa isso bem claro: não poderia ter sido feito na Índia, na Inglaterra nem na Colômbia. Só poderia ter saído daqui.

Existe alguma falta de esclarecimento a respeito das referências musicais do grupo?

Herbert Hoje em dia, se você ouvir "O Beco" ou "Bora Bora", o que tem de Police? Nesse disco novo, nos livramos de mais alguns fantasmas. As pessoas costumam falar que os Paralamas não são mais rock'n'roll. Quem diz isso deve saber o que é rock'n'roll, porque nós não sabemos mais. Agora, no sentido mais tradicional, ou seja, da forma como eu mereço a tocar guitarra, estou muito distante. Recentemente, participei de umas jams e percebi que estou tocando muito pior do que anos atrás, nos solos. Então, comecei a estudar de novo, a fazer exercícios. O que tocamos agora exige outra abordagem da guitarra. Aí eu sei o que faço.

Barone Mas nesse disco você deu uma caprichada. Tem altos solos.

Herbert De uns anos para cá, tenho ouvido muito Led Zeppelin, uma das bandas que mais gosto.

Barone (*rindo*) Ele descobriu agora.

Herbert Eu adorava, mas nunca tinha ouvido como produtor. Fiquei maluco.

Barone Atualmente, lá fora, costumam comparar nosso trabalho com o que Stevie Wonder e Earth Wind & Fire faziam no início. Na França, compararam com o Clash.

Herbert Isso foi surpreendente. Teve outra engraçada. Um cara nos chamou de Gang of Four africano. Mas o *Bora Bora* foi um dos poucos discos brasileiros a receberem recomendações da *Billboard*. Mesmo assim não chegamos no Brasil dizendo: "Olhem como somos foda!"

O que acham dessa disparidade de opiniões?

Herbert Tiramos proveito dela, porque o Brasil é o único país onde tudo é possível. Não há nada que seja tipicamente brasileiro. Qual é o tipo físico? A música típica? Não é o samba. Então, nós vamos jogando tudo.

Barone Acho que a coisa mais típica do Brasil é a feijoada e ela é feita de tantos ingredientes.

Em relação aos shows, como vai ser daqui para frente?

Herbert Possivelmente iremos a outros países mas temos de ser seletivos. Queremos fazer uma grande turnê pelo Brasil. As pessoas costumam acusar os Paralamas de serem bonzinhos. É uma completa ignorância da natureza humana. Sentimos muito prazer em fazer shows beneficentes. Vamos a lugares onde ninguém tocou antes. Numa entrevista para a revista francesa *Actuel*, me perguntaram de onde tiramos todas essas informações. Respondi que viajamos pelo Brasil e vamos coletando. Aí o jornalista quis saber o que devolvemos para estas pessoas. Eu disse: a tecnologia. Levamos até elas uma banda que conhecem pela TV. Bem, depois, fizemos também alguns playbacks na época em que eu estava com o braço quebrado. Há lugares em que, mesmo com a maior boa vontade, não dá para tocar ao vivo.

Barone Além disso, é uma hecatombe. Tem shows de playback iguais ou melhores que ao vivo. As pessoas são tão carentes, te agarram.

Herbert Nós adoramos viajar. É um clima *Bye Bye Brasil*. Fomos a primeira banda de rock a tocar em Porto Velho. Não acreditaram. Tinha uma multidão no aeroporto e tivemos de passear de carro aberto pela cidade.

Barone Uma verdadeira carreata!

Herbert Já fomos a lugares onde garimpeiro passa o fim de semana, onde não tem lei. Para comprar uma arma, basta mostrar a identidade. É um lado do Brasil tão selvagem... Ao mesmo tempo, no meio de uma cidade fodida como Imperatriz, um oásis, encontrei um restaurante japonês de alto nível.

Qual a importância da imagem pública da banda?

Herbert Estava falando sobre isso hoje. A Legião poderia fazer mais shows. O RPM talvez tenha feito mais do que deveria. Acho que estamos no meio termo. Tentamos sentir a hora certa de sair para a estrada. Já não ficamos tão aflitos. Em relação ao público mesmo, o Bi é o principal responsável. Nunca vi ele tratar mal quem quer que seja. É de uma paciência federal. Em geral, gostamos de ouvir o que as pessoas acham do nosso trabalho.

Ficou mais fácil ou mais difícil para uma banda começar hoje?

Herbert Está mais difícil. Na verdade, não sei. As pessoas perguntam como fazer para gravar um disco. Quando começamos, tocar na rádio Cidade era inacessível. Fazíamos shows e não pensávamos nisso. Um dia, colocamos uma fita na rádio Fluminense, alguém gostou e fomos gravar um disco. Hoje, depois de quatro ensaios, já querem gravar um disco. Seria mais fácil se entendessem que o disco é decorrência de um trabalho, não a causa.

Bi Colocar fita na rádio qualquer um pode fazer!

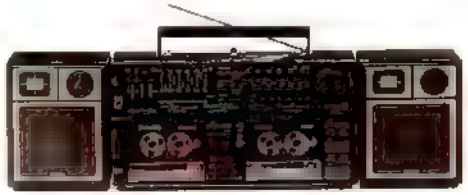
Barone Não devem pensar só em sucesso mas em criar um público, ser famosos no bairro primeiro.

E como vocês se realizam com o sucesso?

Herbert Acho que ele traz mais coisas ruins do que boas. Qualquer coisa que você faça assume uma proporção muito grande, porque esperam um certo tipo de comportamento. Então, qualquer bundinha que você mostra, tá sai no jornal. Alguém tem que se revoltar contra isso. Você também tem o direito de cair na sarjeta, bêbado, como outra pessoa qualquer. Pode parecer papo de hippie, mas tem uma energia em que realmente acredito. O ressentimento das pessoas que se consideram injustiçadas cria uma teia de energia ruim. Tem gente que vive pelo sucesso e gravaria qualquer coisa se fosse garantia de sucesso. Não importa que joguem pedras em nós. Dar notas sobre um trabalho é também uma liberdade. Essa missão dissecadora, de meter o bisturi é legal também. Agora, a nossa missão é mero construtiva. Ajudamos quem gostamos, produzindo, tocando, falando sobre eles. A discussão mais velha do mundo pop é sobre o real papel da crítica. Mas é legal ouvir as tijoladas. Já aprendi várias coisas através delas.

SE PRA VOCÊ SOM É UMA VIAGEM,
OLHA AQUI SUA BAGAGEM DE MÃO.

COPY RADICAL • O som radical do jeito que você curte • Com Duplo Deck • Continuous Play • Copy • Rádio com 3 Faixas de Ondas • Saídas para Fones • Controle Automático de Gravação



DOUBLE SOUND MACHINE • O dobro de emoção com Duplo Deck Soft Touch • Continuous Play • High Speed Copy • Caixas Acústicas Destacáveis • Equalizador Gráfico com 5 Bandas • 4 Faixas de Ondas

SOUND MACHINE • O som que se liga em você • Deck com Comandos Soft Touch • Caixas Acústicas Destacáveis • Rádio com 4 Faixas de Ondas • Saídas para Fones • Controle Automático de Gravação

SKY MASTER • O som que acompanha seu estilo • Com FM Estéreo • Headphones de Alta Qualidade • Controle de Volume Independente • Clip para Cintura

PHILIPS

BEM-VINDO AO FUTURO BEM VINDO À PHILIPS

FACES E FASES

O percurso acidentado de um andarilho poeta chamado Robert Zimmerman e autobatizado BOB DYLAN

Michael Ochs Archives - JF

O DISCÍPULO DE WOODY (1959-1964)

Discografia: *Bob Dylan* (61), *The Freewheeling Bob Dylan* (62), *The Times They Are A-Changin'* (64), *Another Side of Bob Dylan* (64)

A América era risonha e franca, quase pura quando o menino Robert Allen Zimmerman inventou o trovador Bob Dylan. Havia subúrbios estalando de novos em torno das cidades, uma TV em cada casa e dois carros em cada garagem, um supermercado — essa incrível e recente invenção do conforto urbano — em cada esquina e muitos bamboles em todos os armários. Em breve haveria um homem no espaço e um jovem presidente na Casa Branca, falando em justiça social e igualdade racial e namorando Marilyn Monroe escondido — John Kennedy, é claro —, e uma vaga euforia pairava no ar. É certo que existiam coisas como a ameaça nuclear, esta estranha novidade que parecia, a princípio, uma bênção, e agora ninguém estava tão certo assim; e o muro de Berlim e a Guerra Fria, e a CIA tramando sem parar a derrubada de Fidel Castro. Mas dentro das fronteiras da América, uma prosperidade medíocre, confortável e segura embalava sonhos de transformação, acordava espíritos aventureiros.

Robert Allen, filho dos donos de uma próspera loja de móveis e ferragens em Hibbing, Minnesota, achou que era um deles. O seu futuro provável — herdar a loja dos pais, como mandava a boa tradição familiar judia — parecia tedioso. Mais interessante era o futuro provável de um moderno trovador urbano, alguém que continuasse na nova década e na nova cidade a linhagem dos vagabundos poetas dos anos 30, Leadbelly, Woody Guthrie, Blind Lemon Jefferson, esses que ele ouvia em discos surrupiados as lojas dos negros, esses que ele ouvia em obscuros programas da madrugada, e em visitas secretas aos guetos.

Em 1959, Robert Allen saiu de casa com as bênçãos dos pais para estudar na Universidade de Minnesota. Chegou lá com o nome de Bob Dylan e um outro passado — era um vagabundo, descendente de índios Sioux, sua família vinha do Oklahoma. Instantaneamente, ele havia redesenhado seu futuro.

Não ficou na universidade por muito tempo: um ano depois, já estava em Nova York, tocando violão e gaita nos bares do Village, compondo canções descaradamente parecidas com os *talking blues* de Woody Guthrie, mas um tanto mais loucas, repletas de visões apocalípticas, uma agudade política mais feroz, mais adequada aos novos tempos. O *Village Voice* e o *New York Times* acharam aquilo muito chique, muito apro-

Uma banda chamada Traveling Wilburys e seus ilustres componentes: Dylan, Tom Petty, George Harrison, Roy Orbison e Jeff Lynne

priado, John Hammond, um produtor e folclorista repleto de poder na gravadora Columbia, arranjou rapidamente um contrato.

Em 1961, aos vinte anos de idade, dois anos após ter-se inventado, Bob Dylan era o novo artista mais promissor e badalado dos Estados Unidos. É preciso lembrar que não havia Beatles nem Stones nem "rock" como conhecemos hoje. Havia um imenso vácuo de desejos não realizados, uma geração em busca de sua própria voz nessa era de prosperidade e esperança. Com seus *talking blues* revistados, suas baladas de amor e fúria — "Blowin' in the Wind", "Masters of War", "Don't Think Twice, It's Alright", "The Times They Are A-Changin' " —, seu canto fanhoso, seu olhar de poeta e seus cabelos de maluco, mentiroso mas sagaz — ou seja, misterioso —, Bob Dylan acabara de descobrir essa voz.

O TROVADOR ELÉTRICO (1965-1968)

Discografia: *Highway 61 Revisited* (65), *Bringing It All Back Home* (65), *Blonde on Blonde* (66), *The Basement Tapes* (gravados em 66/67, mas lançados apenas em 75)

Onde Dylan teria percebido a mudança? No vento, como o personagem de sua própria canção? Os tempos estavam acelerados, pesados. Não apenas formalmente, com a chegada triunfal do imprevisível — uma onda de bandas inglesas que estavam refendo, com grande sucesso, a mesma ancestral tradição popular americana sobre a qual ele mesmo se debruçava — mas em cada um desses monumentais percalços históricos que parecem se acumular, caprichosamente, sobre cada dia dos anos 60, o assassinato de Kennedy, o assassinato de Martin Luther King, a Guerra do Vietnã, a Guerra dos Seis Dias no Oriente Médio, a pílula, o ácido lisérgico, a minissaia, a pop art, Andy Warhol. O que um pobre garoto poderia fazer?

Em julho de 1965, a platéia do festival de Newport obteve a resposta. Dylan subiu ao palco com uma guitarra elétrica ao pescoço e, acompanhado por uma banda canadense — The Hawks, mais tarde rebatizada The Band, simplesmente —, atacou não as baladas folk que haviam feito sua glória, mas pesadas diatribes impulsionadas a eletricidade e fúria. A voz fanhosa rasgada num grunhido, num rosnar — "How does it feeeel/ To be on your ooown..." ele rugia numa canção inédita, "Like a Rolling Stone". Os tempos, e Dylan, haviam definitivamente mudado.

Num veloz curto-circuito típico da era, a fusão folk rock que Dylan pegara no ar, inspirado por Beatles e Stones, voltava a Beatles e Stones e inspirava, por sua vez, *Rubber Soul* e *Between the Buttons*. O documentário *Don't Look Back*, de D.A. Pennebaker, captura o flagrante deste novo personagem, o Dylan popstar: arrogante, egoísta, defensivo, trancado, partindo o coração da namorada Joan Baez (que ele trocaria pela futura mulher Sarah Lowndes em 66), agredindo e humilhando a imprensa. O álbum duplo *Blonde on Blonde* (*Discoteca Básica* de BIZZ 13) captura o outro lado — a musa elétrica de Dylan em sua melhor fase, cuspindo metáforas e visões sobre o ricochetear funky da Band e convidados.

Em julho de 66, dias depois de seu 25.º aniversário, um acidente de moto interrompe a até então irresistível decolagem de Dylan desde o dia em que saiu de casa, em 59. Aparentemente esbofeteado pelo destino, Dylan pára, some, recolhe-se à sua casa de Woodstock. Durante dois anos, boatos de todo tipo atravessam o novo clube do qual ele era sócio-fundador e presidente de honra: a novíssima elite rock. Dylan estaria desfigurado, ou drogado, ou louco, ou morto.

Nada disso: trancado em Woodstock com a Band, Dylan estava se divertindo numa grande, longa festa íntima, como revelariam, anos depois, os *Basement Tapes*.

O CAIPIRA ESCLARECIDO (1968-1974)

Discografia: *John Wesley Harding* (68), *Nashville Skyline* (69), *Self Portrait* (70), *New Morning* (70), *Pat Garrett and Billy the Kid* (73), *Planet Waves* (74)

O Dylan que emerge do retiro em Woodstock é, mais uma vez, uma síntese de sua geração — na virada dos trinta anos, casado e pai de família, violentamente confrontado com sua própria mortalidade, ele desacelera, medita, reavalia suas opções. Quando o sereno, semicountry *John Wesley Harding* é lançado, em 68, parece que Dylan encontrou, enfim, maturidade e serenidade, e está dando um passo adiante num ano ruidoso e explosivo, ano de revolução cultural na China, tumulto estudantil em Paris. Na verdade, Dylan estava apenas ganhando tempo, confessando sua perplexidade diante da quantidade de certezas destruídas que os últimos meses haviam acumulado em sua vida — exatamente como seu público faria durante a nova década, diante de coisas tão desconcertantes quanto a escalada da Guerra do Vietnã, Watergate, drogas pesadas e discoteca.

Sua primeira reação é voltar atrás, recuperar o fôlego — uma fórmula que, crise após crise, se mostra certeira no pop. *John Wesley Harding* e *Nashville Skyline* são discos marcados pela country music, pelo abraçar sem reservas da simplicidade, da rusticidade até. A voz está mais grave, mais doce, a lira está serena: o caipira esclarecido canta a vida e o amor sem pedir desculpas, e flerta com a possibilidade — que depois explorará quase até o delírio — da experiência religiosa como provedora de peso e significado.

Os outros discos são irregulares — embora a trilha de *Pat Garrett* oculte um clássico, "Knockin' on Heaven's Door" —. Dylan não se apresenta mais ao vivo, e brinca de fazer cinema (em *Pat Garrett*). Sua vida parece ecoar suas canções: "Eu, baby, este sera o fim?", ele tinha perguntado, uma vez.

Não: novamente, era apenas o início.

O TROVADOR ELÉTRICO REVISITADO (1974-1978)

Discografia: *Before the Flood* (74), *Blood on the Tracks* (74), *Desire* (75), *Hard Rain* (76), *Street Legal* (78)

Com uma fúria igualada desde os tempos do festival de Newport, Dylan e a Band partiram para a estrada em 73. O resultado está captado admiravelmente em *Before the Flood*, um dos melhores álbuns ao vivo de todos os tempos. Como um grande balanço de sua vida e de sua obra, Dylan revê seu próprio repertório com vigor e espírito crítico, reinterpretando espetacularmente seus próprios cavalos de batalha e, assim, construindo a transição entre a sua geração — que se embalava confortavelmente nas dduições mornas do rock pomposo dos 70 — e a geração seguinte — que sonhava a imensa ruptura punk, ainda por vir.

Como que impulsionado pela energia nervosa dessa tour, Dylan atravessa os últimos anos 70 a bordo de uma espécie de nuvem magnética. Sem a Band, acompanhado por músicos diversos, quase semi-amadores, ele compõe longas e sinistras canções de amor, abandono e desejo, cada vez mais crípticas e cabalísticas, ocasionalmente comentando algum assunto político que, por acaso, atravesse seu campo de visão. É uma produção estranhamente brilhante, essa do Dylan que vê chegar a meia-idade sem ter encontrado ainda resposta alguma — irregular mas intrigante, angulosa. Os criptólatras que analisam cada milímetro de suas letras — uma degeneração da dizimada cultura sixties, como os dead heads e os neo-hippies — não chegam a perceber para onde Dylan está rumando. Emocionalmente à deriva, ele, que sempre pregou a ruptura, anseia agora pela ordem no caos. Qualquer ordem serve.

O CRENTE (1978-1981)

Discografia: *Ai Budokan* (78), *Slow Train Coming* (79), *Saved* (80), *Shot of Love* (81)

A ordem que Dylan encontra é a mais banal possível, em 1980, para espanto de fãs e não-fãs e delícia da imprensa, ele anuncia que acaba de se converter ao protestantismo fundamentalista, uma das formas mais simplistas de fé religiosa cristã que pode existir. Com um único gesto, Dylan não apenas renega todo o seu passado imediato como livre pensador secular mas também toda a sua história familiar como judeu.

A esterilidade pessoal que se esconde atrás dessa escolha aparentemente estapafúrdia revela-se nos discos deste período — os piores que Dylan conseguiu fazer em toda a sua carreira. Não existe mais o poeta alucinado, o trovador arrogante, o crítico ácidamente, apenas um homem sozinho e infeliz, implorando a misericórdia de Deus por pecados reais ou presumidos — o pior deles, sem dúvida, o de ter renegado o próprio talento.

LÁZARO, O QUE VOLTOU DOS MORTOS (1982-1989)

Discografia: *Infidels* (83), *Empire Burlesque* (85), *Knocked out Loaded* (87), *Oh Mercy* (89)

Na capa de *Infidels*, Bob Dylan, ritual Yarmulk na cabeça, ajoelha-se no solo de Israel. Na primeira faixa do disco, o quase-reggae "Jokerman", sua voz madura, apaziguada, discorre lucidamente sobre as montáveis armadilhas de um mundo tornado mais complexo, e mais cruel, pela mesma tecnologia que deveria simplificá-lo e salvá-lo. Na virada dos quarenta anos, na entrada de uma década que se revelaria uma estranha mistura de gozo e paradoxo — Aids e Reagan e MTV e computadores e satélites e mídia global dançando alucinadamente —, Dylan parece ter achado o olho do furacão. Robert Allen Zimmerman reconciliou-se afinal com sua criatura: ele, agora, pode ser o menino judeu de Hibbing, o bardo de Greenwich Village e o popstar recluso de Malibu numa única pessoa.

Os discos se deixam espaçar, calmamente. Dylan compõe como quem volta a andar depois de uma longa enfermidade debilitante, com cuidado. Uma turnê com Tom Petty, discípulo tornado comparsa, constrói vínculos com mais uma geração. Uma aliança com o produtor Daniel Lanois, que vem de outra formação e outra experiência, abre portas insuspeitadas em sonoridade e idéias: *Oh Mercy* é um triunfo. Quantas mortes e quantas vidas Bob Dylan ainda vai inventar?

As investidas extramusicais do trovador não tiveram grande sucesso. A prosa poética de *Tarantula* (capa acima, escrito em 66 e publicado em 71) é de uma pretensão dura de roer. No cinema, foi um ator sofrível em *Pat Garrett & Billy the Kid* (73, foto ao lado) e *Hearts On Fire* (87) e um diretor tedioso em *Renaldo and Clara* (78).

Marcos Bonisson/Ag.

Os anos passam, e Caetano Veloso continua um dos artistas mais ousados de nossa música. Ele recusa adaptar-se aos esquemas viciados de produção, aos padrões ditos normais da MPB ou aos parâmetros radiofônicos. E, como no mote da velha canção, agora retomado, prossegue caminhando contra o vento. O que se confirmou em 89 no disco (e show) *Estrangeiro*, produzido pelos Ambitious Lovers Arto Lindsay e Peter Scherer. Foi um ano de muito trabalho para o baiano cosmopolita e, artisticamente, o mais rico da década que se encerra. No primeiro semestre gravou em Nova York, apresentou-se no Festival de Montreux e fez uma turnê pela Europa ao lado dos Joões Gilberto e Bosco. Também lançou o novo LP no Rio e, a partir de agosto, fez uma concorrida temporada em São Paulo e viajou por todo o Brasil. No final de novembro foi homenageado no Prêmio Sharp e, fechando a tampa dos 80, um show no Maracanãzinho, no Rio. Com a agenda superlotada e apesar de arredio a entrevistas nos últimos tempos, Caetano soltou o verbo nesta conversa exclusiva com a BIZZ.

Na sua infância e adolescência em Santo Amaro, você escutava o que?

Eu ouvia de tudo no rádio. Dentro de casa a gente tinha aquela coletânea da Aracy cantando Noel, tinha muito Caymmi cantado por ele mesmo, muitas coisas do Chico Alves. Mas eu ouvia de tudo no rádio: música americana, versão, música cubana, que na Bahia tocava demais. Celia Cruz foi um grande sucesso lá, era um mito, e praticamente desconhecida no resto do Brasil. Além do que, minha mãe que canta muito bem, gostava de cantar em casa e me mostrar canções antigas, coisas que já não estavam no ar na minha infância.

Como é a sua relação com seus discos antigos? O que incomoda mais?

O desleixo na produção, que no geral foi minha. Sobretudo as minhas produções, que eram antiproduções. Mas me orgulho de ter agido assim e acho que os discos têm uma certa pureza, são ingênuos em relação ao mercado. Mas não são bons discos para se ouvir, porque não têm uma qualidade sonora legal, não há um critério nos arranjos. Eu conheci a produção com a Outra Banda da Terra, do álbum *Muito* (1978) até o *Caetano* (1987).

Mas o LP *Estrangeiro*, mesmo com a produção do Arto Lindsay e Peter Scherer, continua ligado à sonoridade que vinha marcando as suas produções...

Mas ele gosta muito daquilo. O Arto gosta mais do som da Outra Banda da Terra do que eu mesmo. Eu posso gostar não criticamente e ele gosta criticamente. Eu gosto acriticamente, porque era muito feliz, muito puro e verdadeiro, mas acho que a gente não realizou produtos acabados, limpidos. E isso é culpa minha, porque trabalhei com grandes músicos. Eu não queria um produtor no Brasil, a tendência era a produção tomar um vulto de hipertrofia. Talvez o produtor vá se transformando numa espécie de diretor de Hollywood, mas antes era um empregado dos estúdios, não era um autor. Na música, produtores como Brian Eno e os atuais produtores de *dance music* são praticamente os autores dos discos. Phil Spector meio que nos anos 60 esboçou isso, querendo ser um autor. É o caso do Malcolm McLaren, que é um pouco um cineasta dos sons. Então talvez esteja nascendo uma nova raça de artistas, como os cineastas viraram. Mas na época não, o cara era um funcionário do estúdio. E quando eu estava com a Outra Banda da Terra tinha uma coisa muito chata, com os produtores padronizando o som. E eu que já era o autor das canções, queria ser o autor dos discos também. Mas, como produtor, acabava como o antiautor dos meus discos, o antiprodutor.

E em relação aos discos mais antigos?

Os anteriores não são tão limpos também, porque eu atrapalhava o Perinho (*Albuquerque*) e mesmo o negócio da tropicália era muito urgente, tudo muito rápido. Já no caso do *Araçá Azul*, que também produzi, o som é muito empastado, muito *flat*, não tem profundidade. Ele é um filme sem imagens e quase sem palavras, neste sentido é o contrário do *Cinema Falado*, e é um filme amador, mais amador do que o *Cinema Falado*.

Curioso que na *Cabra Cega* da Laurie Anderson mostramos a faixa "O Épico", de *Araçá*, e ela destacou a característica cinematográfica dela.

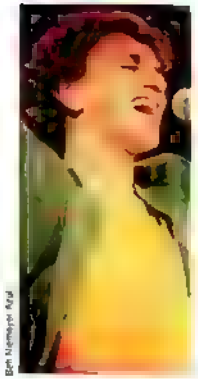
Bem, em "O Épico" existe mais esta coisa por causa do arranjo do Rogério Duprat, mas eu falo em profundidade na gravação. Por exemplo, você ouve o LP *Amazonas*, do Naná Vasconcellos, que eu acho que foi produzido pelo Fagner, e tem profundidade, você sente espaços. Você ouve um disco do Walter Franco daquela época, aquele da mosca na capa, *Ou Não*, e é maravilhosamente rico em termos de profundidade de som.

Você mostra um senso crítico, autocrítico, aguçado, mas para muita gente as suas polêmicas com a crítica não poderiam estimular o obscurantismo? Do tipo "a crítica é ruim", algo assim?

Eu tenho uma posição de competição com a crítica justamente por causa do meu senso crítico. Eu tenho vontade de discutir criticamente com os críticos. Então, o movimento não é obscurantista, mas iluminista, eu quero é mais luz, mais clareza, mais honestidade da crítica e mais possibilidade de diálogo crítico.

Como é que está o seu trabalho no exterior?

Foi tudo relativamente casual. Viajar para fora se resume a ir a Argentina e a Portugal, onde tenho um público igual ao daqui. Fora disso, uma vez ou outra na França e na Itália. Mas acontece que de uns anos pra cá surgiu um interesse muito maior pela música brasileira em todos os lugares, inclusive nos Estados Unidos e eu tenho sido chamado. Mas não entendo como, com estes discos que eu estava falando, um artista como eu possa interessar a estrangeiros que não entendam português. Entendo que gostem de Djavan ou Milton pela música deles, do Gilberto Gil com a exuberância da musicalidade dele, do Egberto Gismonti com o domínio técnico e a musicalidade do Arrigo Barnabé com a experimentação de fazer ritmos novos com co-



Bert Nienhuys/ Arq/

"Perdi voluntariamente o bonde do David Bowie"

fulas de musica dodecafônica, que é uma experiencia notável, ou do Hermeto Pascoal, pela imensidão da musicalidade dele. Mas eu? Não entendo.

Em diversas canções, do início de sua carreira até o último disco, a sua família é um tema frequente. Você chegou a aparecer na capa de *Muito* no colo de sua mãe e foi acusado de careta. E, na virada dos anos 60 para os 70, quando se pregava o fim dos valores familiares, como você se sentia?

Isso aí é uma coisa complicada. Quando crucavam a minha imagem, deitado no colo de minha mãe, dizendo que era caretice, para mim era evidente que era caretice de quem crucava. Agora, eu sou muito ligado a minha família, que é muito unida e muito bonita também. Mas quando eu vejo *Paris, Texas*, por exemplo, um filme com nostalgia do núcleo familiar, eu acho aquilo abominável, ridículo e careta. Agora, eu no colo de minha mãe na capa do disco ou a mãe do Pedro Almodovar cantando no filme dele, eu não acho careta. Agora aquela coisa do Sam Shepard, que tanta gente ficava dizendo que era legal, eu acho que é subliteratura careta. Tenho uma síntese disso na letra de uma música minha, "A Filha da Chiquita Bacana". "Eu sou a filha da Chiquita Bacana, nunca entro em cana porque eu sou família demais, não caio na armadilha". Sou família demais, essa piada eu gosto, aí está sintetizado o tom, porque há muito amor na minha família e o que interessa é o amor que há. É uma família que na verdade é perigosa, porque a mensagem que ela passa não é uma mensagem de prisão às limitações da mediocridade da vida familiar. Não é esta a mensagem que eu recebi dos meus pais e que nós em conjunto podemos passar. É isso que faz uma diferença muito grande para mim. Então, a questão não é família ou não família. A questão é que tudo vale a pena, se a alma não é pequena. Muitas vezes a família tem sido só um pretexto para que as mediocridades possam se defender, até mesmo do amor.

Na questão do comportamento, nestes anos 80 a Aids terá zerado as conquistas dos anos 60, como pretendem setores conservadores?

Acho que certas desmistificações e experiências de liberdade que se conquistaram não podem ser negadas de fato. Só de uma maneira paródica. Você pode fazer uma paródia de vida pré-anos 60, mas só uma paródia. Agora, a questão da Aids é uma questão seriíssima de saúde, do desenvolvimento da medicina. É ligada ao sexo e mais freqüentemente ao homossexualismo masculino. Deixando até o homossexualismo feminino numa posição de supervantagem. Então, se a gente pode tirar alguma lição moral da Aids, é que a melhor e a mais natural relação sexual é a relação homossexual feminina. Porque não tem nenhuma lição sexual a tirar disso, são lições médicas que devem ser procuradas.

Qual é o grau do seu envolvimento com a causa ecológica?

Eu não tenho o mesmo empenho que o Sting tem nesta questão, ou que a Rita Lee tem. Mas em algumas das minhas canções isto está presente. Eu não gosto nem de discutir. É claro que sou a favor disso. E acho que conheço mais ou menos os meandros, as dificuldades da questão amazônica, não quero ser ingênuo a esse respeito. Mas também não quero dar colher de chá para quaisquer babaca reacionário que vai defender os interesses mais escusos com uma tentativa de desmerecer o Sting, gente que diz: "Como é que o presidente recebe cantor de rock?" Enfim, esse tipo de reclamação que jornalista velho adora fazer. Não estou nessa, não dou nem espaço para isso, estou cem por cento com o Sting.

Trocando de filme, em relação à obra do Woody Allen, você parece estar cem por cento contra.

Woody Allen? Não, eu gosto, gostei de *A Era do Rádio*. E neste filme *Contos de Nova York*, até o meio dele é legal. Embora eu discorde de todos os críticos americanos que vi lá e dos brasileiros que já li aqui, e prefira o filme do Coppola aos outros dois. Eles, os americanos, preferem o do Scorsese, acham que é profundo, angustiado. E eu sou sempre meio desconfiado destas profundezas angustiantes ou angustiosas. Bom, o Woody Allen não é desconfiado disso, e aquele filme *Interiores* é a única comédia realmente comédia que ele fez. Porque as comédias dele são um pouquinho sérias e não há muito cinema nos filmes dele. Mas eu gosto dele, acho legal, uma figura menor simpática. Eu falei algumas coisas rápidas assim porque ele foi superestimado, e ele é muito anos 70 para mim.

E o Wim Wenders é o quê?

Wim Wenders é muito mais cineasta do que Woody Allen, é um cineasta de verdade. Gostei de *Asas do Desejo* e de *Tokyo Ga* também, apesar da subliteratura e da bobajada toda. Mas não dá para comparar com Godard, comparado com Godard ele é um obtuso, e é duro. E também não dá para comparar com o Almodovar. Almodóvar é um milhão de furos melhor do que Wim Wenders. O filme *A Lei do Desejo* vale mais do que novecentos milhões de *Asas do Desejo*.

Voltando para a música, parece que você também não gosta do Elvis Presley. O rock'n'roll dos anos 50 não te tocou?

Para ser sincero, eu tive uma espécie de atração sexual pelo Elvis, por uns minutos, assistindo ao trailer de *King Creole*, quando eu morava em Salvador. Mas eu não gostava dele. A cara dele eu acho enjoativa e não me ligava muito naquela música. Aliás, eu vi esse filme na televisão, faz uns poucos anos, e achei excelente. Eu tinha razão, ele está maravilhoso no *King Creole*, e o filme é o máximo. Mas odeio estes filmes coloridos que passam dele, aqueles do Havaí, de Acapulco, mudo o canal. Acho ele horrível, parece a Katy Jurado vestida de homem. Se eu tivesse ouvido rock'n'roll naquela época diretamente do Little Richard, eu acho que teria gostado. Na época não chegou até mim. Eu gostava de música muito refinada, de Thelonious Monk, Miles Davis, João Gilberto, Chet Baker.

E os Beatles, como foi seu contato?

Dos Beatles eu não desgostei ao ouvir as primeiras

"Os grupos brasileiros em geral não são grupos de exibição de excesso de energia"

coisas, achava simpático, gostava de "I Wanna Hold Your Hand". A partir do LP *Rubber Soul*, aumentou o meu interesse. Mas o que mais me interessou, antes mesmo de começar a prestar atenção na música dos Beatles, como ela estava se sofisticando, foi uma atenção pela cultura de massas brasileira, pelo episódio do Roberto Carlos na televisão, para o qual Maria Bethânia me chamou a atenção. E sem dúvida aquela briga *Jovem Guarda* versus *Fino da Bossa* me ensinou muito, havia muita verdade na *Jovem Guarda* e muita alienação no *Fino da Bossa*. E, oficialmente, queria se acreditar no contrário. Então, como eu lhe disse, eu não tenho tendência para o obscurantismo, a minha visão crítica preferia perguntar mais, ir mais fundo, e isso de certa forma resultou no tropicalismo.

Dos anos 70 para cá, o que te atraiu no rock?

Nos anos 70 eu tive uma reação contra aquela chamada música progressiva, me parecia horrivelmente kitsch, pretensiosa e chata. E também não me atraíram as consequências do que em Miles Davis foi tão brilhante, que era a fusão do jazz com o rock e o pop, que foi chamado de fusion. Nem mesmo o grupo Weather Report me atrai, que é indubitavelmente de alta qualidade. Eu gostei mesmo durante os anos 70 foi de Stevie Wonder e de Bob Marley, mais de Marley do que Stevie. E, de certa forma, perdi voluntariamente o bonde do David Bowie. Não tenho dúvidas de que era um bonde e de que ele andou e de que eu perdi. Mas foi voluntário, eu não queria aquilo. Acho que foi bom, teve muitas consequências, mas não me interessou. Eu vinha de uma admiração muito genuína pelos Rolling Stones e pela performance do Mick Jagger.

Que te influenciou no palco, não é?

Muito, eu me identificava com aquilo. As coisas que eu fiz aqui no *É Proibido Proibir*, antes de ver os Rolling Stones, já tinham alguma coisa disso. E quando eu vi o Mick Jagger no palco, eu adorei, é uma coisa espontânea, teatro dionisíaco. Agora, quando o David Bowie veio com uma espécie de *art rock*, agora é teatro, agora a plateia fica na plateia, o palco é palco, tudo me pareceu muito subartístico. Eu achava que a coisa dos Rolling Stones era antiartística e superartística, genuína. Já um show como o dos Talking Heads naquele filme do Jonathan Demme, *Stop Making Sense*, tem a noção de teatralização refinada. Não aquele espontaneísmo sexual violento dos Rolling Stones, mas uma coisa pensada e com um humor transmoderno. Com uma "finura" crítica, ao mesmo tempo despojada e exigente, que me interessa e com a qual me identifico. Porque nunca fiz nem procurei fazer um show como o dos Rolling Stones ou dos grupos de rock. Outra coisa do rock é um excesso de energia, de uma turma de adolescentes, de países onde as pessoas se alimentam muito bem. Não é um carinha, um frango de macumba, chegar no palco no Brasil e fingir que está esbanjando energia, não é isso.

Mas o rock no Brasil nos anos 80 foi uma expressão genuína...

Eu gosto muito, mas os grupos brasileiros em geral não são grupos de exibição de excesso de energia. Embora eu não queira dizer, com o que estava falando antes, que os jovens brasileiros não possam na adolescência ter também um excesso de energia. E até têm. Estou falando no meu caso pessoal, eu não procuraria fazer um verdadeiro show de rock'n'roll porque não é a minha base estética e, depois, também não é o meu caso, uma pletora de energia física. Então, os meus espetáculos sempre foram também uma espécie de comentário e foi isso que reconheci no espetáculo dos Talking Heads, um pensamento sobre aquilo. Talvez eu, até melhor do que o David Byrne, no caso. Não na realização, mas como pensador a respeito desta coisa. Falo sem vaidade, sem modéstia também.

E seu balanço dos anos 80 no Brasil?

Os grupos brasileiros que apareceram me deram alegria. Eu achava meio chato este ambiente de entressafra, meio pop; de, no Brasil, as pessoas apenas tentarem uma produção que pareça internacional. Não deixou de aparecer gente que me interessasse, como os casos óbvios de Marina, Lulu Santos, que adoro. Mas quando chegou o primeiro disco do Barão Vermelho achei um talismã, deslumbrante. A produção é linda, foi um sopro de ar puro no meio desses problemas. E depois os Titãs, até onde eles levaram isso, a espontaneidade dos Paralamas, tudo isto me interessou, é uma coisa muito mais verdadeira e espontânea. Ficou um ambiente menos careta aqui no Brasil, e são pessoas interessantes.

Marshall McLuhan, com a tese da aldeia global, e todos os teóricos da comunicação de massa, previam uma padronização da cultura. E, ao contrário, a gente tem assistido a uma revalorização das culturas regionais, transando até com as novas tecnologias. Como aconteceu na Jamaica e agora na Bahia. Como você acompanha este processo?

Eu nunca acreditei neste medo de que a televisão fosse unificar, que as telecomunicações trassem todas as nuances das regiões. Mesmo porque, apesar de eu ser orgulhoso das minhas características regionais, eu não tenho necessidade delas. Eu não tenho preocupação com as raízes, não dou demasiado valor a isso. Agora, o McLuhan, antes de morrer, se voltou completamente contra a televisão, nem sei bem o porquê.

E, mais especificamente em relação à Bahia, você que incentivou o trio elétrico, como viu depois a explosão dos blocos afro?

O Gil é uma grande figura histórica do Brasil, e as pessoas se esquecem, não medem o valor de sua atuação. O último afoxé da Bahia era os Filhos de Gandhi e estava acabado. Tinha doze homens chorando na rua, o Gil chegou, falou com eles, sentou ao lado, fez uma canção, e no ano seguinte eram mil Filhos de Gandhi na rua. Ele nem gostava de Carnaval, passou a sair todos os anos nos Filhos de Gandhi. Em dez anos transformou-se o panorama do homem negro na cidade de Salvador, e isso hoje se ouve no mundo.

TODOS POR UM

Nas duas últimas edições, os TITÃS narraram todo seu trajeto. Chega a vez de Õ Blésq Blom, numa entrevista realizada no mesmo dia em que os jornais saíam com as críticas ao disco. Irritados com algumas delas, mas sem perder o bom humor, os oito contra-atacaram

Antes de comentar o último disco, que tal uma síntese da trajetória do grupo até *Go Back*?

Paulo Sempre foi do nosso interesse lidar com vários estilos diferentes, sem o menor pudor. Acreditamos na riqueza dessas diferenças. No *Cabeça*, fizemos um grande esforço para buscar uma identidade. Este LP, tido como o mais uniforme, na realidade traz todos esses elementos também: tem funk, reggae e rock. Então, acho que nunca nos distanciamos daquela vontade inicial.

Arnaldo De certa forma, houve uma limitação para atingirmos isso. Apontávamos para muitos lados, soando como várias bandas diferentes. A partir do *Cabeça*, conquistamos uma unidade. Agora essa unidade já é pressuposta e ganhamos a diversidade de volta, como trunfo, ou seja, arriscamos abrir novamente o leque sonoro.

Toni Nos primeiros discos, a nossa batalha era equacionar um repertório com várias tendências. Parece que no *Cabeça* isso se resolveu, mas na verdade não aconteceu de repente. Foi um processo. Também não nos interessa uma definição. O que vem pela frente é sempre muito sedutor. De certa forma, isso explica a nossa permanência juntos.

Arnaldo Acho que essa diversidade dentro da unidade, ou vice-versa, é uma boa definição. Cada um de nós é muito singular, mas, ao mesmo tempo, os Titãs conseguem ser uma coisa só.

Vamos então falar sobre *Õ Blésq Blom*. Há algum motivo especial na escolha do título?

Marcelo Em geral, o título de uma música vira também o do disco. No caso do *Cabeça Dinossauro*, achamos que exprimia o conceito do disco. O *Go Back* tinha a ver com a brincadeira da volta, das crianças. Para este novo trabalho, pensamos em "Racio Sumo" mas achamos que já tínhamos feito algo parecido em "Homem Primata", "Cabeça Dinossauro". Queríamos um nome diferente. Daí, eu e o Nando, como já havíamos escutado a fita do Mauro e da Quitéria, costumávamos cantar pedaços das músicas. Um dia, dentro de um avião, o Nando deu a ideia e

Foto: Inga Hendrikson/Arquivo

Arnaldo Só um bom tempo depois é que viemos a saber o que significa para o Mauro e a Quitéria. Quando o pessoal da Warner foi acertar os direitos autorais, perguntaram o que era "Ô Blésq Blom". Na cabeça do Mauro, quer dizer os primeiros habitantes da Terra. Achei bacana; ainda bem que é isso (*risos*). Por caminhos tortuosos faz sentido.

Para nós, isso passou a ser um conceito de som. Quando atingíamos um resultado que tinha a ver com a estética sonora, dizíamos, "Isso é ô blésq blom para c*".

Nando Passou a ser um adjetivo. Na verdade, optamos por esse título achando que não significava nada.

Como vocês conheceram o Mauro e a Quitéria?

Charles Uma vez, quando estávamos na praia de Boa Viagem, eu e o Nando encontramos um casal que ficava cantando em troca de dinheiro. Eles eram paupérrimos e o cara ainda era cego. Isso foi há uns dois anos. Na segunda turnê pelo Nordeste, encontramos novamente o Mauro e a Quitéria pela praia. O Paulo trouxe um gravador bem fuleiro e gravamos uma hora de fita. Depois ouvimos a fita junto com o Mauro. Ele nunca tinha se ouvido, parecia uma criança.

Paulo O Mauro marca o ritmo com umas coisas amarradas nas mãos parecendo um caxixi, enquanto a mulher dele faz uma segunda voz e bate palma. Ele faz uma mistura de todas as línguas.

Charles A partir desse dia, começamos a usar a fita nos intervalos do show *Go Back*. Depois, quando fizemos uma demo, o Paulo teve a idéia de usar o Mauro e a Quitéria em "Miséria". Mais tarde, isso tomou outra proporção, ou seja, pensamos em levar a música brasileira em consideração, como ela poderia ser aproveitada no nosso trabalho. Mas sem cair no lugar-comum, sem fazer fusão de baião com rock, essa coisa malfeita que tem por aí. Se as pessoas forem esmiuçar, vão encontrar elementos em cada faixa que remetem à música brasileira. Em "Faculdade" tem uma bateria eletrônica por trás em que a célula básica é um afoxé. Mesmo em "32 Dentes", a viola lembra um repente.

Como foi o processo de gravação do disco?

Marcelo Foi um pouco diferente porque houve uns encontros na casa do Paulo. Íamos todo dia para lá trabalhar num miniestúdio.

Paulo Chegamos a registrar mais de trinta músicas, a maioria delas composta lá.

Arnaldo Nesse disco não tem nenhuma música de um autor só.

Toni Antes de começar o trabalho, existia a idéia de um álbum duplo. Isso gerou um maior número de canções. A partir de um certo momento, percebemos que o ideal seria enxugar, tirar o supra-sumo.

Como chegaram, então, às dez músicas do disco?

Nando Tínhamos certeza sobre oito músicas. Fizemos uma demo em cima delas num estúdio em São Paulo, com o Luminha.

Arnaldo Esse processo envolve muita discussão, é desgastante. Mesmo essas oito não foram unanimes.

Paulo E esse é só um dos níveis da discussão. Existem outros como a interpretação, o arranjo...

Quais são os critérios para a distribuição do vocal?

Paulo Varia de acordo com a canção. Às vezes, o cara compôs a melodia e já está cantando com uma marca de interpretação própria.

Arnaldo Nesse disco, havia músicas que mais de uma pessoa queria cantar. Então, nesse caso, a banda acabou decidindo.

Nando Aconteceu pela primeira vez um caso de divisão dos vocais. O Paulo e o Britto cantam duas músicas juntos.

Toni Tem de haver um equilíbrio entre os cantores para um não cantar mais que o outro.

Ainda há pouco, falou-se sobre a possibilidade de um álbum duplo...

Toni Mesmo nos outros discos, havia muita dificuldade na escolha do repertório. Às vezes, músicas boas acabam ficando fora por causa do espaço. Então, a idéia era colocar tudo, canções mais cruas, outras mais sofisticadas, para dar uma amostra forte do trabalho. Acabamos descobrindo que o segredo para ser ainda mais forte estava no fato de tirar até mais do que gravamos normalmente (nossos discos sempre tiveram mais de dez músicas). A idéia do álbum duplo ajudou muito, porque possibilitou olhar para uma gama maior de canções.

Nando Num estágio posterior, optamos por trabalhar mais, durante mais tempo, sobre as músicas escolhidas, porque entrar num estúdio para gravar vinte músicas é sempre difícil. Talvez, até por isso, essa pseudo falta de linearidade que alguns vêem no disco seja um puta engano. Na verdade, tratamos dessas músicas com a mesma intensidade. Elas são absolutamente irmãs e presas umas às outras pelo jeito como foram feitas e elaboradas dentro do estúdio. Não foi casual.

Arnaldo Cada música desse disco é muito especial. Apesar da grande autonomia de cada uma, não diminui em nada a unidade que elas fecham em torno de um conceito.

Charles Quem tem essa opinião está acostumado com bandas com um número menor de integrantes. Obviamente, os caras podem alcançar uma coisa mais parecida, gravar um disco em cima de um tema só. Mas, desde o primeiro disco, os Titãs vêm provando que não funcionam desse modo.

Sergio O mais imbecil nessa argumentação é que isso não serve como critério de valor. Você pode ter um disco com uma unidade incrível e ser uma bosta e um outro com diversidade e que seja brilhante. Para variar, é uma premissa errada. Então, não dá para discutir nada.

Arnaldo É claro que é muito mais fácil alegar falta de unidade do que ter o trabalho de detectar as relações internas no disco. Ele foi recebido pela imprensa numa segunda-feira à noite e as críticas saíram publicadas na quarta. É claro que o disco foi pouco ouvido.

Toni Se você for analisar, vai ver um elemento "Ô Blésq Blom" em todas as canções. E o que é isso? É uma certa estranheza, uma sonoridade contrastante como um violão de doze cordas junto a uma guitarra. O que já existia intuitivamente, agora está se clareando. Quando fizemos o *Cabeça Dinossauro*, aquele conceito parecia estranho. Agora qualquer um entende. Ele já foi maturado.

Já que a crítica é o assunto, o que têm a dizer sobre a comparação com o *Araçá Azul*, de Caetano?

Arnaldo Acho que há um procedimento em comum: o Mauro e a Quitéria lembram a tocadora de pratos do disco do Caetano. De qualquer forma, a semelhança pára por aí.

Nando Pode-se pensar no *Expresso 2222*, do Gil, em que ele apresenta a Banda de Pífanos de Caruaru. É possível comparar com milhões de outras coisas.

Paulo O disco do Byrne com Eno. Eles usam um monte de caras. São procedimentos semelhantes.

Toni De qualquer maneira, acho genial essa comparação porque no *Araçá Azul* o Caetano ousou bastante e essa é uma atitude que temos também. Por isso, fico até lisonjeado.

Marcelo Talvez o que tenha gerado isso seja o fato de o Caetano ter feito o release.

Branco Pode ter sido isso. É tão pequeno... Além de tudo, acho perfeito ter chamado o Caetano justamente para ter uma leitura inteligente do trabalho, vinda de fora. Foi ele quem fez a crítica mais brilhante do disco.

Paulo Quem dera os profissionais da área pudessem ter o nível que ele tem, já que são especialistas nisso...

Em relação às letras, alguns temas aparecem de um modo menos explícito, sem perder o espírito combativo...

Arnaldo Acho que uma música como "Racio Simio" é tão combativa quanto as do *Cabeça*. Simplesmente, o que mudou no discurso foi que ele deixou de ser tão básico, talvez, tão primitivo e direto. As pessoas vêm com uma expectativa para achar algo, com uma pré-oreiha... (*gargalhadas dos demais*). Quase tudo é equívoco. As informações são um desserviço jornalístico, todas erradas. Essa insensatez da vergonha do jornalismo.

Nando São críticas medíocres. Estava ansioso por ler um artigo que fosse demolidor mas decente, inteligente. É para isso que serve.

Arnaldo O mais impressionante é que às vezes os elogios são mais irritantes ainda, totalmente desqualificados.

Paulo Respeitem o leitor! Não precisam respeitar o artista!

Arnaldo É importante deixar claro que a nossa ira com a imprensa não é porque estamos sendo atacados, mas interpretados de uma maneira errada. Quase todas as matérias são elogiosas. Não tem essa de responder à crítica. É uma coisa muito diferente. É sobre o baixo nível da imprensa no Brasil.

Nando Eu vou um pouco mais longe. Tudo bem ser medíocre. Agora, chamar de "ladrão de casaca" e "picareta", eu acho baixaria.

O que vocês pensam a respeito da superexposição de uma banda?

Marcelo Estamos muito atentos a isso. Tanto é que nossa carreira, por orientação nossa, nunca encheu o saco. Sentimos o exato momento de sair fora, evitamos fazer programas de TV em massa...

Arnaldo Pelo Poladian, faríamos muito mais shows com *Go Back*. Chegou uma hora que tivemos que brecar justamente por esta preocupação.

Paulo Existe uma diferença entre estar superexposto na mídia e no palco. O palco é nosso lugar, nosso espaço real. Basicamente vivemos de fazer shows; a banda existe para isso e por isso. E nós temos uma vantagem: com oito caras, há uma dinâmica maior, que talvez atenue um pouco essa superexposição.

Vocês procuram conhecer bandas novas?

Arnaldo Tem coisas legais que não são tão novas, como Ed Motta e Marisa Monte. Mas tem muita coisa ruim também. Inimigos do Rei, Nenhum de Nós não me atraem. Ouvi o disco do Edgard Scandurra e gostei bastante.

Charles O Marcelo costuma ouvir muito rádio, para ver a nossa posição e também o que anda tocando. A maioria de nós compra muitos discos para se informar.

Nando Além de profissional, eu sou um ouvinte. Em termos de música no Brasil, só ouço na rádio, dificilmente compro discos.

Toni Eu tenho interesse em relação às que começaram junto conosco, Paralamas, Legião... Tenho também acompanhado, por curiosidade, o Sepultura, os Ratos de Porão. Gosto dessas coisas underground que aqui não são muito compreendidas e conseguem ter um destaque lá fora.

Charles Além dos Ratos, que acompanho desde o começo, tem outra banda da periferia de SP chamada Moleque de Rua, uns garotos que fundem rock e samba como nunca vi ninguém fazer.

Sergio Gosto muito do rock internacional feito hoje em dia, apesar de dizerem que não se faz nada de novo e interessante. Acho o Pixies genial e gosto também de Sugarcubes, Primitives...

O que vocês acham que marcou a década de 80 na música internacional?

Todos Prince!

Nando Não a ponto de achar que o Prince seja a cara da década. Não é isso. Uma coisa que me alegrou muito nesta década foi a aproximação dos blacks da Jamaica com os blacks dos EUA. A mistura do reggae com funk deu resultados fantásticos.

Charles Foi uma década em que o primeiro mundo passou a considerar a musicalidade do terceiro mundo. Teve a entrada da bossa nova... Mas o que eu mais "bodeei" foi com a acid house.

E no Brasil?

Nando Não deixo de achar que foi o rock, provando cada vez mais que já faz parte da MPB. A perda desse preconceito é significativa.

Arnaldo Concordo com Nando. Finalmente o rock tem de ser tratado como MPB — o que vimos falando desde o primeiro LP. No começo havia uma desconfiança, que se tem com qualquer artista que está surgindo. Agora, está se criando uma tradição. Não vejo mais possibilidade de acontecer apenas uma tendência. A multiplicação delas é o futuro que está sendo feito agora. "Riquezas são diferenças."

Toni Acredito no fortalecimento da cultura rock por ela ser abrangente, agrupando todas as tendências. E as bandas que têm talento, proposta, acabam fazendo nome e gravando. É só uma questão de tempo...

LORENA CALÁBRIA

"O palco é nosso lugar, nosso espaço real" (Paulo)

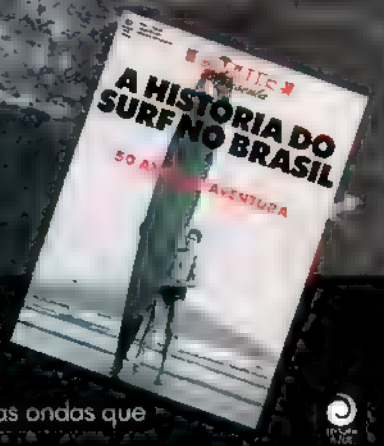
Se você acha o surf uma aventura, esper e até ouvir esta história.

Uma histó-

ria de coragem, de ação, de emoção e de pioneirismo. É a "História do Surf no Brasil", o livr que a Fluir está lançando. São 220 páginas contando tudo sobre as ondas que

rolaram nos últimos 50 anos, fazendo do surf o esporte dos anos 90. Entre nesta barca.

FLUIR



A História do Surf no Brasil. Já nas bancas.

Dobre aqui

ISR - 40 0816/87
CP AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTA RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É PRECISO SELAR

O selo será pago por

EDITORA AZUL S/A

05999 - SÃO PAULO - (SP)

Dobre aqui

Remetente
Endereço
Seu telefone

Cole aqui

BIZZ

VOTE NOS MELHORES DE 89!

Leitores e leitoras, chegou a hora de escolher os melhores de 89! Não deixe para depois: vote imediatamente, pois os resultados devem ser apurados até o final de janeiro para serem publicados na BIZZ de março. Preencha sua cédula sem rasuras, marcando com um X a indicação que você escolheu ou escrevendo seu voto — em letra de forma! — no item *Outro*. Vote apenas duas vezes por categoria: uma vez em nacional, outra em internacional.

Na categoria *Melhor LP* não serão aceitas antologias ou coletâneas que tenham músicas lançadas anteriormente ou discos que, mesmo tendo saído no Brasil apenas este ano, tenham sido originalmente lançados antes de 88.

Se você não quiser votar em alguma categoria, deixe-a em branco. Não se esqueça de preencher o espaço reservado para seus dados pessoais. Coloque seu voto em qualquer caixa coletora dos Correios — não é preciso selar. Bom voto e um grande abraço.

A Redação

Apoio

GRUPO

NACIONAL

- Barão Vermelho
- Capital Inicial
- Ed Motta & Conexão Japeri
- Engenheiros do Hawaii
- Gueto
- Ira
- Kid Abelha
- Legião Urbana
- Lulu
- Nenhum de Nós
- Paralamas do Sucesso
- Scowa & A Máfia
- Sepultura
- Titãs
- Ultraje a Rigor

Outro _____

INTERNACIONAL

- A-ha
- Cure
- Depeche Mode
- Duran Duran
- Fine Young Cannibals
- Guns N'Roses
- Metallica
- New Order
- Pet Shop Boys
- R.E.M.
- Sigue Sigue Sputnik
- Simple Minds
- Sugarcubes
- Tears for Fears
- U2

Outro _____

VOCALISTA

NACIONAL

- Caetano Veloso
- Cazuza
- Dinho (Capital Inicial)
- Ed Motta
- Herbert Vianna (Paralamas do Sucesso)
- Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii)
- Julio César (Gueto)
- Kiko Zambianchi
- Léo Jaime
- Lobão
- Manna
- Marisa Monte
- Max Cavalera (Sepultura)
- Paula Toller (Kid Abelha)
- Paulo Miklos (Titãs)
- Paulo Ricardo
- Roger Moreira (Ultraje a Rigor)
- Renato Russo (Legião Urbana)
- Sérgio Britto (Titãs)
- Thedy Corrêa (Nenhum de Nós)

Outro _____

INTERNACIONAL

- Axl Rose (Guns N'Roses)
- Bjork (Sugarcubes)
- Bono Vox (U2)
- Cyndi Lauper
- David Bowie (Tin Machine)
- Jim Kerr (Simple Minds)
- Lou Reed
- Madonna
- Mick Jagger (Rolling Stones)
- Morrissey
- Morten Harket (A-ha)
- Neil Tennant (Pet Shop Boys)
- Paul McCartney
- Prince
- Rick Astley
- Robert Smith (Cure)
- Roland Gift (Fine Young Cannibals)
- Simon Le Bon (Duran Duran)
- Siouxsie Sioux
- Tracy Chapman

Outro _____

REVELAÇÃO

NACIONAL

- Adriana Calcanhotto
- Almka Gumbe
- Golpe de Estado
- Inimigos do Rei
- Maria Angélica
- O-Kotó
- Região Abissal
- Sexo Explícito
- Thaide
- 3 Hombres
- Uns e Outros
- Volkana

Outro _____

INTERNACIONAL

- Bomb the Bass
- Cowboy Junkies
- Information Society
- Kon Kan
- Living Colour
- Milli Vanilli
- Nanah Cherry
- Noel
- Paula Abdul
- Pixies
- S'Express
- Yazz

Outro _____

SHOW

NACIONAL

- Barão Vermelho
- Caetano Veloso
- Ed Motta & Conexão Japeri
- Engenheiros do Hawaii
- Lobão
- Marcelo Nova & Raul Seixas
- Marisa Monte
- Paralamas do Sucesso
- Titãs
- Ultraje a Rigor

Outro _____

INTERNACIONAL

- A-ha
- Cyndi Lauper
- Information Society
- Metallica
- Motorhead
- Nick Cave
- Noel
- Rod Stewart
- Sigue Sigue Sputnik
- Tom Tom Club

Outro _____

MÚSICA

NACIONAL

- "Adelaide" — Inimigos do Rei
- "Astronauta de Mármore" — Nenhum de Nós
- "Atropelamento e Fuga" — Scowa & A Máfia
- "Bem que Se Quis" — Marisa Monte
- "Carta aos Missionários" — Uns e Outros
- "Filha da P " Ultraje a Rigor
- "Flores" — Titãs
- "Há Tempos" — Legião Urbana
- "Meia-Lua Inteira" — Caetano Veloso
- "Perplexos" — Paralamas do Sucesso
- "Somos Quem Podemos Ser" — Engenheiros do Hawaii
- "O Tempo Não Pára" — Cazuza

Outra _____

INTERNACIONAL

- "Baldance" — Prince
- "Deus" — Sugarcubes
- "Domino Dancing" — Pet Shop Boys
- "Fine Time" — New Order
- "Girl You Know It's True" — Milli Vanilli
- "Like a Prayer" Madonna
- "Mixed Emotions" — Rolling Stones
- "Patience" — Guns N'Roses
- "She Drives Me Crazy" — Fine Young Cannibals
- "There Is Never a Forever Thing" A-ha
- "Too Late, Marlene" — Duran Duran
- "What's On Your Mind" — Information Society

Outra _____

CAPA

NACIONAL

- *Avenida das Desilusões* — Léo Jaime
- *Beneath the Remains* Sepultura
- *Banjor* — Jorge Benjor
- *Carbume* — Nenhum de Nós
- *Crescendo* — Ultraje a Rigor
- *Inimigos do Rei*
- *Marisa Monte*
- *O Blésq Blom* — Titãs
- *Paulo Ricardo*
- *Pergunte a Quem Conhece* Thaide & DJ Hum
- *Preto com um Buraco no Meio* — Casseta & Planeta
- *Você Não Precisa Entender* — Capital Inicial

Outra _____

INTERNACIONAL

- *And Justice for All* — Metallica
- *Delicate Sound of Thunder* Pink Floyd
- *Disintegration* — Cure
- *The First of a Million Kisses* — Fairground Attraction
- *Flowers in the Dirt* Paul McCartney
- *Into the Dragon* — Bomb the Bass
- *Life is Too Good* — Sugarcubes
- *Like a Prayer* — Madonna
- *Peep Show* — Siouxsie & the Banshees
- *The Seeds of Love* Tears for Fears
- *Surfer Rosa* — Pixies
- *Technique* — New Order

Outra _____

LETRISTA

NACIONAL

- Arnaldo Antunes (Titãs)
- Caetano Veloso
- Cazuza
- Fausto Fawcett
- Herbert Vianna (Paralamas do Sucesso)
- Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii)
- Marcelo Nova
- Raul Seixas
- Renato Russo
- Rubinho Troll (Sexo Explícito)

Outro _____

LPs

NACIONAL

- ☐ 1 *Afrika Gumbe*
- ☐ 2 *Água Mineral* — Blues Etílicos
- ☐ 3 *Alívio Imediato* — Engenheiros do Hawaii
- ☐ 4 *Amigos Invisíveis* — Edgard Scandurra
- ☐ 5 *Ao Vivo* — Barão Vermelho
- ☐ 6 *Avenida das Desilusões* — Léo Jaime
- ☐ 7 *Beneath the Remains* — Sepultura
- ☐ 8 *Benjor* — Jorge Benjor
- ☐ 9 *Big Bang* — Paralamas do Sucesso
- ☐ 10 *Bosco* — João Bosco
- ☐ 11 *Brasil* — Ratos de Porão
- ☐ 12 *Burguesia* — Cazuza
- ☐ 13 *Cardume* — Nenhum de Nós
- ☐ 14 *Carinhos* — Tim Maia
- ☐ 15 *Combustível para o Fogo* — Sexo Explícito
- ☐ 16 *Crescendo* — Ultraje a Rigor
- ☐ 17 *E Agora para Dançar?* — Guelo
- ☐ 18 *Em Toda Parte* — Violeta de Outono
- ☐ 19 *Era das Flores* — Kiko Zambianchi
- ☐ 20 *Estrangeiro* — Caetano Veloso
- ☐ 21 *O Eterno Deus Mu Dança* — Gilberto Gil
- ☐ 22 *Eu Canto Samba* — Paulinho da Viola
- ☐ 23 *European Tour* — Cólera
- ☐ 24 *Império dos Sentidos* — Fausto Fawcett
- ☐ 25 *Inimigos do Rei*
- ☐ 26 *Inocentes*
- ☐ 27 *Kid* — Kid Abelha
- ☐ 28 *La Famiglia* — Scowa & A Máfia
- ☐ 29 *Mapa* — Uakti
- ☐ 30 *Mandinga* — André Christovam
- ☐ 31 *MM* — Marisa Monte
- ☐ 32 *Música e Ciência* — Os Mulheres Negras
- ☐ 33 *Ó Blésq Blom* — Titãs
- ☐ 34 *A Panela do Diabo* — Marcelo Nova e Raul Seixas
- ☐ 35 *Papel de Mau* — Replicantes
- ☐ 36 *Paulo Ricardo*
- ☐ 37 *Pergunte a Quem Conhece* — Thaide e DJ Hum
- ☐ 38 *Popsambalanço e Outras Levadas* — Lulu Santos
- ☐ 39 *Preto com um Buraco no Meio* — Casseta e Planeta
- ☐ 40 *Procedimento Normal* — Evandro Mesquita
- ☐ 41 *Próxima Parada* — Marina
- ☐ 42 *As Quatro Estações* — Legião Urbana
- ☐ 43 *Sangunho Novo* — Vários
- ☐ 44 *Serpente Negra* — Reflexu's
- ☐ 45 *Sob o Sol de Parador* — Lobão
- ☐ 46 *Sucesso do Inconsciente* — João Penca
- ☐ 47 *Supla*
- ☐ 48 *Uns e Outros*
- ☐ 49 *Você Não Precisa Entender* — Capital Inicial
- ☐ 50 *Zé* — Baquini Cavadão

Outro _____

INTERNACIONAL

- ☐ 1 *Alive* — Oingo Boingo
- ☐ 2 *All or Nothing* — Milli Vanilli
- ☐ 3 *...And Justice for All* — Metallica
- ☐ 4 *Automatic* — Jesus & Mary Chain
- ☐ 5 *Batman* — Prince
- ☐ 6 *Blind's Man Zoo* — 10,000 Maniacs
- ☐ 7 *Club Classics Vol. I* — Soul II Soul
- ☐ 8 *Crossroads* — Tracy Chapman
- ☐ 9 *Delicate Sound of Thunder* — Pink Floyd
- ☐ 10 *Disintegration* — Cure
- ☐ 11 *Dress for Excess* — Sigue Sigue Sputnik
- ☐ 12 *Into the Dragon* — Bomb the Bass
- ☐ 13 *Flowers in the Dirt* — Paul McCartney
- ☐ 14 *Green* — R.E.M.
- ☐ 15 *Hold Me in Your Arms* — Rick Astley
- ☐ 16 *Information Society*
- ☐ 17 *It Takes a Nation of Millions* — Public Enemy
- ☐ 18 *Labour of Love 2* — UB 40
- ☐ 19 *Lies* — Guns N'Roses
- ☐ 20 *Life's Too Good* — Sugarcubes
- ☐ 21 *Like a Prayer* — Madonna
- ☐ 22 *Megatop Phoenix* — 8 A.D.
- ☐ 23 *The Miracle* — Queen
- ☐ 24 *Move to Move* — Kon Kan
- ☐ 25 *Neither Fish Nor Flesh* — Terence Trent D Arby
- ☐ 26 *A New Flame* — Simply Red
- ☐ 27 *New Jersey* — Bon Jovi
- ☐ 28 *New York* — Lou Reed
- ☐ 29 *A Night to Remember* — Cyndi Lauper
- ☐ 30 *9* — Pil
- ☐ 31 *Noel*
- ☐ 32 *Oh Mercy* — Bob Dylan
- ☐ 33 *101* — Depeche Mode
- ☐ 34 *Original Soundtrack* — S'Express
- ☐ 35 *Passion* — Peter Gabriel
- ☐ 36 *Peep Show* — Siouxsie & The Banshees
- ☐ 37 *The Raw and the Cooked* — Fine Young Cannibals
- ☐ 38 *Raw Like Sushi* — Neneh Cherry
- ☐ 39 *The Seeds of Love* — Tears for Fears
- ☐ 40 *Sonic Temple* — Cult
- ☐ 41 *Spike* — Elvis Costello
- ☐ 42 *State of Euphoria* — Anthrax
- ☐ 43 *Street Fighting Years* — Simple Minds
- ☐ 44 *Surfer Rosa* — Pixies
- ☐ 45 *Technique* — New Order
- ☐ 46 *Tin Machine*
- ☐ 47 *The Trinity Session* — Cowboy Junkies
- ☐ 48 *Vivid* — Living Colour
- ☐ 49 *Wanted* — Yazz
- ☐ 50 *Watermark* — Enya

Outro _____

Você já participou de alguma promoção BIZZ? Sim ☐ Não ☐

Sua idade _____ Seu sexo: F ☐ M ☐

Qual é a sua emissora de rádio predileta? _____ E qual seu programa de rádio favorito? _____

Você: é assinante de BIZZ? ☐ Compra sua BIZZ na banca? ☐

Nos últimos seis meses, quais edições de BIZZ você comprou? _____

Caso não tenham sido todas, quais fatores fizeram com que você deixasse de comprar a revista? _____

GUITARRA

NACIONAL

- ☐ 1 Andreas Kisser (Sepultura)
- ☐ 2 Augusto Licks (Engenheiros do Hawaii)
- ☐ 3 Dado Villa-Lobos (Legião Urbana)
- ☐ 4 Edgard Scandurra
- ☐ 5 Frejat (Barão Vermelho)
- ☐ 6 Márcio Hermes (Guelo)
- ☐ 7 Pepeu Gomes
- ☐ 8 Sergunho Serra (Ultraje a Rigor)
- ☐ 9 Toni Belotto (Titãs)
- ☐ 10 Tonho Penhasco (Scowa & A Máfia)

Outro _____

INTERNACIONAL

- ☐ 1 Bernard Sumner (New Order)
- ☐ 2 Dave Gilmour (Pink Floyd)
- ☐ 3 Keith Richards (Rolling Stones)
- ☐ 4 Kirk Hammett (Metallica)
- ☐ 5 Mike Rathke (Lou Reed)
- ☐ 6 Peter Buck (R.E.M.)
- ☐ 7 Prince
- ☐ 8 Slash (Guns N'Roses)
- ☐ 9 The Edge (U2)
- ☐ 10 Vernon Reid (Living Colour)

Outro _____

BATERIA

NACIONAL

- ☐ 1 André Jung (Inal)
- ☐ 2 Charles Gavin (Titãs)
- ☐ 3 Edson X (Guelo)
- ☐ 4 Fê Lemos (Capital Inicial)
- ☐ 5 Gigante Brazyl (Marisa Monte)
- ☐ 6 Guto Goffi (Barão Vermelho)
- ☐ 7 Igor Cavalera (Sepultura)
- ☐ 8 James Muller (Scowa & A Máfia)
- ☐ 9 João Barone (Paralamas do Sucesso)
- ☐ 10 Marcelo Bonfá (Legião Urbana)

Outro _____

INTERNACIONAL

- ☐ 1 Bill Bruford
- ☐ 2 Charlie Watts (Rolling Stones)
- ☐ 3 Chris Frantz (Tom Tom Club)
- ☐ 4 Hunt Sales (Tin Machine)
- ☐ 5 James Brown (UB 40)
- ☐ 6 Larry Mullen (U2)
- ☐ 7 Lars Ulrich (Metallica)
- ☐ 8 Nick Mason (Pink Floyd)
- ☐ 9 Stephen Morris (New Order)
- ☐ 10 Steven Adler (Guns N'Roses)

Outro _____

BAIXO

NACIONAL

- ☐ 1 Arnaldo Brandão (Hanói Hanói)
- ☐ 2 Bi Ribeiro (Paralamas do Sucesso)
- ☐ 3 Bombom (Conexão Japeri)
- ☐ 4 Dé (Barão Vermelho)
- ☐ 5 Humberto Gessinger (Engenheiros do Hawaii)
- ☐ 6 Kiko Vassimon (Scowa & A Máfia)
- ☐ 7 Marcos Thomé (Guelo)
- ☐ 8 Nando Reis (Titãs)
- ☐ 9 Paulo Júnior (Sepultura)
- ☐ 10 Tavinho Fialho (Caetano Veloso)

Outro _____

INTERNACIONAL

- ☐ 1 Adam Clayton (U2)
- ☐ 2 Bootsy Collins
- ☐ 3 Duff (Guns N'Roses)
- ☐ 4 Jason Newsted (Metallica)
- ☐ 5 John Taylor (Duran Duran)
- ☐ 6 Lemmy Kilminster (Motorhead)
- ☐ 7 Peter Hook (New Order)
- ☐ 8 Rob Wasserman (Lou Reed)
- ☐ 9 Tina Weymouth (Tom Tom Club)
- ☐ 10 Tony Sales (Tin Machine)

Outro _____

OUTROS INSTRUMENTOS

NACIONAL

- ☐ 1 Bocato (trombone)
- ☐ 2 Bozo Barretti (teclado; Capital Inicial)
- ☐ 3 Carlinhos Brown (percussão: Caetano Veloso)
- ☐ 4 DJ Hum (scratches/programações)
- ☐ 5 João Fera (teclados, Paralamas do Sucesso)
- ☐ 6 Léo Gandelman (saxofone)
- ☐ 7 Lloyd Bonnemaison (saxofone; Luni)
- ☐ 8 Penteia (percussão; Barão Vermelho)
- ☐ 9 Sérgio Brito (teclados; Titãs)
- ☐ 10 Weldir de Carvalho (teclados; Guelo)

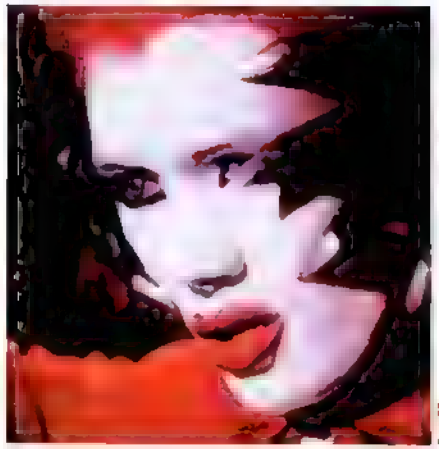
Outro _____

INTERNACIONAL

- ☐ 1 Branford Marsalis (saxofone)
- ☐ 2 Chris Lowe (teclados; Pet Shop Boys)
- ☐ 3 Gillian Gilbert (teclados; New Order)
- ☐ 4 Mark Moore (scratches/programações; S'Express)
- ☐ 5 Martin Gore (teclados, Depeche Mode)
- ☐ 6 Miles Davis (trompete)
- ☐ 7 Peter Scherer (teclados, Ambitious Lovers)
- ☐ 8 Prince
- ☐ 9 Rick Wakeman (teclados)
- ☐ 10 Tim Simenon (scratches/programações; Bomb the Bass)

Outro _____

MIX AMBULANTE



Cantora, atriz, modelo e "ícone dos anos 80", GRACE JONES deixa cair sua máscara de gelo

Graças a Deus existem os remixes", exclama Grace Jones, antes de disparar uma retumbante gargalhada e ajeitar o decote de seu micro-*leotard*, que teima em continuar revelando um mamilo saliente.

Numa suíte do hotel Sunset Marquis, no coração de West Hollywood, Grace está explicando a forma como costuma trabalhar as canções de seus discos e a origem de seu estilo vocal, mais falado do que propriamente cantado.

"Geralmente eu gravo cantando, primeiro", diz ela, adoçando mel e limão à sua xícara de chá. "Depois gravo declamando a letra. Quase sempre as faixas faladas são mais fortes. De qualquer maneira, tenho sempre duas boas opções. Aí é só mixar melhor. Ou remixar."

"As vezes prefiro mesmo falar a letra. Não é rapping, é a criação de uma atmosfera. Algumas canções são poesia, nem toda canção foi feita para ser cantada, sabia? Faladas, elas ficam mais fortes."

Os remixes foram cruciais na conclusão do álbum de Jones, *Bullet Proof Heart*. Com lançamento programado para junho, o álbum, co-produzido por Chris Stanley, sofreu inúmeras modificações até chegar a sua forma final, num disco mais pouco e mais acessível do que Grace costuma fazer, mas nem por isso menos intrigante, e imensamente controverso, pelo menos nas "internas". Numa decisão que contrariava os desejos de sua gravadora, a Capitol, Grace estava determinada a incluir no disco "Crack Attack", cujo tema parecia *déjà vu* demais para o selo. "Fiz de tudo", diz Jones, "mudei o título várias vezes — 'Jap Attack', 'Rap Attack', 'Crack Attack', mas a música sempre fora 'Crack Attack'. É o mais engraçado é que é a música da qual as pessoas mais têm gostado."

Outra adição interessante é a de uma releitura de "Amado Mio", tema cantado por Rita Hayworth no filme *Gilda*.

"Toda vez que estou em casa e quero ver um bom filme, acabo assistindo *Gilda*. É um dos meus favoritos. Ele tem essa canção obsessiva que costura o filme inteiro. Como personagem, (o de Rita) foi um dos melhores já representados: tão avançado, como ela pegando uns caras e os levando para o hotel. Depois ela casa e o marido não quer trepar com ela só para fazê-la sofrer. Aquilo para mim era um barato, entendeu?"

Grace Jones sempre favoreceu os extremos, desde que, em 1972, transportou-se de uma carreira bem-sucedida como modelo para a posição de um dos principais ícones da cultura *discothèque*. As qualidades de suas associações — com o artista francês Jean-Paul Goude, com a dupla Sly & Robbie, com Trevor Horn e Nile Rodgers — colocaram Grace sempre nos territórios mais ambiciosos, alguns diriam mais ultrajantes, da música de dança. Talvez porque Jones nunca tenha sido uma artista de dança necessariamente. Grace é uma das mais bem resolvidas criaturas híbridas que povoam a cultura pop, misto de atriz, cantora, celebridade e lançadora de modas e tendências. Através dos anos ela cultivou o fascinante personagem que criou: uma figura fria, cínica, e ao mesmo tempo sensual, devoradora de homens, maior do que a própria vida, que contrasta fortemente com a Grace Jones da vida real — uma mulher vivaz, calorosa, dona de um agudo senso de humor e com os pés firmemente plantados no chão.

Esse lado humano pode vir a ser mais explorado caso vinguem as negociações realizadas entre Grace e a diretora de cinema Buzhan Paley, da Martinica, para a feitura de um filme baseado na vida de Jones. Também no cinema Grace cultiva aquela persona misteriosa, difícil de se decifrar, seja no papel principal de *Vamp* — uma vampira negra! — ou como a vilã de um filme de James Bond. Com essa biografia cinematográfica, as pessoas poderão ver que "minha vida é, na verdade, muito engraçada".

Mas o retorno aos filmes ainda está em algum lugar no futuro. O objetivo de Grace agora é promover *Bullet Proof Heart* com uma série de shows nos Estados Unidos e na Europa, uma turnê que, já programada, teve de ser cancelada devido ao atraso na conclusão do álbum.

Como integrante e observadora do nada dançável da música pop, hoje Grace pode concluir que muita coisa mudou desde a ascensão da então popularíssima *disco music*. "Houve uma mudança, na Europa e nos outros países, exceto nos Estados Unidos, que trouxeram de volta à tona artistas como James Brown e fortaleceram a carreira de outros, como Prince."

Curiosamente, essa mudança não favoreceu, necessariamente, o *status* destes artistas em seu país de origem. Para Jones, talvez isso tenha ocorrido porque "a América deixou de ser líder para se tornar seguidora".

RETROSPECTIVA 89

Com a morte de Raul Seixas, o rock'n'roll nativo sofreu uma perda brutal. A nova safra não ajudou muito. Enquanto isso, nos EUA, o ingresso mais disputado era para ver os Stones...

ASTRONAUTAS, BARATAS E MISSIONÁRIOS

Hype — De "Hyperbole" (hipérbole). Armação, tentativa de sucesso fabricado, adulação desmedida para um cantor ou grupo principiante ou a venda do medíocre como gênio. (*Guia do Rock*, BIZZ 36.)

Foi da noite para o dia e, quando este dia amanheceu, as rádios bombardearam o Brasil com uma canção intitulada "Uma Barata Chamada Kafka". Os **Inimigos do Rei** não foram exatamente um sucesso pré-fabricado: seus componentes, espécie de dissidência do coral carioca Garganta Profunda, já haviam conquistado um público fiel com seus shows na cidade natal, antes de serem contratados pela CBS. Enquanto os roqueiros torciam (ou tapavam) o nariz, as crianças adoravam e o segundo hit — "Adelaide", uma versão com babador de "You'll Be Illin'", do Run DMC — consagrou-os como banda infanto-juvenil.

As versões foram, aliás, o grande sintoma da falta de originalidade reinante. O trio gaúcho **Nenhum de Nós** passou o bisturi em "Starman" — passaporte de David Bowie para o estrelato, em 72 — e a transcrição fonética para "Estar Lááá...", aliada a uma interpretação "dramática", fez "O Astronauta de Mármore" escorrer sacarina do topo das paradas. Infelizmente, nenhuma rádio aproveitou os dois casos para colocar no ar os originais.

O terceiro estouro do ano veio batizado de **Uns e Outros**, fazendo versões de músicas que a Legião Urbana nunca compôs — como o megahit "Carta aos Missionários". Enquanto isso, o *hyping* engrossava a fileira de "interpretes femininas". Em 88, Marisa Monte, apadrinhada por Nélson Motta, havia conseguido em meses o espaço que Elis Regina demorou anos para ocupar. Este ano, **Adriana Calcanhoto** precisou apenas de algumas semanas. Com as costas quentíssimas na mídia carioca, esta cantora gaúcha obteve o feito de ser a primeira pessoa a aparecer no *Globo de Ouro* sem ter *nenhum* disco lançado! (Preparem-se para a Grande Hipérbole de 1990...)

Teria sido, enfim, um ano mais negro que o dólar paralelo para o pop nacional se o **Sepultura** não tivesse realizado sua sensacional infiltração no rock do primeiro mundo (ver *Ao Vivo* desta edição) uma rota na qual os **Ratos de Porão** e os **Paralamas** também começam a dar os primeiros passos.

QUEM NÃO GOSTA DE SAMBA...

Ritmos digitalmente programados, baixos seqüenciados e compactos de doze polegadas: trilha sonora da virada de década, cujos verbos chave são "samplear" e "mixar", em vez de "compor" e "tocar". Este ano, a **dance music** eletrônica finalmente desembarcou aqui com a força que vinha acumulando na Europa e nos EUA, invasão acompanhada de um fenômeno curioso. Nomes completamente obscuros assaltaram a programação das rádios antes que as gravadoras locais descobrissem quem tinha direitos sobre quem. O percurso passou longe de seus gabinetes: DJs voltavam de viagem com os compactos, estes emplacavam nas pistas e o público ligava para as FMs colocando os hits do salão nas listas das "mais pedidas", e outros DJs, na outra ponta da linha, atendiam. Foi o que aconteceu com **Noel** ("Silent Morning"), a dupla canadense **Kon Kan** ("I Beg Your Pardon") e o **Information Society** ("What's on Your Mind").

Os três casos estavam distantes, porém, da *dance music* mais usada que fervia no exterior (os dois primeiros xerocam o New Order, o último requenta Duran Duran). A conexão Londres—Nova York testemunhou uma profusão de novos rótulos — *deep house*, *garage*, *freestyle*, *raggamuffin youngbeat*, *acid jazz*, *ska house* — até a coqueluche vinda da Bélgica (*new beat/electronic body music*) ser trocada pe a *italian house*. Três dos maiores hits dançantes nas paradas inglesas eram italianos. "Ride on Time" (**Black Box**) "Numero Uno" (**Starlight**) e "Afro Dizzi Act" (**CrySisCal**).

Enfim, mal deu para acompanhar a pilha de novos nomes. O **Soul II Soul** conquistou quadris e corações com um LP brilhante, e os compactos revelaram figuras originais, como **Lil'Louis**, **Sydney Youngblood** e **Technotronic Featuring Felly**.

Enquanto isso, os reis de 88 se consagravam definitivamente: **Mark Moore** (S'Express) colaborando com Prince e Philip Eliss e Tim Simenon produzindo o sucesso de **Neneh Cherry**.

DESEMBARQUE INTERNACIONAL

Ainda está para ser provado que o Brasil entrou no circuito dos grandes shows internacionais. Das grandes estrelas pop, apenas o **A-ha** estendeu sua turnê mundial às nossas praias. Em termos de qualidade, as atrações internacionais também deixaram a desejar, com raras exceções — como os shows de **Nick Cave**, em abril.

O público brasileiro teve, ao menos, acesso a uma certa variedade de estilos, além do privilégio de conferir, ao vivo, alguns dos estouros radiofônicos do ano. Diretamente das FMs para os palcos, tivemos Noel, Information Society e Bliss. Ainda no terreno pop, vieram Sigue Sigue Sputnik, Tom Tom Club, Cyndi Lauper, Rod Stewart e Ambitious Lovers. O metal esteve representado pelo Metallica, Motorhead, Testament, Nuclear Assault e Destruction. O rockabilly esteve presente nos shows do Guana Batz, enquanto o reggae foi defendido pelo UB 40, e o rap, por Derek B.

Em um ano repleto de festivais, tivemos a visita de dois lendários bluesmen, John Mayall e John Lee Hooker, dentro do *Free Jazz Festival*. O blues teve ainda seu próprio festival, em Ribeirão Preto (SP), com as presenças de Etta James, Magic Slim, Junior Wells e Albert Collins. Jon Hassel foi a surpresa agradável que quebrou a monotonia do *Philips Invention Show*, um festival new age. E o Fall, quem diria, acabou fazendo duas apresentações no "vanguardista" *Tucano Arte Festival* — que trouxe ainda Laurie Anderson.

EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

A música popular brasileira nunca foi tão popular no exterior. Logo no início do ano era lançado o primeiro volume da coleção *Beleza Tropical*, uma coletânea de MPB organizada por **David Byrne**. Em março, seria a vez de **Hermeto Pascoal** levar seu som para os palcos de Nova York ao mesmo tempo que **Caetano, João Gilberto e João Bosco** iniciavam sua turnê pela Europa. A imprensa respondia com elogios enquanto a *Newsweek* anunciava a chegada da "brazilian popwave" (sic), a *Spin* dedicava três páginas a **Gilberto Gil**.

No final do ano, Byrne voltaria a atacar em dose dupla — com o segundo volume de *Beleza Tropical*, dedicado ao samba, e seu próprio disco solo, intitulado *Rei Momo*. Para levar sua salada de ritmos latinos para o palco, Byrne chamou ainda três brasileiros: dois percussionistas e a vocalista Margareth de Menezes.

Mas o disco que colocou nosso país em evidência na Europa não foi obra de nenhum brasileiro, e sim de dois franceses. Olivier Lorsac e Jean Karakos criaram uma banda chamada **Kaoma** — dos oito integrantes, apenas três são brasileiros — e lançaram no mercado francês um compacto com a música "Lambada", acompanhado por um clip com casais demonstrando os passos da dança. Em pouco tempo, o single liderava a parada de cinco países europeus, e a lambada invadia as pistas de dança do planeta. Detalhe: "Lambada", o hino do verão europeu, nada mais é do que uma versão de "Llorando se Fue", dos irmãos bolivianos **Ulisses** e **Gonzalo Hermosa** — que movem um processo de plágio contra os atravessadores franceses.

KEITH RICHARDS

NA FLOR DA IDADE

Um retorno aos anos 60 foi comandado por três de seus maiores ícones. **Rolling Stones**, **Who** e **Beatles** — resgatados por **Paul McCartney** e **Ringo Starr**.

Os Stones largaram na frente, anunciando no início do ano um novo LP acompanhado da turnê pelos Estados Unidos — a primeira em sete anos. Foram os que colecionaram maior número de vitórias: enquanto os ingressos se esgotavam em velocidade recorde, *Steel Wheels* chegava aos primeiros postos da parada americana — além de conseguir o respaldo de boa parte da crítica.

Embora *Flowers in the Dirt* não tenha alcançado grande sucesso comercial, McCartney teve momentos de glória, voltando aos palcos depois de treze anos de jejum. Os shows trocam os hits da carreira solo pelos imortais sucessos dos Beatles em noites de pura nostalgia.

O caso mais polêmico foi, sem dúvida, o do Who, que comemorava vinte e cinco anos de carreira. Acusados de oportunistas por muita gente, levaram o *revival* às últimas consequências, saindo em turnê sem um lançamento sequer e ressuscitando a ópera-rock — que muitos julgavam sepultada pelos punks. Ao lado dos Stones e de **Ringo Starr** — que voltou à estrada com um time de veteranos —, eles tomaram os Estados Unidos entre julho e setembro, naquele que será lembrado como o "Verão dos Dinossauros".

Longe de qualquer saudosismo, outros sobreviventes dos *sixties* foram responsáveis por alguns dos lançamentos mais elogiados do ano: **Lou Reed** com *New York*, **Neil Young** com *Freedom* e **Bob Dylan** com *Oh Mercy*.

VERMELHOS... E METALEIROS!!!

No ano da queda do muro de Berlim, a glasnost soviética abriu seus ouvidos para o som produzido deste lado da cortina de ferro. Em fevereiro **Paul McCartney** celebrou o lançamento da coletânea *Back in the USSR* com uma entrevista para a BBC soviética. Um mês depois, era lançada a primeira compilação de rock ocidental naquele país, *Rainbow Warriors*. Mas o maior desafio à paciência dos generais russos foi mesmo o *Festival para a Paz*, em Moscou, que reuniu numa única [illegible] *Mötley Crüe, Bon Jovi, Scorpions* [illegible] tocando para [illegible] pessoas. Depois disso, [illegible] **Engenheiros do Hawaii** para [illegible] os ouvidos soviéticos numa série de cinco shows, também em Moscou.

OS TAGARELAS DO RITMO

DE LA SOUL

"Fuck the police!" Com esse grito de guerra, lançado na música do mesmo nome, a banda americana **Niggers with Attitude** provocou a ira da polícia — inclusive do FBI — e reacendeu a polêmica sobre as relações entre o rap e a violência. Ocupando o espaço deixado vago pelo **Public Enemy** — mais preocupado em resolver suas brigas internas —, o NWA conquistou os EUA, vendendo mais de um milhão de cópias do seu primeiro disco, *Straight Outta Compton*.

O maior fenômeno comercial do rap, porém, foi a ascensão de **Tone Loc**, o primeiro artista negro da área a conseguir o primeiro lugar na parada da *Billboard* com o LP *Loc-ed After Dark*. O hit do álbum, "Wild Thing", foi um dos compactos mais vendidos da década: três milhões de cópias.

Outros preferiram [illegible] uma mistura mais pop, reciclando soul e funk. Foi o caso de **Bobby Brown**, comparado com Michael Jackson, que [illegible] bem-sucedido [illegible] o **New Edition** — para uma carreira solo à base de discos de platina. Trilha semelhante foi seguida, do outro lado do Atlântico, por **Neneh Cherry** e **Soul II Soul** — duas das principais revelações do ano.

Mas a maior revolução foi mesmo o lançamento do LP *Three Feet High and Rising*, a mistura de psicodelismo e hip hop engendrada pelo nova-iorquino **De La Soul** — rotulá-lo "*Sgt. Peppers* do rap" tornou-se um dos clichês do ano.

ZEBRA SOLTA NO PICADEIRO

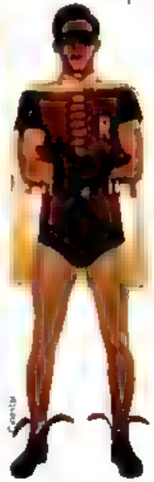
Eles trocaram os bares e os teatros universitários de Athens, Georgia, pelos estádios lotados em todo o planeta. *Green*, seu primeiro disco por uma multinacional, rendeu ao grupo o primeiro disco de platina (um milhão de cópias vendidas). **Michael Stipe** abandonou seu status de compositor hermético para se transformar num novo *sex symbol*, veiculado pela MTV. E a Greenpeace, organização ecológica abraçada pela banda, faturou trinta mil novos membros, depois de um eficiente trabalho de divulgação realizado na turnê mundial.

Em poucas palavras, o **R.E.M.** alcançou finalmente o megaestrelato — mantendo ao mesmo tempo o prestígio [illegible] pela crítica desde o início de sua carreira. [illegible] bem-vindos à ocupação

DOCES CRIANCINHAS

Em meados de 87, quando foi lançado *Appetite for Destruction* — a estreia em vinil dos **Guns N'Roses** — ninguém deu muita bola. Parecia apenas mais uma banda heavy de Los Angeles. Um ano e meio depois, o disco se aproximava de dez milhões de cópias vendidas, puxadas, claro, por uma balada, "Sweet Child O' Mine". Alçados ao megaestrelato, os cinco rapazes passaram a fazer de tudo para superar as lendárias barbaridades cometidas pelo Led Zeppelin em camarins, aviões e suítes de hotel. Este ano, veio o contra-ataque: "One in a Million", faixa de *G N' R Lies*, causou indignação com os versos "Policiais e crioulos, saiam do meu caminho / e imigrantes e bichas não fazem sentido para mim / vem para o nosso país achando que podem fazer o que querem / como montar um mini-Irã ou espalhar uma doença fodida". Autoria do vocalista W. Axl Rose, colecionador de armas de fogo, que — dizem — já ameaça dissolver a banda, farto do apetite pela autodestruição do guitarrista Slash.

Homem-morcego, capitalismo selvagem... ô-ô-ô!!!



BATPENTELHAÇÃO

O evento mais bizarro do ano ficou por conta da onipresença da silhueta de um morceguinho. Onde quer que você estivesse, para onde quer que você olhasse, ele estava lá. Em camisetas, chaveiros, pranchas de surfe — até na capa do disco do **Prince**! Se esse tipo de *marketing* der o tom cultural dos anos 90, há de ser uma década deliciosa.

SHOW BUSINESS

Medalhões pop, grupos infanto-juvenis, cantores desconhecidos e monstros do heavy metal: todos eles tiveram sua fatia no bolo de dólares arrecadado este ano pela indústria fonográfica americana. A campeã absoluta de vendagens foi a imbatível **Madonna**, que espalhou mais de oito milhões de cópias do LP *Like a Prayer* pelo mundo todo. Enquanto isso, sua mais nova rival, **Paula Abdul** — ex-coreógrafa de Prince, entre outros — alcançava os dois milhões de cópias vendidas do LP *Forever Your Girl*.

Em clima de histeria coletiva — que muitos compararam à beatlemania —, o grupo americano **New Kids on the Block** alcançou a marca surpreendente de sete milhões de cópias com *Hangin' Tough*, apenas nos Estados Unidos. Mais uma prova de que a velha fórmula "Menudo" — *sex appeal* adolescente, pop adocicado — ainda funciona.

Outro tipo de histeria — provocada por uma figura mascarada — gerou outro grande hit do ano: a trilha sonora de Prince para *Batman* (mais de cinco milhões de cópias vendidas). Foi uma injeção de dólares na carreira do príncipe, obtidos a custa de um dos seus piores discos — ao lado de *Purple Rain*, seu outro grande sucesso comercial.

A grande surpresa foi o sucesso do segundo LP de um cantor até então ignorado pela mídia. **Bobby Brown** permaneceu 41 semanas entre os dez mais nos EUA, fechando o ano com um saldo de seis milhões de cópias vendidas do LP *Don't Be Cruel*. Outra revelação foi a dupla Milli Vanilli que, com seu LP *Girl You Know It's True*, vendeu cinco milhões só nos Estados Unidos.

O **Guns N'Roses** reeditou o sucesso de 88, vendendo cinco milhões de cópias de *GN'R Lies* no mundo todo. Na Inglaterra, os campeões foram os **Fine Young Cannibals**, com seis milhões de cópias vendidas de *The Raw and the Cooked* em todo o planeta.

Outro que colecionou discos de platina foi **Rick Astley**, liderando a constelação de estrelas fabricadas por **Stock, Aitken e Waterman**: Jason Donovan, Sonia, Kylie Minogue...

De olho em uma fatia do rico mercado fonográfico americano, a pirataria digital se sofisticou e invadiu as lojas com CDs de qualidade comparável à dos oficiais. Beatles, Rolling Stones, Pink Floyd, Led Zeppelin e Guns N'Roses foram os preferidos pelos *bootleggers*.

Foi também um ano de grandes negócios. Akiro Morita oficializou o casamento da Sony com Hollywood comprando a Columbia Pictures. A PolyGram comprou a Island e a A&M, enquanto os conglomerados Time e Warner Bros. oficializavam sua união.

Ninguém, porém, faturou mais do que **Michael Jackson**. Foram 65 milhões de dólares, segundo a revista americana *Forbes* — que o apontou como o *entertainer* mais rico do mundo.

ANGLOFILIA

Os **Fine Young Cannibals** foram os senhores absolutos da música pop inglesa em 89. Depois de um silêncio de três anos, voltaram liderando as paradas nos dois lados do Atlântico, invadindo as pistas de dança do mundo inteiro e estourando hits como "She Drives Me Crazy", "Don't Look Back" e "Good Thing".

Nos palcos, porém, quem brilhou foram os **Pet Shop Boys**. Em sua primeira turnê, a dupla britânica cercou-se de uma produção grandiosa, na qual não faltaram dançarinos, telões gigantes, figurinos luxuosos e luzes hipnóticas, no mais sofisticado evento pop do ano.

A grande decepção ficou por conta de outra dupla, os **Tears for Fears**. Depois de três anos de gravações — que consumiram mais de um milhão e meio de dólares —, esperava-se um pouco mais do LP *The Seeds of Love*, que acabou ficando muito longe do sucesso do antecessor, *Songs from the Big Chair*.

A meio caminho entre o *mainstream* e o underground, duas bandas firmaram sua posição perante o público e a imprensa britânica: o **Wedding Present**, apontado como o sucessor dos Smiths, e o **Spacemen 3**, o melhor representante do neopsicodelismo deste final de década.

Os anos 60, por sinal, foram os mais visados pelas novas bandas independentes inglesas. O maior destaque, porém, ficou para as bandas **Stone Roses** e **Inspiral Carpets**, ambas de Manchester.

"Cazuza — Uma vítima da Aids agoniza em praça pública"
Revista *Veja*, chamada de capa da edição de 26/04/89

"A leitura da edição de *Veja* que traz meu retrato na capa produz em mim um profundo sentimento de tristeza e de revolta. Tristeza por ver essa revista ceder à tentação de descer ao sensacionalismo para me sentenciar à morte em troca da venda de alguns exemplares a mais."
Cazuza

"Eu já não me lembro bem da primeira vez que eu dei."
Kid Abelha, "Agora Sei"

"Adelaide/minha anã paraguaia.../soltaste aquele 'pum' no elevador"
Inimigos do Rei, "Adelaide"

"Quando eu disse que não dependia mais do rock'n'roll, era numa época em que nada acontecia. Foram seis meses de nada, nada, nada. Titãs, então, dava até raiva — todo fim de semana estavam no Canecão. Adoro os Titãs, mas era sempre a mesma história — todos os globais vendo Titãs e descobrindo o rock'n'roll."
Renato Russo

"A gente não tem domínio sobre quem gosta de nós. Um disco para vingar tem que ser tocado exaustivamente. E tem que tocar no Canecão."
Charles Gavin

"Essa manifestação faz parte do marketing do Renato."
Toni Bellotto

"Foi um comentário leviano da minha parte... Porque, Deus me livre, os Titãs são maravilhosos. Somos iguais, e tenho certeza de que no dia que nos encontrarmos de novo, daremos umas risadas, e vamos falar mal das gravadoras e mal de todo mundo e bem de todo mundo."

"Não sei se seria positivo para a Legião fazer *Hollywood Rock*. Além do mais, para isso existe o Capital Inicial. Como vamos cantar o que cantamos com um bafo bandeirão do Hollywood atrás? Mas todo mundo é hipócrita. Quem sabe um dia faremos."

"As pessoas acham que rock'n'roll é fazer versão de David Bowie e aparecer no *Globo de Ouro*. Ou fazer copiazinha de música de generais, como aquela coisa horrorosa do Uns e Outros."
Renato Russo

"A estética do rock acabou, o negócio é MPB. Funcionários do rock são caras ultrapassados que estão tendo espaço exagerado na mídia, como Pink Floyd, Iggy Pop e George Harrison. Renato Russo é o Geraldo Vandré dos anos 80."
Lulu Santos

"Aqui a burrice é planificada. Essa é a questão principal do Brasil para o futuro. Não é segredo nenhum, se eles destinam apenas 3% do orçamento para educação e cultura, é para isso mesmo, para continuar assim, para sermos durante o século vinte e um mão-de-obra escrava para o mundo."
Jorge Mautner

"Quando cheguei a Passo de Los Libres, na Argentina, eu olhava para o rio Paraná, via o Brasil do outro lado... Que alívio, meu Deus!"
Lobão

"A Madonna é superpop e faz sucesso no mundo inteiro. Se uma garota daqui fizesse o que ela faz, seria chamada de brega. A Patrícia canta muito melhor do que ela!"
Michael Sullivan

Entre 65% e 70% da música comprada hoje é do passado. As gravadoras estão vendendo música feita nos últimos trinta anos, não nos dias de hoje. Estou falando de garotos que vão ao show do Guns N'Roses e no dia seguinte compram um disco do Led Zeppelin."

"Se ainda existem verdadeiros garotos rock n'roll, não são aqueles que estão fazendo música... e sim os que estão pegando computadores e se infiltrando no Pentágono, em grandes instituições financeiras dos Estados Unidos. São esses os punk rockers de hoje."
Malcolm McLaren

"Não tô a fim de fazer música para tocar para c*, porque não tô a fim de me ouvir para c*, porque eu me enchi o saco para c*."
Paulo Ricardo

"I like sex, eu quero é suar/I like surfing, eu quero entubar."
Supla, "I Like Sex"

Nenhum de nós três aqui é burro. A gente faz um esforço desgraçado para fazer umas letras pelo menos passáveis para nós mesmos, e de repente vem um cara qualquer e reduz isso a pó, sem tomar conhecimento algum. Bah!
Thedy Corrêa, (Nenhum de Nós)

"O rock no Brasil é um negócio. Desinformado, desestruturado, sem autenticidade, sem grana, sem garra, sem coração, sem caráter também. Quem faz rock no Brasil hoje são as bandas que estão na garagem e são totalmente bloqueadas pela mídia eletrônica. Se esses caras não conseguirem fazer nada, não vão ser os Inimigos do Rei ou Nenhum de Nós que vão fazer, com toda certeza."
Marcelo Nova

"O que eu fiz pelo Greenpeace? Eu joguei uma bomba no McDonald's."
Chryssie Hynde

"Quanto mais eu aprendo sobre a Floresta Amazônica, mais complicada ela parece. É por isso que eu não escrevo uma canção sobre ela."
Sting

"Não é verdade que eu faço sexo cinco vezes ao dia. São sete vezes, pelo menos. Estou treinando para ser um golfinho, eles fazem isso pelo menos quinze vezes por dia."
Simon Le Bon

"Os golfinhos fodem porque gostam. Eles são mais espertos do que nós."
Terence Trent D'Arby

Acho incrível que os próprios brasileiros considerem o Brasil um lugar feliz. Da primeira vez que eu vim para cá, me perguntaram por que eu vinha para um lugar tão feliz, 'se eu faço música triste... Eu acho que é a afirmação mais absurda que já ouvi."
Nick Cave

"O jeito como Robert Smith tirou aquele tecladista da banda foi um golpe baixo. Você pode até odiar alguém em sua banda, mas aquilo foi um exagero."
Mark E. Smith

É um bastardo queixoso e preciosista. É todas as coisas que dizem que eu sou. Morrissey canta a mesma canção toda vez que abre a boca. Eu, pelo menos, tenho duas canções: 'Lovecats' e 'Faith'."
Robert Smith

"Tudo o que dizem sobre Morrissey é mentira. Eu conheço uma pessoa próxima a ele, e aparentemente é um cara normal, que sai por aí sorrindo e bebendo com várias garotas."
Keith Gregory (Wedding Present)

"Vocês estão curtindo? 'Curtindo', eu gostei dessa palavra. Daqui para a frente, vai ser meu novo apelido."
Cyndi Lauper

"Você deve estar falando do Who!"
Mick Jagger! respondendo a um jornalista que queria saber se os Stones haviam vollado pelo dinheiro

SAFRA GERMÂNICA

A música eletrônica alemã está em plena atividade. Nos últimos meses, vários compactos de doze polegadas e coletâneas invadiram as pistas dos nightclubs, muitos deles ultrapassando as fronteiras da Alemanha e pulsando em outras cidades da Europa. Aqui no Brasil, alguns já são executados em casas noturnas mais alternativas. Os melhores pertencem a selos independentes que fazem a trilha energética da *electronic body music* desta virada de década.

São grupos, projetos de DJs e engenheiros de som, que sampleiam uma série de hits de anos passados, manipulando timbres numa grande pesquisa musical. Muitos destes "projetos" lançaram apenas compactos de doze polegadas com um som urgente para um público bem segmentado, sintonizado com o som eletrônico. Começando pelos mais comerciais (de sucesso imediato em qualquer pista de dança), temos o **Robotiko Rejekto**. "Umsturz Jetzt" (Compacto 12" que antecede o álbum *Biomechanic*) é produzido pelo DJ e engenheiro de som **Talla 2XLC**, baseado na cidade de Frankfurt, que já criara o *Moskwa TV*. Com alta execução nas pistas européias, a gravação tem a voz manipulada através de um multi-efeitos SPX-90, com a base literalmente "chupada" do grupo Dead or Alive. Outros grupos e compactos:

CCCP — "United States of Europe". De repente você pode achar que está ouvindo um revival do falecido Frankie Goes to Hollywood. A letra fala da unificação da Europa, prevista para 1992.

Cetu Javu — "Situations". A mais comercial de todas, lembra Noel.

The Invincible Limit — "Push". Uma batida mais pesada da *electronic body music*.

Out of Ordinary — "Play it Again" (The Los Niños Mix). Uma das melhores colagens feita pelo DJ Torsten Fenslau (que trabalha no Dorian Gray em Frankfurt). A base deste mix foi sampleada da música "Los Niños del Parque" (81), do extinto Liaisons Dangereuses (um de seus integrantes era Chris Haas, que participou do álbum *Shine* do Crime + The City Solution) e mixada com vários hits: "It Takes Two", "Tanzen", "Flesh" e "Computer World", entre outros.

A fatia mais densa e criativa para os radicais de pista da *electronic body music* está, porem, em dois novos selos: New Zone, cujos primeiros lançamentos são os grupos Limo Deutsch Sons of Nippon, Blind Vision e Technoid e Zoth Ommog — responsável pelo Aggrepo, o mais agressivo dos eletrônicos, buscando novas aventuras sonoras, combinando estilos diferentes de vários países, e também Aircrash Bureau (na mesma linha dos belgas Front 242), Noise Control e, de São Francisco, Califórnia, o grupo Consolidated.

Musique non-stop!

ALTA ROTAÇÃO

Depeche Mode — "Personal Jesus" (com cinco diferentes versões desta canção entre o rock'n'roll e o Kraftwerk).

Jive Bunny and the Mastermixers — "That's What I Like" (colagem de vários hits das décadas de 50 e 60).

Norman Cook — "For Spacious Lies" (segundo mix do ex-baixista do extinto Housemartins).

Wire — "In Vivo" (antes disponível como faixa extra no último CD da banda, *Ibitabo*).

MC900 FT Jesus (With DJ Zero) — "Shut Up".

Liaisons Dangereuses — "Los Niños del Parque" (relançamento, em 12" e CD single, do hit eletrônico de 81).

New Order — "Run 2".

Baby Ford — "Children of the Revolution" (regravação do original de Marc Bolan,

CONSOLIDATED

TRACY CHAPMAN

DISCO DE PLATINA
250.000 LPs
EM APENAS
1 MÊS

CROSSROADS

"ELES DIZEM QUE HÁ MUITOS CRIMES NAS RUAS DESTA CIDADE
E NA VERDADE, SÃO MEUS SENTIMENTOS EXATAMENTE:
O GOVERNO E SEUS GRANDES NEGÓCIOS SEGURAM AS RÉDEAS DO DINHEIRO
E QUANDO EU TRABALHO, TRABALHO NAS FÁBRICAS
ESTOU À MERCÊ DO MUNDO
E PENSO QUE TENHO SORTE POR ESTAR VIVA"

Trecho da Música **SUBCITY**

Já a venda em CD, LP e K7 wea

"Somos uma *guitar band*", declara Zé Antônio, guitarrista dos **Pin Ups**, procurando não classificar categoricamente o trabalho do grupo. E contra-ataca com uma outra pergunta: "Como você definiria o som do Sonic Youth?" Pois essa *guitar band*, formada em junho de 88 por André Benevides (voz e guitarra), Luis Gustavo (baixo) e Zé Antonio, já incluiu em seu currículo ao menos um feito notável. Em uma apresentação no Espaço Retrô, em outubro do ano passado, os Pin U'ps contaram com a participação do guitarrista Blixa Bargeld (Bad Seeds, Einsturzende Neubauten), que se encontrava em São Paulo para as gravações do LP de Nick Cave (*leia matéria na próxima edição*). Blixa subiu ao palco para empunhar uma guitarra com apenas cinco cordas, tocando uma música que nunca tinha ouvido. Para uma banda tão nova, nada mais animador.

Os Pin U'ps não se incomodam com eventuais microfonias que costumam rondar suas apresentações. "Nós não procuramos microfonias, mas também não as evitamos", afirma André. O noise do grupo não está impregnado nos vocais — as melodias são mais leves do que se possa imaginar —, mas seguramente passa pela bateria. Marcos Abreu, o mais novo baterista, já se valeu apenas das peles em algumas apresentações, tocando em pé, sem pratos e sem chimbau.

Após reformular várias vezes os arranjos e substituir parte do repertório, o grupo vem retomando a agressividade que caracterizou sua primeira fase, apostando numa estética menos comportada e mais caótica. Este vigor não impressionou apenas o guitarrista Blixa. Thomas Wydler, baterista dos Bad Seeds, comparou-os aos Stooges, declarando sua preferência pelo quarteto brasileiro.

O rock ficou tão intimo dos curitibanos nesta década que é impossível deixar de associá-lo ao surgimento dos fanzines. Tudo começou em 83, quando apareceu o **Espectro do Caos**, o primeiro zine paranaense, com edição de cem exemplares. A matéria principal destacava o movimento punk em Curitiba. Com o tempo, outros fanzines foram surgindo, divulgando várias tendências, principalmente inglesas. O melhor zine deste período foi o Grupo, que infelizmente não deixou herdeiros. Seu sucessor, o Inquerito, não teve o mesmo pique (o editor Alexandre Cabral deixou o zine para ser vocalista de uma banda psychobilly, Os Missionários). Outro grande zineiro é Neri Gonçalves, que editou o primeiro zine em off-set do Brasil, o Graças ao Trabalho (antes já havia lançado Bife Suja e Abaixo a Bomba). Não podemos deixar de mencionar ainda Rebelde Sem Pausa, Ou Ratos Urbanos, Physical Fun, Cadernos Anarquistas, Zine Acrata & Pretenções Urbanos, Ordem e Protesto, e o mais atual de 89, Subsolo.

Se os espaços cariocas andam minguados para pequenos grupos, que dirá para orquestras. Acreditando "na coexistência de todas as formas sonoras dentro de um contexto atual", a **Orquestra Brasileira de Guitarras** foi formada em 86, sob a direção de Afonso Neves. O repertório vai do rock ao erudito, passando pelo jazz e MPB. Por sua vez, a **Orquestra Xaka Xaka**, liderada por Marcelo Elo (ex-Elo & Os Perdidos) e Leandro Verdeal (ex-Miquinhos Amestrados), traz suas intenções impressas na fita demo: "Cansados do rock'n'rol, misturamos a linguagem binária dos computadores ao sentimento humano de musicos em carne, ossos e cabelos". Com formação mutante em torno de dez músicos e mais as intervenções do DJ Paulo Futura (de Yma Sumac a James Brown), a Xaka Xaka recria antigos sucessos de Sinhô, Jararaca e Geraldo Pereira, além de composições próprias, como "Baile dos Lagartos".

Tendo na figura do guitarrista Mingau (ex-Ratos de Porão, ex Inocentes, ex-365) um ótimo ponto de partida, a banda paulistana **Facto** mescla rock e pop com peso e qualidade. Não ultrapassando a marca dos vinte anos, os outros integrantes (João Marcos, guitarra; Roberto, baixo; Chico, bateria; e Flávio, voz) deixam claras suas pretensões comerciais. A banda **Filhos da Ramba**, formada por Miminho Freire (voz) e Duca Belintani (guitarra, ambos ex-Controle), aparece bem apadrinhada: incluiu em seu repertório uma música inédita de Roger, do Ultraje a Rigor, e teve seu nome sugerido por Wander Taffo (ex-Radio Taxi). Acompanhados por Arinos (guitarra), Áureo (baixo) e Mauro (bateria) — músicos convidados para a gravação de uma demo e integrados definitivamente ao grupo —, ostentam o modesto *slogan* "O Único Rock'n Roll".

Nos anos de 87 e 88, existiu em Porto Alegre um lugar chamado Vórtex — uma especie de bar, loja e estúdio, comandado (!?!) pelos Replicantes. Quem não tinha o que fazer se reunia lá, para tomar cerveja, falar sobre qualquer bobagem e fazer um som. Nesse contexto, surgiu **Plato Dvorak** (Paulo Alex para os chegados), um cara que sabe de cor a escalação de times de futebol da Escócia, fala em John Cale e Andy Warhol e, invariavelmente, desculpa-se pelas maneiras estranhas, dizendo que seu pai o embebeda todo dia. Diz ainda que nasceu em Santa Rosa (interior do RS) e era vizinho da Xuxa, que muito o carregou no colo.

Plato Dvorak formou várias bandas, que raramente duravam mais de um mês e, em cada formação, ele tocava um instrumento diferente.

Uma boa amostra de seus delírios musicais está na fita A Grande Sacanagem, lançada pela Vórtex, no qual atua como baixista na banda Os Jaquetas. Agora, Plato ataca de cantor, com o grupo Père LaChaise — a coisa mais pop que conseguiu fazer.

Qual, exatamente, é o problema do Gueto?

Uns quatro anos atrás, a banda pulou do berço para os palcos de São Paulo com shows de gula, ganância e luxuria. Foi o "sabor" da temporada, prontamente ligado por uma grande gravadora. Reapareceu à altura com *Estação Primeira* — um disco soberbo, em que a adrenalina dos shows que consagraram o grupo aliava-se a uma produção de primeira, engrossando o caldo com percussão, metais e... muito peso. Um disco hiper-extra pop, bordado com todos anzois possíveis em ritmo e melodia (feijão com arroz, sem o qual não ha pop) para varrer AM e FM de ponta a ponta do dial.

Talvez o problema não seja exatamente do Gueto e sim das radios... afinal, nada disso aconteceu. A banda mergulhou numa espécie de limbo, do qual o segundo vinil — *E Agora pra Dançar?* — tinha mínimas chances de escapar. Um disco esquisito, sem altos nem baixos às primeiras (e últimas) audições, reto plano, liso, sem graça nem sal.

A tragedia parecia confirmada: o *conto interruptus* com o sucesso havia feito o Gueto brochar.

No palco do Aeroanta, porem, a mesa vira e as decepções são enterradas já com "Você Sabe Bem", ex faixa "de trabalho" de *E Agora*, e que abre o banquete. Ao longo da noite, algo fica bem claro: a diferença básica entre *Estação Primeira* e seu sucessor não é uma má produção deste, e sim sua *falta* de produção. Ao vivo, canções como "Você Sabe...", "Balaio de Gato", "Não Sou Eu, É Onde Eu Vivo", "Estive Aqui", "Respeito" (letra de Arnaldo Antunes) e principalmente "Alma" — com sua arrepiante coda em clima de Norman Whitfield — ganham corpo, dinamica, sangue, suor e convivem, sem atropelos nem derrapadas, com "velhas" especiarias. Enquanto isso, estes hits são atacados com toda a aerodinâmica que faz do Gueto um dos melhores shows desta terra (ainda). "Ensaio Geral" é estucada e desemboca na furia aveludada de "Emoção". "Borboleta Psicodélica" toma um atalho para citações do tio Maia e seu sobrinho — "Sossego" e "Vamos Dançar" (convite desnecessario a essa altura da orgia). E o cartão de visitas, "G.U.E.T.O.", continua arrancando o acompanhamento em uníssono da platéia.

Da metade do show em diante a banda e acrescida de Geraldo d'Arbilly — o produtor de *Estação Primeira* — e sua percussão cai como um tempero indispensavel, reforçando a pulsação de Edson X, uma das marcas registradas do grupo. Mas não ha destaques possiveis. A principal força do Gueto está na coesão quase telepatica entre Edson, a guitarra de Marcio Hermes, o baixo de Marcola e os teclados de Waldyr de Carvalho, o novo integrante, cuja presença se faz sentir muito mais no palco que no último disco. E esta cama que permite ao vocalista J.C. flutuar entre os polos de *soul crooner* e *rhythm n'blues shouter*. A receita da banda reúne todos os fragmentos dessa tradição negra — conhece-a de cima a baixo e nunca sua oportunista, ao contrario das concorrentes nacionais (mais evidentes na midia) que volta e meia rocam a caricatura de tanto clichê. Qual outra banda brasileira ousaria uma cover do diamante de Bacharach e David que é "Walk On By" sem ser ridicularizada pelas gravações de Dionne Warwick e Aretha? Ou sem transformar o resto do repertorio do show em um punhado de pigmeus?

Isso chama *soul*, em seu sentido mais amplo, e o Gueto tem de sobra. Cabe agora à banda gravar o terceiro disco apenas quando tiver a certeza de que esta desulado o suficiente para hipnotizar o pais, ou seja, perfeccionismo radical. A sua gravadora, é importante lembrar que os Tuas iniciaram sua escalada justamente a partir do terceiro LP e, se alguém merece esse investimento é o Gueto. Afinal, desde que os Talking Heads desistiram de ser a melhor banda de funk branco do planeta, o trono permanece vago. E eles tem, nas mãos, um bom pretendente.

GUNS N'ROSES/ROLLING STONES

"Duelo em Los Angeles!", esclamavam as manchetes ao comentar o confronto que estava para acontecer ao longo de quatro noites no palco do Coliseum olimpico. Os escribas apostavam numa luta renhida pela disputa do titulo de A Melhor Banda de Rock do Mundo e garantiam que os veteranos Stones precisariam suar a camisa para, no mínimo, empatar com os frangotinhos novos, ainda mais em territorio francamente pró-Axl e Slash. Mas a frustração de expectativas que se viu mais tarde foi de deixar qualquer um embasbacado.

Virtualmente ignorado pela malta de 72 mil pessoas que clamavam por seus herois locais, restou ao Living Colour — banda de abertura que vem acompanhando os Stones desde a estréia da turnê na Filadelfia — a indignante tarefa de tocar para ouvidos hostis e indiferentes. Pior para quem não prestou atenção a um espetáculo feroz, ainda que ocasionalmente confuso.

Talvez uma dose e tanto de insegurança explique o fato de Axl Rose ter salpicado todas as apresentações do Guns N Roses no Coliseum com diferentes diatribes verborrágicas, contra os criticos que condenam o racismo, a xenofobia e o anti-homossexualismo de "One in a Milhon"; contra o uso abusivo de drogas entre seus próprios companheiros de banda e se dizendo, no geral, um incompreendido em sua "arte". Medo dos Stones? Possível, embora improvável para um sujeito que calca toda a sua imagem na arrogancia rock'n'roll. Vontade de se desculpar por "One in a Milhon"? Uma chance em um milhão de que seja esse o motivo de tanta falação. Desejo de criar quizumba, confusão pura e simples? Ai talvez, quem sabe.

Descontados os minutos de discurso — até mesmo o neandertalesco Slash se aventurou a proferir uma conversa mole para boi dormir, salpicada de palavrões gratuitos, antes de dar partida a um solo rigorosamente despropositado, oco e embaraçoso —, o que o Guns N'Roses ofereceu foi uma salada de hits executados de uma maneira aquém de espetacular, que decerto satisfez os fãs, mas não convenceu os incredulos. Para quem via a banda pela primeira vez, chegou a ser decepcionante: tanta grita só por isso? Exceto por um punhado de boas canções, um vocalista de primeiro escalão e um tanto de espontaneidade que faltam a 90% dos shows, o GN'R não difere muito da legião metálica que assombra os dubinhos de Hollywood. E, pelo visto no Coliseum, eles devem funcionar melhor em lugares menores, apesar do grande espaço não lê-los intimidado nem um pouco.

De uma brutal "It's So Easy" à trinca arrasa-quarteirão que fechou o set — com "Welcome to the Jungle", "Sweet Child O'Mine" e "Paradise City" —, a banda se mostrou apenas regulamentar e em nada se parecia com a criatura mitica de quem tanto se falou nos últimos dois anos. Seu grande trunfo é a capacidade de balançar o coreto do metal bom-moço dos Bon Jovis da vida, trazendo de volta à cena a sujeira, a violência e o sentimento de perigo iminente que suscita uma boa banda de garagem. Mas foi só a

eterna Maior Banda de Garagem do Mundo assumir os controles que o Guns N Roses foi diretinho para o fundo do bolso. Quem sabe, da próxima vez...

CYNDI LAUPER

AO VIVO

"Eu estava fazendo um show, nao estava? Já tinha me esquecido..." No palco do ginásio do Ibirapuera, uma garota desajeitada interrompe aos risos uma longa história sobre como foi espancada quando entregava uma faixa para Elton John, ha alguns anos. Depois de passar cinco minutos falando em ingles, ela parece perceber que algo está errado. "Vocês não estão entendendo nada não é? Não tem importância, eu não estava mesmo falando nada interessante."

Uma festa do interior, animada por uma afinadíssima cantora, que adora dançar e contar historias. Assim poderia ser descrito o show de Cyndi Lauper, a atriz/estrela por excelencia. Esqueçam definitivamente qualquer comparação com Madonna: Cyndi é baixinha, gordinha, desengonçada e assumidamente brega. Sua sensualidade — sempre camuflada por um ar de desdem — é apenas um elemento a mais na grande farra promovida pela loirinha desde o instante em que pisa no palco.

"I Drove All Night" é o hit que abre o espetáculo revelando uma vocalista agitada, que insiste em levantar provocativamente seu vestido transparente de bolinhas pretas. Na segunda canção, "Change of Heart", Cyndi mostra a principal arma para combater a breguice recorrente do seu repertorio: uma ênfase maior para o ritmo, conduzido pelas maos competentes da percussionista Sue Hadjopoulos, unico destaque numa banda apenas correta.

O show à parte de Sue, que chega a solar em varios momentos, nao é suficiente para salvar um funk deblocado como "Primitive" — da mesma forma que os vibratos impressionantemente agudos de Cyndi parecem desperdiçados na melosa "My First Night Without You". Mas nem tudo esta perdido: Cyndi é capaz de dar a volta por cima e nos brindar com uma agradavel versão de "What's Going On", classico de Marvin Gaye (gravado por ela em *True Colors*). "Iko Iko", uma canção tradicional dos negros de Nova Orleans, completa o bloco, envolvendo o publico na atmosfera tribal evocada pela percussão.

"Posso parecer louca, mas tenho um bom coração." Para provar o que diz, Cyndi passa o resto do show intercalando a "loucura" saudavel dos hits do primeiro LP *She's So Unusual*, com as bem-intencionadas — e imperdoavelmente chatas — baladinhas do vinil recem-lançado. Bastam os primeiros acordes de "She Bop" para que o publico embarque numa dança frenética, que chega ao seu climax com "Money Changes Everything". Freneticos sao tambem os movimentos de Cyndi, que aproveita o embalo para se livrar do vestido, transparente, revelando uma tatuagem que desce por seu pescoço, escondendo-se no decote do minivestido preto.

Com uma versão diferente de "Girls Just Wanna Have Fun" — que passa do funk ao reggae sem cerimônia —, a cantora anuncia que a festa esta chegando ao fim. A delicada "Kindred Spirit", ja no bis é interrompida por gritos que pedem "True Colors", prontamente atendidos. "Está na hora de ir para casa", diz a nossa contadora de historias — consciente de que, logo mais, ja fará parte do passado, como sempre acontece com as loiras do universo pop. Mas todo mundo so queria mesmo era se divertir.

BARÃO VERMELHO

Em meio ao carnaval alemão de Santa Catarina (a Oktoberfest, em Blumenau), Florianópolis mais parecia uma cidade de apoio do que uma capital de estado, emprestando sua infra-estrutura turistica para a maior festa do sul brasileiro. Ainda assim, cerca de duas mil pessoas embolavam-se, a céu aberto, à espera de um autentico show de rock. Atras do palco, alem dos musicos do Barão Vermelho, outros artistas aguardavam o inicio do espetáculo: a produção do evento, na tentativa de enriquecer visualmente o show, convidou o teatro de sombras do grupo Karagoz, de Curitiba, para criar um cenário performático, numa fusão inedita na carreira dos dois grupos e, provavelmente, sem precedentes na historia do rock nacional.

Apos a contagem do baterista Guto Goffi, as guitarras de Frejat e Fernando detonam o riff de abertura de "Pense, Dance", aquecendo os motores para o vôo do Barao. O painel ao fundo do palco brilha sob fortes luzes coloridas, recortadas por sombras de objetos geometricos e a silhueta de uma bailarina com os seios despidos. A platéia vibra.

Com a prensagem do disco *Ao Vivo* concluida há menos de uma semana, o Barão apresenta o repertorio do LP — com duas musicas inéditas, alem das que consagraram a banda ao longo dos últimos sete anos — com extrema competencia. O unico (e minimo) deslize, não chegou sequer a ser percebido pelos fas: em "Bete Balanço", Guto Goffi avançou para o final da musica quando Frejat mal havia arrematado seu solo, suprimindo um pequeno trecho instrumental, numa espécie de "edição" forçada.

Para um show ao ar livre, a qualidade de som impressionou. Era possivel distinguir com clareza todos os instrumentos, das distorcidas guitarras à sensivel percussão de Peninha — uma contribuição de sangue fundamental para o trabalho pesado do grupo. Utilizando um transmissor para eliminar o cabo de sua guitarra, Frejat pôde aproveitar bem o recurso cenico oferecido pelo grupo Karagoz, abandonando o palco durante a musica "Carnaval" e projetando sua própria sombra no painel atras da banda. Foi o momento perfeito de integração entre a música e o teatro de sombras — uma técnica que pouco combina com a estética rock'n'roll do Barao. Com baladas e rocks consagrados (como "Por Que a Gente É Assim" e "Pro Dia Nascer Feliz"), estabelecer uma comunicação imediata com a platéia não é uma tarefa dificil para o quinteto, mas, sem duvida nenhuma, a garra e a determinação dos musicos contagia o publico de uma forma que vai muito além do previsivel.

Uma garoa fina ameaça alagar a empolgação, mas nao consegue. O Barão fecha o show com a habitual cover de "(I Can't Get No) Satisfaction", mas não abandona o palco definitivamente. A luz vermelha do grupo Karagöz volta a incendiar o cenario e "Pense, Dance" é novamente executada. Antes de deixar o palco pela segunda vez, Frejat apresenta a banda e promete: "Vamos dar um pouquinho mais de nos mesmos para voces". Cada um faz um solo compacto mas muito bem conduzido, não perdendo o gas em nenhum momento. O Barão Vermelho prova, a cada show, que sabe fazer rock. Além da força das composições, a técnica dos musicos fecha um estilo ao mesmo tempo autentico e criativo, executado com total convicção.

AO VIVO

SEPULTURA/SODOM

Quando Max, Igor, Paulo e Andreas aparecem no meio da fumaça, corpos se espremem e se apertam, numa tentativa desesperada de chegar mais perto do palco. A capacidade oficial do clube é de 850 pessoas. Mais tarde fico sabendo que havia, no mínimo, 1.100 presentes.

De repente, eles estão tocando... É um sonho/pesadelo sonoro, as guitarras metralham com precisão e a bateria nos esmaga em seu peso total. De onde estou, mais do palco que em cima dele, com amplificadores e bateria, o público é um mar de cabelos, braços, suor e fumaça. Na primeira música o *stage dive* já começa. A banda nem parece perceber os fãs e seguranças batalhando pelo palco.

A apresentação abre com "Primitive Future" e "Inner Self", do LP *Beneath the Remains*, o primeiro a ser lançado no exterior. Fica claro que o Sepultura evoluiu de maneira assustadora. A energia, a agressividade e a força continuam presentes, agora mais acentuadas pelo domínio técnico dos instrumentistas. O público é fanático e fiel, músicas mais antigas como "Escape to the Void" e "Troops of Doom", são bem recebidas e cantadas por aqueles que não conhecem a letra (e esses não são poucos!). A cover de "Holiday in Cambodja", dos Dead Kennedys, é pesada, irradiante e anos-luz distante do original. Infelizmente, o Sepultura ainda volta para um longo e merecido bis, com "Lobotomy" e "Beneath the Remains". Max conversa com o público e promete voltar em breve.

Dez minutos depois é a vez do Sodom. Metade do público está no bar e lá permanece. Depois do Sepultura, a banda alemã — com seus fogos de artifício e explosões — é um verdadeiro anticlímax. Talvez seja devido ao fato de terem perdido seu guitarrista para o Kreator um pouco antes desta turnê, sendo obrigados a contratar Mike Pearson, uma figura totalmente inexpressiva, para substituí-lo provisoriamente. Ou talvez seja porque, como "banda pesada", tem um "peso" estático. Eles podem ser sucesso na Alemanha mas aqui, nem sua versão de "Ace of Spades do Motorhead, consegue convencer.

Não é todo dia que a banda de abertura rouba tão descaradamente um show e devo confessar que o fato de ser o Sepultura me alegra. A imprensa musical britânica concordaria comigo. Nossos *metal gods* causaram furor. Como disse um dos jornais ingleses, Sepultura 9x0 Sodom. A Copa é nossa. A Inteligência brilhante, não.

Este é o último show da turnê européia do Sepultura. Ou melhor, do Sodom. Afinal, o Sepultura está apenas abrindo os shows. So que fica difícil acreditar nisso quando qualquer pessoa presente pode ver que 90% do público veio ao Marquee nessa noite de domingo para ver os thrashers brasileiros. Até onde bastos que o *boss* inglês ou alemão pensa em inverter a ordem hoje, já que os garotos mineiros estão dando de dez a zero nos companheiros germânicos todas as noites.

FINE YOUNG CANNIBALS

Roland Gift — o vocalista do Fine Young Cannibals — lê os jornais. E dê as críticas que fazem a sua banda. Pelo menos foi essa a impressão que causou na hora em que subiu ao palco do Anphitheatre e desmentiu, ao longo de quase duas horas de show, o relato que o crítico Robert Hilburn fizera para o jornal *The Los Angeles Times*, no qual sublinhava a frieza absoluta que havia dominado a apresentação do FYC dias antes, na cidade vizinha de Irvine. Mesmo enferrujado por quatro anos fora da estrada, o FYC que aterrissou em Los Angeles transbordava calor, bom humor e dramaticidade com um espetáculo dinâmico que contrastava fortemente com a impressão reportada pelo crítico Hilburn.

Auxiliados pelas vozes e pela instrumentação variada das meninas do Mint Juleps (um sexteto vocal britânico que abriu a noite revitalizando standards pop e r&b para depois retornar ao palco como acompanhante em estilo a capella em "Shout"), o FYC repassou toda sua gordura formada de hits, ressaltando, *comme il faut*, as faixas do novo álbum, *The Raw and the Cooked*. Os detalhes da meticulosa produção do disco, no entanto, ficaram de fora, sendo substituídos por um grau de energia que o vinil deixava apenas suspeitar.

Ainda que um tanto desconfortável na abertura do show — um "I'm Not Satisfied" feroz, com um subtexto de bravata —, Gift se aproveitou de sua experiência em cinema para incorporar atitudes, poses e trejeitos em comentário às letras, como faziam os velhos *crooners* dos anos 40 (tradição de certa forma continuada pelas "Cacilda Beckers" de fundo de quintal das bandas de heavy metal), sempre com elegância e boa dosagem de dramaticidade. Os outros dois terços da banda-núcleo — o baixista e tecladista David Steele e o guitarrista Andy Cox — repetiram a hilariante coreografia pernas-de-borracha-bamboleantes que sempre foi sua marca registrada, mas nem assim roubaram, um minuto que fosse, a atenção de Gift. Com mais um pouco de estrada, Roland terá se transformado num dos mais hábeis *showmen* de sua geração.

O FYC não teve dificuldade para transformar o Amphitheatre num salão de baile onde todo mundo demonstrava saber todas as letras das canções de cor. "Ever Fallen in Love" (num arranjo inúmeras vezes superior ao do disco), "Suspicious Minds", "Johnny Come Home", "Good Thing" e "She Drives Me Crazy". Era uma só massa de corpos ondulando ao sabor do ritmo, sob o comando de um Roland Gift carismático.

Reduzidas ao básico, as canções se provaram sólidas gemas pop que o tempo não conseguiu corroer. Pelo contrário. "Suspicious Minds" vem carregada com uma dose de emoção que no disco era somente sugerida. "Good Thing" é um dos melhores petiscos funk do ano e no palco tornou-se simplesmente incendiário. E em "As Hard as It Is" — ainda que meio xaroposa — Roland teve a oportunidade de exibir todo o esplendor de seu vozeirão, ponto para escanteio os rumores de que não passaria de um vocalista médio, cujas deficiências (desafinadas, saídas do tom) a tecnologia se encarregaria de remendar. Sem truques, no gogo, Gift botou todas essas teorias por terra.

AUVICOM

Feira do Áudio, Vídeo e Comunicações
De 06 a 11 de fevereiro, 1990
Parque Anhembi, São Paulo, SP

Estamos iniciando o ano 2000 na década de 90.

Setores:

- Indústria de Áudio e Vídeo
- Indústria de Fitas
- Acessórios
- Distribuidoras
- Antenas Especiais
- Gravadoras
- Produtoras Independentes
- Literatura Especializada
- Emissoras de Rádio e TV
- Telecomunicações em Geral
- Cine e Foto
- Laboratórios
- Utilização da Informática nos Setores de Áudio, Vídeo e Comunicações
- Computação Gráfica

Promoção: ALCANTARA MACHADO FEIRAS E PROMOÇÕES
Rua Brasílio Machado, 60 - São Paulo - SP
Tel.: 826-9111 - Telex: 22398 - Fax: 67 3626

Para obter maiores informações, preencha o cupom abaixo e remeta-o para:

ALCANTARA MACHADO FEIRAS E PROMOÇÕES
Rua Brasílio Machado, 60 - CEP 01230 - São Paulo - SP - Brasil
Telex: (011) 22398 AMCE BR Tel.: (011) 826-9111

AUVICOM
Feira do Áudio, Vídeo e Comunicações

Apoio:
Ministério das Comunicações e Telebrás

Nome: _____
Cargo: _____
Empresa: _____
Endereço: _____ CEP. _____
Cidade: _____ Estado: _____ País: _____
Telex: _____ Tel.: _____ Fax: _____

LOUDER THAN BOMBS — SMITHS (ROUGH TRADE/ST LETTO)
STILL — JOY DIVISION (FACTORY/STILETTO)

Dois poetas ingualaveis que emprestaram sua aguçada sensibilidade ao universo medíocre dos letristas da música pop. Dois saltos sem pára-quedas no abismo da alma humana. Ian Curtis, a voz torturada do Joy Division, petrificada para sempre na nossa memória; Morrissey, o retrato vivo da solidão, imortalizado na música dos Smiths.

Qualquer comparação entre as duas bandas de Manchester terá forçosamente que parar nesse ponto — não tivesse o acaso reunido no mesmo pacote da Stiletto dois albuns com tantas características comuns. *Still*, do Joy Division, e *Louder Than Bombs*, dos Smiths, não se assemelham apenas no formato (álbum duplo): ambos são coletâneas "póstumas" reunindo material inédito ou raro de dois grupos fundamentais na história da música pop. São, também, a prova irrefutável da genialidade de duas bandas que podiam se dar ao luxo de não incluir em seus LPs preciosidades escondidas no fundo de uma gaveta.

Nesse sentido, *Still* é o vinil mais exemplar desse pacote, já que a maioria de suas faixas não chegou sequer a sair em compacto. Lançado na Inglaterra em 81, o álbum — composto por um disco de estúdio e outro ao vivo — serviu para refrear a corrida da pirataria que se sucedeu à morte de Ian Curtis, tornando acessíveis faixas como "The Kill" — uma composição da época do Warsaw — e "Glass", faixa de uma coletânea da Factory de 78. Mas o seu maior mérito era trazer a público, pela primeira vez, sobras de estúdio que poderiam figurar em qualquer LP da banda. Abrindo com a aterradora "Exercise One", passando pela envolvente "The Only Mistake" (ambas das sessões de *Unknown Pleasures*) e chegando ao seu clímax musical com a belíssima "Something Must Break" (resgatada de uma sessão de rádio), o primeiro disco revela um Joy Division mais sombrio do que nunca — impressão reforçada pelas pesadíssimas "Ice Age" e "Walked in Line" (retratos de um Joy em início de carreira) e pela sufocante "The Sound of Music" (gravada nas mesmas sessões de "Love Will Tear Us Apart").

No dia 2 de maio de 80, o Joy Division fazia sua última apresentação, na universidade de Birmingham. O registro desse show, ainda que tecnicamente imperfeito, triunfa ao resgatar a fúria característica das apresentações ao vivo da banda. Os problemas de som que pontuam o show não comprometem o massacre sonoro de "Means to an End", "24 Hours" e "New Dawn Fades", embora prejudiquem algumas faixas, como o único registro de "Ceremony" na voz de Ian Curtis. Para os fãs incuráveis, *Still* traz uma atração à parte: uma cover do Joy para "Sister Ray", clássico do Velvet Underground.

Louder Than Bombs é o que *The World Won't Listen*, a coletânea lançada em 84, deveria ter sido. Planejado especialmente para o mercado americano, este duplo traz doze faixas que ficaram fora do seu antecessor, cobrindo singles, *B-sides* e sessões de rádio. A rigor, apenas três faixas são inéditas: a dispensável "Sheila Take a Bow", uma exceção nos belos compactos da banda; a pauleira de "Sweet and Tender Hooligan" (tirada de uma das *Peel Sessions*); e a surpreendente "Golden Lights", uma delicada cover para uma canção de Twinkle, uma cantora pop dos anos 60. Mas as surpresas são muitas. "Back to the Old House" e "These Things Take Time" aparecem em versões de estúdio, mais bem-cuidadas do que as que figuravam em *Hatful of Hollow*; "Is It Really So Strange" e "Stretch Out and Wait" ganham também nova roupagem — a primeira (também presente em *Rank*) em sua versão original, e "Stretch...", com um vocal ligeiramente modificado. As novidades, porém, são apenas um condimento adicional para o prazer inqualificável de ouvir todas essas canções reunidas num único trabalho. Depois disso, só nos resta agradecer a Shelagh Delaney (a estrela da capa) por ter escrito *A Taste of Honey* — segundo Morrissey, o livro despertou seu desejo de escrever.

LEGIÃO URBANA
AS QUATRO ESTAÇÕES

AS QUATRO ESTAÇÕES — Legião Urbana (EMI-Odeon)

Fazendo um balanço apressado do rock brasileiro nos anos 80, uma das conclusões mais imediatas a que se chega é que a quantidade de letristas notáveis é superior à de bons compositores. Renato Russo faz parte deste time que ainda inclui, só para ficar nos mais famosos, Arnaldo Antunes e Cazuza. Sufoque ele se destaca da economia irônica de um e da poética maldita de outro por sua habilidade ímpar em transformar cada canção, seja pelo lado da crítica às instituições seja pelo das inquietações existenciais, em verdadeiros hinos. Renato é capaz de fazer seu público decorar letras gigantescas, cantar versos que não se encaixam direito na melodia e, mais importante, crer em cada palavra do que diz.

Não foi à toa que este quarto LP demorou a sair. Depois de dez anos cantando a revolta juvenil contra o mundo, a Legião tinha de mudar. Em *As Quatro Estações*, Renato refinou tendências que já apareciam em seus discos anteriores.

Não é nada estranho que ele tenha buscado inspirações espirituais ou escolindo se concentrar nos males do amor ou que tenha adaptado Canções e a *Bíblia*. Seu estilo — cantado em "português errado", segundo ele mesmo, feri "Meninos e Meninas" — atingiu a maturidade preservando a inocência. É um disco para ser escutado prestando muita atenção no encarte. Em todas as letras há bons achados poéticos, mas é em "Feedback Song for a Dying Friend", "Eu Era um Lobisomen Juvenil" e mesmo na radiofônica "Há Tempos" que ele consegue os melhores resultados.

A saída do baixista Renato Rocha obrigou uma recomposição de forças que tornou o instrumental mais enxuto e seguro, mas ainda tendendo entre o previsível e o possível. A banda escolheu o porto seguro das baladas e dos rocks básicos, com duas exceções que apontam para os caminhos que a Legião pode tomar: um lado mais raivoso e agressivo, com as guitarras cortantes de "Feedback Song for a Dying Friend" e, no extremo oposto, a sutil delicadeza, quase sacra, de "Monte Castelo".

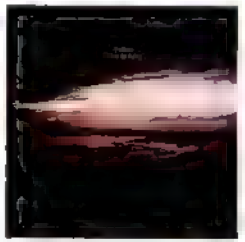
Se a banda se libertou da síndrome de adolescentes queixosos, eles poderiam tentar vôos mais altos se livrando do hábito de utilizar a música apenas como um meio para as pregações de Russo.

Bia Abramo

MORE SONGS ABOUT LOVE & HATE — The Godfathers (Epic/CBS)

Pela terceira vez escudados pela produção do expert Vic Maile (Dr Feelgood, Eddie and the Hot Rods), os Godfathers continuam com toda a autoridade para desfraldar a bandeira do rock'n'roll e r&b britânico em *More Songs...* Só que, diversamente de seus dois álbuns anteriores, o som do quinteto aqui apresenta-se menos cru, mas por outro lado mais diversificado. Desta maneira, rocks básicos como "She Gives Me Love" e "How Low Is Low?" convivem perfeitamente com as belas harmonias vocais em "Pretty Girl" ou a balada "Another You", de abalar os fãs do Jesus and Mary Chain.

C.P



FILME DA ALMA — Vulvas (Baratos Afins)

Eis aqui um grupo que faz jus ao nome que tem. O primeiro LP deste quarteto paulista soa vago e indisciplinado, expondo uma miríade de influências mal digeridas. Embora a execução não comprometa, as letras — como tem sido rotina no rock brasileiro — buscam qualquer condescendência. Sintam o drama: "Indivíduo tão cansado, se cansou de ser humano / Indivíduo é homo sapiens, mas tá enfiando pelo cano".

A.G.C.D

POPSAMBALANÇO E OUTRAS LEVADAS — Lulu Santos (RCA/BMG-Ariola)

Lulu continua a dado, mesclando seu pop *of the top* com um balcum que insinua a retomada da estética tropicalista (ha até uma faixa instrumental, "Parangolé" lembrando os famosos objetos do artista plástico Helio Oiticica). Mas é só mais uma onda. Em Lulu, o que realmente conta (muito mais do que sua disposição em criar polêmica) é a extrema fluência das composições, a cara dura das guitarrinhas havaianas e de versos como "Eu sou o rei do ié ié ié / O rei do ô ô ô / O rei do hey hey hey / Yeah e e

A.A.

SILVER TOWN — The Men They Couldn't Hang (Jive/BMG-Ariola)

Edificada por nomes como The Clipper Family, Attaco Decente, The Boothill Foxtrappers, Lick the Tins e The Pogues (que ha pouco teve o LP *Peace & Love* lançado por aqui), a nova música folclórica européia — ou *rogue folk* — é pouquíssimo conhecida no Brasil. Quebrando o preconceito da tendência entre nós, o grupo anglo-escocês TMTCH saiu no fim do ano passado com seu quarto e mais recente LP. Entre híbridos sonoros que privilegiam o rock e a herança celta, destacam-se a anarquica colagem "El Vaquero", a balada "Company Town" e o jazz etílico de "Hellfire and Damnation".

A.G.C.D.

INDIGO GIRLS (Epic/CBS)

Este duo feminino vindo da Georgia tem como ponto alto de seu country rock a perfeita interação entre os vocais e os violões de Amy Ray e Emily Saliers, que também provam seus dotes como compositoras nas dez faixas deste álbum de estréia (seis de Amy e quatro de Emily). Melodias fortes em levadas enumentemente acústicas, com boas harmonias vocais — ora comandadas pelo timbre grave e cortante de Amy ora pela voz mais suave de Emily — por si só já bastariam para recomendar este disco. Mas também ha as presenças mui especiais de seus conterrâneos do R.E.M. (Michael Stipe empresta seus vocais para "Kid Fears", enquanto o restante do *line up* do grupo marca presença em "Tried to Be True") e dos irlandeses do Hothouse Flowers em duas faixas. Coisa fina.

C.P

WALKING WITH A PANTHER — L.L. Cool J. (CBS)

L.L. fez história ao incorporar *dou wop* e introduzir baladas românticas no rap. Ele também ganhou fama por ser *the baddest*, o rapper mais foodona sobre a Terra. As novas gerações, felizmente, descobriram que há coisas mais interessantes para se cantar do que o tamanho de seus órgãos sexuais. Se L.L. continua com a mesma fixação chegando a cantar "I'm so bad I can suck my own dick". OK, ele ganhou o concurso de bravata, e, musicalmente repete uma fórmula vencedora. Só que, em vez de uma, ha três baladas e falta originalidade.

M.P

BLIND MAN'S ZOO — 10,000 Maniacs (Elektra/WEA)

Versos engajados, carisma, bons achados melódicos e uma voz tão doce quanto expressiva. São estes atributos que fazem dos 10.000 Maniacs — junto a Edie Brickell and the New Bohemians, Indigo Girls e Grace Pool — um dos mais interessantes grupos do novo folk rock (angue. Bisando a produção do veterano Peter Asher (responsável pelo anterior, *In My Tribe*), o novo LP traz a pena de Natalie Merchant disparando farpas contra a poluição química ("Poison in the Well"), a interferência de Reagan/Bush na Nicaragua ("Please Forgive Us") e o eterno pesadelo do Vietnã ("The Big Parade"). Maduro e refinado.

V.C.D

AFRIKA GUMBE (Eldorado)

Formado no Rio em 1978 por brasileiros e africanos radicados aqui, este grupo vem desenvolvendo um ótimo trabalho de pesquisa pelas raízes da *new music* e fundindo o pop a sonoridades africanas, chegando até a cantar somente no dialeto nigeriano yoruba. Este álbum de estréia é muito bom, muito sem "lambidões", e traz os compositores Marcos Lobato e Pedro Leão em um trabalho bem menos efêmero do que o de seu grupo anterior, o de Fausto Fawcett.

A.M.Jr

NITHOUSE (ARS Benelux/CBS)

O primeiro álbum do produtor Peter "Hulhouse" Slaughaus é uma colagem de clichês do "guia básico" de samples de Kevin Saunderson, Fast Eddie, Sweet D e outros arcanos da *house music*. O melhor deste grande "remix" é "Jack to the Sound of the Underground", ainda que suas versões estiradas em *singles* sejam supérfluas. Porém, a maior decepção fica por conta da tentativa de reviver "I Feel Love", de Donna Summer. Os vellhos synths de Giorgio Moroder já soaram melhor nas mãos dos Acid Angels. O resto é aquela mesma e eterna monotonia de sempre.

M.P

EARTHQUAKE WEATHER — Joe Strummer (Epic/CBS)
MEGATOP PHOENIX — Big Audio Dynamite (CBS)

Sim, este é mais um texto único para os novos discos de Joe Strummer e do B.A.D. de Mick Jones. Como se eles, por terem participado juntos da formação original do Clash, jamais viessem a ter direito a um legítimo enfoque solo, arrastando para sempre, nos corredores da nostalgia, as correntes da gloriosa agremiação, falida após o LP *Combat Rock* (1982). Nunca, porém, me pareceu tão justo como agora comparar as produções individuais de Jones e Strummer e a da antiga banda. E — o que é melhor — mais pelas respectivas qualidades do que pelos eventuais defeitos que a música dos "Lennon & McCartney do punk" hoje exibem.

Se a química do Clash não se repete nem em Jones nem em Strummer, pelo menos fica a impressão de que seus elementos mais explosivos permanecem e se aclaram em *Earthquake Weather* e *Megatop Phoenix*. O melhor é o primeiro, o disco solo de Strummer, acompanhado por uma banda arregimentada em Los Angeles e co-dirigida pelo guitarrista Zander Schloss (seu colaborador nas excelentes trilhas de *Walker* e *Permanent Record*). O guerrilheiro está em outra forma, com suas personalíssimas visões políticas voltadas agora para a América, que adotou ha tempos. Sem duvida, um disco muitíssimo mais vigoroso e inspirado que o falso Clash (sem Jones, Simonon nem Topper) de 83, *Cut the Crap*. Ao rock da velha estirpe se somam tintas latinas (a *latin ballad* "Sleepwalker" é um dos pontos altos), para além dos flertes com reggae ("Dizzy's Goatee") e funk ("Boogie with Your Children"). Uma grande volta.

O B.A.D. de Jones faz o lado mais eclético, mais traquinas do antigo grupo. Em seu quarto LP (a divulgação do terceiro foi abortada por uma doença besta que quase matou o guitarrista), a "fênix" renasce com disposição, até demais, o disco tem quase uma hora inteira de música (até a proximidade do Clash, o campeão dos discos longos, está lá...). Fazendo uso mais extensivo dos ritmos eletrônicos, com as usuais colagens de tapes de Don Letts, o dançante *Megatop*... não traz surpresas, mas também tem seus bons momentos (em "Union Jack", "Around the Girls in 80 Ways") e uma mixagem primorosa.

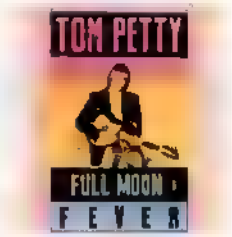
Alex Antunes

THE IRON MAN — Pete Townshend (Virgin/EMI-Odeon)

Esta adaptação musical do livro infantil homônimo de Ted Hughes tem muito pouco a ver com o vigor maduro da produção solo de Townshend nos anos 80 (a partir do notável LP *Empty Glass*). Gravado pouco antes do Who iniciar sua tour pelos E.U.A. — que mais se assemelhou a um gigantesco caça-níqueis —, o disco apenas reflete a má fase do guitarrista, agravada por sérios problemas auditivos causados por anos e anos de altos decibéis na cabeça. *The Iron Man* perde-se numa narrativa linear junto a um espectro sonoro que resvala na autoparódia, que tem as vozes ilustres de John Lee Hooker e Nina Simone conseguem salvar. *C.P.*

PRÓXIMA PARADA — Marina (Polygram/PolyGram)

Marina é realmente uma artista completa, tendo já provado sua competência como compositora, instrumentista, arranjadora, intérprete e até como ex-*crooner*, sempre com muita classe. Neste LP ela se revela também como produtora e dá mais ênfase ao seu lado de cantora, já que cinco das nove composições são de outros autores. Marina, aqui, não se limita a repetir as manjadíssimas "Ooh You" e "Garota de Ipanema", vaceando-se de arranjos deliciosamente inúteis aos originais. E como compositora continua a nota, como comprovam "É Cara" e "Que Tudo Amem". *A.M.Jr.*



FULL MOON FEVER — Tom Petty (MCA/WEA)

Este LP parece uma cria direta da reunião dos Traveling Wilburys, não só pelas presenças de Jeff Lynne (também co-produtor), George Harrison e Roy Orbison, mas também pelas interpretações quase dylanescas que Petty imprime às canções, todas muito bem emolduradas por um instrumental calcado no country rock. A se destacar a cover de "I'll Feel a Whole Lot Better" dos Byrds, "I Won't Back Down", "Love Is a Long Road" e "Zombie Zoo". *L.R.*

10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1/ RED SAILS IN THE SUNSET — Midnight Oil (CBS)

O grupo australiano, um dos predileções dos sofistas, tem história. Antes desde 78, com raízes no hard rock, teve em 83 seu primeiro lançamento internacional, exatamente este excepcional *10, 9, 8...* Evoluindo ao longo de seus primeiros cinco discos, eles diversificaram seu trabalho com sintetizadores e as levadas de sua combinação ao ponto de, neste LP haver desde aproximações com o punk até músicas que não desagradariam aos progressivos. As letras políticas e os vocais enfáticos de Peter Garrett (um gigante careca, ex-advogado e candidato ao congresso) renderam-lhes a acolhida (repulsada) de "Flash" australiano *Red Sails...*, de 83, é menos inspirado, mas comprova o ecletismo da banda em faixas como "When the Generals Talk" (um funk à Gang of Four) ou a esdrúxula marchinha instrumental "Bakerman". *A.A.*

LOVE PRAYER — Miss (Paiscopo/PolyGram)

É irônico que a canção que alçou este quarteto inglês na mídia brasileira, através de um anúncio de cigarro, talvez possa ser considerada uma das mais fracas deste LP. Isto porque esta estreia traz flertes com soul, gospel e baladas bem melhores que a fumegante "I Hear You Call". E, além de cantar bem, Rachel Morrison forma com o baixista Paul Ralphes um bom par de compositores. Apague o cigarro e escute o resto do LP. *C.P.*

CROSSROADS — Tracy Chapman (Elektra/WEA)

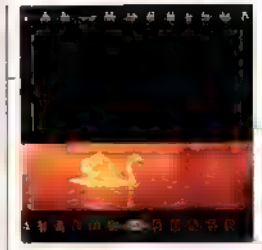
O ano de 88 foi memorável para Tracy Chapman. Da noite para o dia (por razões que até hoje suscitam polêmica), aquela obscura frequentadora dos cafés do circuito folk de Massachusetts viu-se alçada ao posto de porta-voz de uma geração. Com um único LP como suporte, ela percorreu continentes, cerrando fileiras na luta pelos direitos humanos, em shows de igual para igual com astros do porte de Bruce Springsteen e Peter Gabriel. O resto desse breve retrospecto pode ser encontrado nas votações das revistas especializadas do planeta.

Por tudo isso, 89 haveria de ser um ano crucial para a cantora. Fomentadas por um isolamento estratégico, perguntas começaram a circular: "Teria o sucesso subido à sua cabeça? Seria ela mais uma *one hit wonder* a mergulhar no ostracismo tão rapidamente quanto chegara ao topo? Para onde iria a sua música?" Pois essas e outras dúvidas resolvem-se agora por meio de *Crossroads*, o "fatídico" segundo LP.

Quem ansiava por mudanças radicais poderá decepcionar-se com o novo disco. Ouvido por alto, *Crossroads* chega até a soar como uma reedição oportunista do álbum de estréia. Mas existem diferenças, com certeza. Em vez do violão seco de antes, ela e o co-produtor David Kershenbaum adotaram a via subliminar, realçando sua voz numa instrumentalização esparsa — engendrada por "ratos de estúdio" como Larry Klein, G.E. Smith e o indefectível Paulinho da Costa — que inclui violino, banjo, bandolim, acordeão e teclados.

Quanto às letras, Chapman vez por outra tropeça na auto-indulgência, um mal típico dos novos ícones das massas. É o caso da faixa-título, onde — em meio a uma levada *world music* — ela se queixa dos "demônios" que querem comprar sua honra. Outro senão é "Freedom Now", que nos deixa a pensar o que seria dos (as) cantores (as) de protesto dos anos 80 sem a prisão de Nelson Mandela. Graças aos céus, todavia, nada se compara à pieguice "Baby, Can I Hold You?". Quando bate forte, a música alude aos blues ("Born to Fight", iluminada por trompetes em surdina) e ao gospel ("All that You Have Is Your Soul"). Nessas horas, Tracy Chapman, diante de sua encruzilhada, drible a repetição, redefine-se e segue em frente.

Arthur G. Couto Duarte



AVALON SUNSET — Van Morrison (Polydor/PolyGram)

Enquanto no mundo civilizado o nome do mestre irlandês dispensa apresentações, no Brasil seu vasto catálogo — que inclui os hits com o grupo Them e os álbuns solo editados pelos selos Bang, Warner e Mercury — resume-se a meia dúzia de itens, todos vergonhosamente ignorados. Conforme as gravações feitas a partir do divisor de águas *Into the Music* (79), *Avalon Sunset* se vale de um inextricável emaranhado de r&b, jazz, soul e folk para louvar a obra do Senhor (sic). Isto resulta numa faca de dois gumes: se na evanescente "Contacting My Angel" Morrison consegue evocar a ascese febril de William Blake, faixas como "When Will I Ever Learn to Live in God" descambam para pregações dignas dos pastores evangelistas. Ainda assim, um LP que merece atenção e respeito. *A.G.C.D.*

VIM REILLY — The Durutti Column (Factory/Stiletto)

Em seu décimo LP, Vini volta sua atenção para o canto, que sempre ficara em segundo plano nos discos do Durutti Column. Contando com a participação de dois vocalistas, Vini utiliza ainda samplers de cantores populares e líricos, chegando a batizar duas faixas como "Opera I e II". O resultado é irregular: bem abaixo da beleza sofisticada de *LC* e *Without Mercy*. O casamento entre as cordas de Vini e o canto lírico só funciona mesmo em "Love No More" — embora a sampleagem mais interessante esteja na vibrante "They Work Every Day". Longe dos samplers, destaque ainda para a instrumental "Requiem Again" e o canto frágil de Vini em "My Country". *M.A.G.*

CHET BAKER SINGS AND PLAYS FROM THE FILM "LET'S GET LOST" — Chet Baker (Novus/BMG-Ariola)

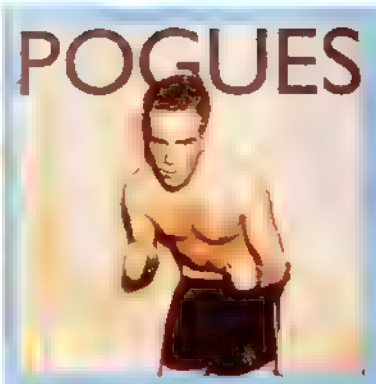
Estas são as últimas gravações do trompetista e cantor Chet Baker (1929-1987), muito comparado a Miles Davis, mas que se distinguiu por seu estilo mais *cool* e intimista. Embora reduzido a um décimo do que foi pela heroína, Chet ainda mantém a classe e o estilo em standards como "Blame It on My Mouth" e "Every Time We Say Goodbye" e até em sua versão instrumental de "Retrato em Branco e Preto", além de brilhar em "Almost Blue", composta por Elvis Costello especialmente para ele. *S.M.Jr.*

OBRA DOS SONHOS — Kafka (Baratos Afins)

"Eu assisto ao Grammy, quero a TV. Eu não quero o Oscar, quero você." Será o novo hit dos Inimigos do Rei? Não, é apenas a volta do grupo Kafka ao vinil. Metamorfoseando a melancolia lisérgica do peculiar *Mustkonversata* numa confusa mistura de MPB urbana, ritmos latinos — introduzidos pelo novo percussionista Don Dimas — e sons *à la* 4AD, *Obra dos Sonhos* se esvai em temas fracos, performances frouxas e muita pretensão. *A.G.C.D.*

RADIO SILENCE — Boris Grebenshikov (CBS)

O rock da União Soviética não é lá essas coisas, importando mais pelo inconformismo do que pela verdadeira qualidade musical. Mas David Stewart (Eurythmics) soube produzir com competência o som do cantor e guitarrista russo, combinando tecnologia, rudeza e um certo sentido lírico e melódico próprio dos anos 60. Participam Chrissie Hynde, Ben McKenzie (Associates), Darryl Way (ex-Curved Air) entre outros. *A.A.*



PEACE & LOVE — The Pogues (Pogue Mahone/WEA)

Não é o caso de se levar ao pé da letra o título deste quarto álbum dos Pogues (o primeiro lançado por aqui), pois o que se ouve ao longo das quatorze faixas é uma sucessão de furiosos folk rocks e baladas bêbadas através de levadas predominantemente acústicas (bandolim, banjo, acordeão, sopros, cordas), que já se tornaram marca registrada deste combo de músicos irlandeses e ingleses — atualmente com oito membros — encabeçado pela voz roufenha e ébria de Shane MacGowan.

Porém, esta herança do folclore celta e bretão mesclado à energia do punk rock apresenta-se neste *Peace & Love* ainda mais interessante e diversificada do que no álbum anterior, *If I Should Fall from Grace with God* (87). Foi a partir daquele LP que o veterano Terry Woods (guitarra/bandolim) agregou-se ao grupo. Woods, que em 70 foi um dos fundadores do Steeleye Span, levou a musicalidade dos Pogues rumo a uma ligação maior com o folk tradicional, o que se torna facilmente observável em suas composições para o novo disco, "Young Ned of the Hill" e "Gartloney Rats". Outro que marca presença novamente é Steve Lillywhite, que já produzira *If I Should Fall...* (função para a qual havia sido convidado originalmente David Byrne). Mas, de forma alguma o "padrão Lillywhite" de produção — que chegou a se tornar maçante e repetitivo após seus inúmeros trabalhos com U2, Simple Minds, Talking Heads e tantos outros — compromete ou descaracteriza a personalidade do som dos Pogues, limitando-se aqui apenas a realçar sua musicalidade (ou como canta MacGowan num dos versos do semi-hardcore "Cotton Fields", "agora é a maxagem bêbada de Steve Lillywhite").

Mas também há supresas em *Peace & Love* e nelas incluem-se incursões pelo jazz (como na faixa instrumental de abertura, "Gridlock"), música latina ("Blue Heaven") e flamenca ("Night Train to Lorca"), além de uma cândida balada ("Lorelei"), cantada em dueto pelo guitarrista Philip Chevron e por Kirsty MacColl, esposa de Lillywhite. Mas dentre este brilho coletivo ainda ressaltam-se os vocais encharcados de álcool de MacGowan, como em "Boat Train", "USA" ou na fúnerea "Tombstone". Por todos os dentes apodrecidos de Shane, que belo disco!

Celso Pucci

APTO A ESTRADA

Santos arpejos, Batman! Para começar esta seção, um festival de violões bem tocados em tres recamendáveis LPs de musica brasileira instrumental **André Geraissati** e **Ulisses Rocha** — dos ex-integrantes do extinto Trio D'Alma — comparecem respectivamente com **7989** (WEA) e **CASAMATA** (Som da Gente), enquanto os irmãos **Sérgio e Odair Assad** vem com **ALMA BRASILEIRA** (Nonesuch/WEA), esbanjando tecnica e virtuosismo. Não tão variado, mas como boa opção eletrica ha o album-duplo **NIGHT OF THE GUITAR — LIVE!** (I.R.S./EMI-Odeon), em que veteranos, como **Alvin Lee**, **Robbie Krieger**, **Leslie West**, **Ted Turner** e **Steve Howe**, se reunem relembrando velhos hits de seus respectivos grupos numa jam session guitarristica. E quem quiser mais Steve Howe pode se divertir com o volta do Yes, em tudo menos no nome (retido pelo ex-baixista Chris Squire), no LP **ANDERSON, BRUFORD, WAKEMAN & HOWE** (Arista/BMG-Ariola), com um som que tenta recapturar o espirito do inicio dos anos 70, mas ao qual so os fãs mais roxos irão dizer "sim". **P**or outro lado, uma ótima volta é a de **Dion**, aquele dos Belmonts, no LP **YO FRANKIE** (Arista/BMG-Ariola), com boas composições e canios de Lou Reed, Dave Edmunds, Paul Simon e Bryan Adams. Outro baluarte do rock que volta com "um milhão de amigos" (Paulo Ricardo, os Miquinhos, Paulo Toller entre outros) é **Erasmo Carlos** em **SOU UMA CRIANÇA** (EMI-Odeon), que ao vivo pode ter sido uma festa divertido com o "Tremendão" relembrando seus maiores sucessos, mas no vinil perde quase todo o pique. É também assim que vem **Léo Jaime** no meio de **AVENIDA DAS DESILUSÕES** (CBS), seu nova LP, com muito funk de branco e até uma versão meio barroca de "Índios", da Legião Urbana. **M**as pique e o que não falta em mais três lançamentos do selo independente mineiro Cogumelo: os grupos heavy **Overdose** (numa linha entre Black Sabbath e Lucifer's Friends) no LP **YOU'RE REALLY BIG!** e o **Attomica** (num *speed* mais moderno) em **LIMITS OF INSANITY**, alem do punk hardcore do **Psychic Possessor** no album **NÓS SOMOS A AMÉRICA DO SUL**. **D**o mundo negro do heavy vamos à negra melodia e começamos com um grande nome: **Stevie Wonder** no mais que oportuno relançamento de **TALKING BOOK** (Motown/BMG-Ariola), antologico a bum de 1972 que inclui classicos como "Superstitious" e "You Are the Sunshine of My Life". Daí vamos passar para o afro-reggae cheio de "iô-iô-iô" de **Alpha Blondy & the Solar System** no LP **THE PROPHETS** (Pathe/EMI-Odeon), para terminar de forma um tanto melancólica com **FOREIGN AFFAIR** (Capitol/EMI-Odeon), em que **Tina Turner** faz força para recuperar a sua vertente rhythm'n'blues de outrora, mas não consegue sair da arapuca pop comercial que vem caracterizando seus últimos trabalhos. **M**elhor mudar de batdisco, com o ótimo lançamento **BATMAN — EXCLUSIVE ORIGINAL TELEVISION SOUNDTRACK ALBUM** (Mercury/PolyGram), que traz temas musicais e dialogos originais de episodios do famoso seriado televisivo dos anos 60.

BRAVADAS INDEPENDENTES: Bandas que

Ouça e veja o que não vai ter no hollywood ROCK

As maiores bandas do momento

AEROSMITH • LP/K7 • GEFFEN/WEA

MOTLEY CRUE • LP/K7 • ELEKTRA/WEA

GUNS N' ROSES • LP/K7 • GEFFEN/WEA

ORIGO BONGO • LP/K7/CD • MCA/WEA

THE JESUS AND MARY CHAIN • LP/K7 • WEA

SKID ROW • LP/K7 • ATLANTIC/WEA

TRANSAMÉRICA FM & TV MANCHETE vão trazer para você o melhor do rock internacional — aquilo que infelizmente você não vai poder ver "ao vivo".

Responda as seguintes perguntas e concorra:
Quais destas bandas são de Los Angeles e qual das seis você mais gostaria de ver no Brasil. Mande sua carta para a Rádio Transamérica FM mais próxima de sua casa e fique ligado para ganhar um LP especialíssimo para sua coleção, que você nunca encontrará à venda, com as fotos e músicas destas bandas.

Não perca o especial da TV Manchete dia 20 de Janeiro às 18 horas.

Coloque no envelope: Promoção WEA — SÃO PAULO: Rua Pio XI, 1587 – Alto da Lapa – CEP: 05060, S. Paulo • RIO DE JANEIRO: Rua São Francisco Xavier, 961 – CEP: 20.550, Rio de Janeiro • RECIFE: Rua Gervásio Pires, 332/15º andar – CEP: 50.000, Recife • SALVADOR: Rua Padre R., 28H – Federação – CEP 40.000, Salvador • BRASÍLIA: Brasília DA – SRTVN – Quadra 701 – Lote B – Asa Norte – CEP: 70.000, Brasília • CURITIBA: Rua Amaury Long Silvério, 188 – Pinzinho – CEP: 80.000, Curitiba

wea

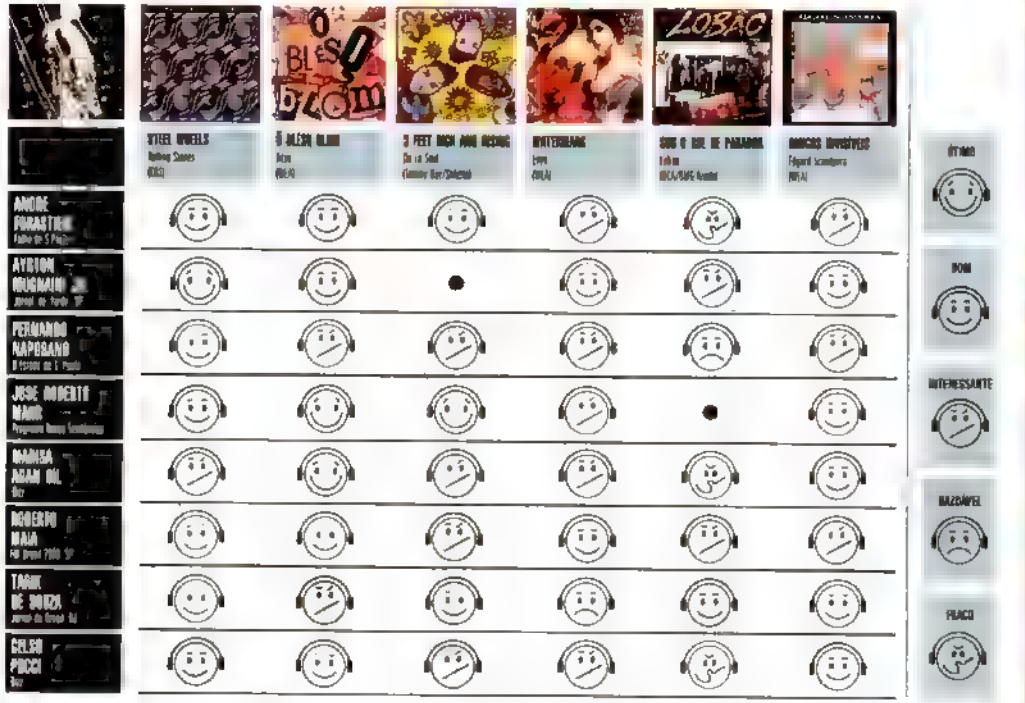
COMPACTO

A tradicional política de não tentar nenhum lançamento mais ousado continua vingando por parte das gravadoras em relação aos seus lançamentos em CD. Assim, em termos de pop nacional, além dos inevitáveis **AS QUATRO ESTAÇÕES**, da **Legião Urbana** (EMI-Odeon) e **PAULO RICARDO** (CBS), temos nada mais do que o previsível **Lobão** com **SOB O SOL DE PARADOR** (RCA/BMG-Ariola), **Marina** em **PRÓXIMA PARADA** (Philips/PolyGram) e **Léo Jaime** em **AVENIDA DAS DESILUSÕES** (CBS). De resto, sinal fechado. Quanto a trilhas sonoras, a obviedade do lançamento de **BATMAN** (Warner/WEA) com **Prince** é compensada pelo brilho de **CHET BAKER SINGS AND PLAYS FROM THE FILM "LET'S GET LOST"** (Novus/BMG Ariola), que traz a música do documentário sobre o ocaso da carreira do trompetista e cantor. Na área dos *comebacks* das velhas estrelas, a coisa até que começa bem com a edição de **STEEL WHEELS** (CBS), dos **Rolling Stones** e **YO FRANKIE** (Arista/BMG-Ariola), de **Dion**, mas torna a desandar com o pífio **FOREIGN AFFAIR** (Capitol/EMI-Odeon), o infeliz último álbum de **Tina Turner**. Bem mais atraente, no entanto, torna-se a edição de **ISLAND LIFE** (Island/WEA), coletânea de 1985 que engloba faixas dos seis primeiros álbuns de **Grace Jones** desde seu surgimento com a *disco music*, passando por sua fase new wave e os flertes com o soul e o reggae.

GRACE JONES

ISLAND LIFE

DISCADO



INSTRUMENTOS & ACESSÓRIOS

MUSICOS
Instrumentos de última geração
BAIXOS TECLADOS
GUITARRAS MESAS
AMPLIS BATERIAS
NACIONAL E IMPORTADO
Rua Teodoro Sampaio, 825
Tels. (011)282-6002 e 280-2555
CEP 05406 - Pinheiros
São Paulo - SP

Giannini
SEMPRE EM BUSCA DO MELHOR
Escala de Ébano com Trastes
Alavanca Vibrato Kahler Importada com Micro Afinação.
Captadores Select EMG
Imp. Tados.
Circuito Ativo
Tarrachas Importadas.
LANÇAMENTO NOVA LINHA
7 GUITARRAS
6 BAIXOS
Rua Guaipá, 518 - CEP 05089
Tel. (011)261 4322 - São Paulo - SP

INSTRUMENTOS MUSICAIS
IMPORTADOS DAS MAIS
FAMOSAS MARCAS!
Fender
Gibson USA
REMO
ART
Ovation
Violões, Guitarras, Pedais de Efeitos, Baterias, Pratos, Contra-baixos, Peles, Encordoamento, etc.
INTERCONTINENTAL IMP. E EXP.
Av. 7 de Setembro, 1251 - Sobre Loja nº 7 Centro
Tels.(092)234-5796 e 233-3741
Manaus - AM

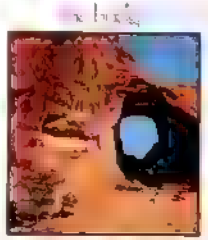
PESSOAS TALENTOSAS SEMPRE EMOCIONAM
instrumentos importados e nacionais
instrumentos sob encomenda
orientação especializada
máquinas e mesas para gravação
KORG · IBANEZ · FOSTEX
TASCAM · Tagima · Ibanez
TAMA · METEORO · dbWorks
Oliver · RANE · Pearl
YAMAHA

GANG
INSTRUMENTOS MUSICAIS
Rua Teodoro Sampaio, 826
Pinheiros CEP 05406 São Paulo SP
Tels.: (011) 883-1673 e 881-7619

O verdadeiro crédito do LP **FLOATING INTO THE NIGHT** (Warner), de **Julee Cruise**, está escrito lá embaixo da capa em letras mudinhas: "produzido e composto por David Lynch e Angelo Badalamenti". Julee, uma cantora dos palcos nova-iorquinos, é apenas o veículo sussurrante para a música etérea de Angelo (com estranhas mesperadas conexões com o pop luxuoso 1958/62, *à la* Phil Spector) e as letras oníricas de David que — por causa da trilha sonora de *Veludo Azul* — descobriu um parceiro (Angelo) e um novo meio expressivo para suas visões pessoais.

◆

A coletânea de **Johnny Otis** intitulada **THE CAPITOL YEARS** (Capitol) prova que, se Vinicius de Moraes era "o branco mais negro do Brasil", Otis pode ser considerado o detentor do mesmo epíteto em um país onde isso é muito mais perigoso: os E.U.A. Nascido de uma família grega, num bairro "étnico" de Berkeley, Califórnia, Otis cresceu entre negros, apaixonou-se por blues em criança e aprendeu com eles a tocar bateria, guitarra e piano. Durante a guerra, mudou-se para o gueto de Watts, em Los Angeles, abriu um clube de rhythm'n'blues e *soul food*, criou grupos musicais, tocou com os maiores gênios do jazz, blues e r&b e, candidamente, admite que "nunca reparou que não era negro". Este disco reúne o creme de sua produção como músico, arranjador e compositor entre 1957 e 1959. Uma enciclopédia da melhor e mais importante música americana ou menos obscuros) apresentando suas visões pessoais de obras selecionadas dos pioneiros do folk rock. Um trabalho coeso que se destaca enquanto conjunto. Porém em caso de dúvida, vá direto na versão de "I'll Feel a Whole Lot Better", do Dinosaur Jr (que também participa do tributo a Young) um hardcore "eight miles high!"



Suicide, mítico grupo do underground nova-iorquino na década passada, ávemor do formato não-tecnopop (com Martin Rev nos sintetizadores e Alan Vega nos vocais), *cult band* venerada na Europa está de volta. O produtor e o mesmo Ric Ocasek de *Suicide* (1980), o disco de despedida **A WAY OF LIFE** (Wax Trax), o novo, reencontra a dupla em plena forma, visitando o imaginário musical da América. A música é esboço eletrônico de rock rockabilly, batida estilizadíssima. Vega, assombrado pelos fantasmas de Elvis e Jim Morrison, solta o vozeirão. Uma lição bem data para o pré-primário da "nova" música eletrônica.

AGORA SIM!
ENTREGA URGENTE
SEDEX À COBRAR
PAGUE AO RETIRAR

JAQUETAS DE MOLETON

COSTAS

BLUSÃO DE MOLETON

GREEN
R. E. M.

CAMISETAS

Stamp
CAMISETAS BLUSÕES
JAQUETAS
100% ALGODÃO
TAMANHOS P.M.G

MANGA CURTA (MC) NCz$ 310,00
MANGA LONGA (ML) NCz$ 380,00
BLUSÃO (MF) NCz$ 680,00
JAQUETA (JQ) NCz$ 820,00

- Você receberá um aviso do Correio para retirar seu pedido na agência mais próxima de sua casa num prazo de cinco dias, sendo a encomenda será devolvida
- O pagamento da encomenda mais a despesa postal será efetuado no Correio
- O preço do Sedex varia de acordo com o peso da encomenda e localidade
- O pedido será entregue num prazo de 24 a 48 horas após nossa postagem
- Todos os estampas estão disponíveis nos quatro modelos: Manga Curta (MC), Manga Longa (ML), Blusão (MF), e Jaqueta (JQ)

PREÇO ESPECIAL PARA REVENDEDORES

TEL. (011) 299 7478
HORÁRIO 9ª À 6ª DAS 8:00 AS 17:30 HS

Desejo receber o seguinte encomenda no valor de NCz$ mais despesas postais

Ref	Cor	Tam	Mod

Nome
End
Cep Cid Est
Envie este cupom ou cópia p Stamp Rua Emb João Neves da Fontoura 756 Cep 02013 São Paulo SP

10,000 MANIACS

POISON IN THE WELL

(MÚSICA DENNIS DREW/ LETRA NATALIE MERCHANT)

Tell me what's gone wrong. I tilt my head there, under the faucet, but when I turn it on — dry as paper. Call the neighbors. Who's to blame for what's going on? In the dark without a clue I'm just the same as you.

O, they tell us there's poison in the well, that someone's been a bit unruly and there's been a small spill. Not a lot, no, just a drop. But there you are mistaken, you know you are. I wonder just how long they knew our well was poisoned but they let us just drink on.

O, they tell us there's poison in the well, that someone's been a bit unruly and there's been a small spill. All that it amounts to is a tear in a salted sea. Someone's been a bit unruly they'll have it cleaned up in a week. But the week is over and now it's grown into years since I was told that I should be calm, there's nothing to fear here. But I drank that water for years, my wife and my children.

Tell me, where to now, if your fight for a bearable life can be fought and lost in your backyard? O, don't tell us there's poison in the well, that someone's been a bit unruly, that there's been a small spill. All that it amounts to is a tear in a salted sea. Someone's been a bit unruly they'll have it cleaned up in a week.

VENENO NO POÇO

Diga-me o que saiu errado. Eu inclino minha cabeça ali, debaixo da torneira, mas quando abro — seca como papel. Chame os vizinhos. Quem é o culpado do que está acontecendo? No escuro sem uma pista eu fico igualzinho a você.

O, nos dizem que há veneno no poço, que alguém foi um pouco desleixado e houve um pequeno derramamento. Não muito, não, só uma gota. Mas aí você está equivocado, você sabe que está. Fico tentando imaginar apenas por quanto tempo sabiam que nosso poço estava envenenado mas nos deixaram continuar bebendo.

O, dizem a nós que há veneno no poço, que alguém foi um pouco desleixado e houve um pequeno derramamento. Tudo não passa de uma lagrima em um mar salgado. Alguém foi um pouco desleixado, eles já terão limpo tudo em uma semana. Mas a semana terminou e agora crescem em anos desde que me disseram que eu deveria ficar calmo, não há nada a temer aqui. Mas eu bebi essa água durante anos, minha esposa e minhas crianças.

Diga-me para onde agora, se sua luta por uma vida suportável pode ser combatida e perdida em seu quintal? O, não nos diga que há veneno no poço, que alguém foi um pouco desleixado, que houve um pequeno derramamento. Tudo não passa de uma lágrima em um mar salgado. Alguém foi um pouco desleixado terão tudo limpo em uma semana.

* (Todos os direitos reservados)

Coloque as idéias no lugar certo.

Não quebre a cabeça com música

GRUPO ama

ESCOLA DE MÚSICA E ARTE

- VIOLÃO
- GUITARRA
- BAIXO
- PIANO (acústico)
- PIANO (Fender)
- SAXOFONE
- BATERIA
- CANTO
- TECLADO
- ÓRGÃO

Rua Gabriel dos Santos, 103
Tel.: 67-4879 - CEP 01231
Santa Cecília - São Paulo - SP
Próximo a estação do metrô
Marechal Deodoro
NÃO TEMOS FILAS

GRANDE VENDA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
Tel.: 67-4879 - das 8:00/21:00
sábados 8:00/18:00
Grupo Ama

não vale cópia

Grupo Ama

APRESENTE ESTE CUPOM. COM ELE VOCÊ NÃO PAGA A MATRÍCULA

DINOSSAUROS

Leio BIZZ há anos, mas a edição de outubro contém duas "pérolas". Uma de autoria de José Emilio Rondeau, outra de Ayrton Mugnaini Jr.
Me parece bastante óbvio que uma reportagem sobre um show deva ser feita por alguém com profundo conhecimento de toda a trajetória do artista ou grupo em questão. Não foi o que demonstrou Mugnaini em sua reportagem sobre o show do Pink Floyd. Richard Wright até já foi guitarrista base nos grupos pré-Floyd. Mas entrou para a história do rock como tecladista do grupo, e não é o "baixista atual".
Equívoco maior cometeu Rondeau em sua resenha sobre a coletânea *Who's Better, Who's Best* (The Who). Penso que "tudo o que for necessário para instruir sobre o Who" deva incluir, principalmente, toda a discografia e filmografia do grupo. Quem pôde comprar os discos do Who na época de seu lançamento deve estar atingindo os cinqüenta anos de idade. Se lembrarmos que praticamente todos os LPs do Who encontram-se hoje fora de catálogo e por isso são muito raros e principalmente muito caros, o lançamento desta coletânea é uma excelente notícia não apenas para nós, os bebês que gostamos de Sugarcubes, mas também para o vovô Rondeau...

Edmarão V.R., Campinas — SP

José Emilio Rondeau agradece sua carta e responde: *Concordamos quando você diz que a íntegra da discografia da banda é o melhor caminho para uma instrução completa sobre ela. Na falta disso, as compilações continuam sendo o único bom atalho disponível. No caso do Who, a questão é muito simples e objetiva: são dez coleções de grandes sucessos quase indistinguíveis entre si. Não seria melhor descobrir novas combinações, desenterrar faixas obscuras ou inéditas, até mesmo regravar tudo, de novo, com a perspectiva que as anos oferecem? É uma pena que os discos originais estejam fora de catálogo no Brasil. Mas será que vale a pena comprar um mesmo disco dez vezes só porque a ordem das faixas é diferente, ou porque o título e a capa são novos? Uma derradeira observação: sua matemática precisa ser reavaliada. O mais velho integrante do Who, John Entwistle, tem 45. Você acredita que alguém cinco anos mais velho que ele tenha comprado o single de "I Can't Explain", quando foi lançado, em 65? Bom, a mãe dele talvez... Em tempo: já que estamos falando de família, vovô é a vovozinha.*

Com relação à matéria sobre o show do Pink Floyd na seção *Ao Vivo* (BIZZ 51), pelo colaborador Ayrton Mugnaini Jr., é oportuno esclarecer que as citadas covers são, na verdade, do período de 71 a 79, e que nenhuma música do álbum *Animals* foi apresentada, nem mesmo "Dogs", que foi confundida com "The Dogs of War", na qual cenas do videoclip de mesmo nome são projetadas no palco. O colaborador desconhece esses fatos. Aliás, percebe-se uma falsa intimidade ao chamar o Floyd diversas vezes por Pink ao longo da matéria. É a primeira vez que vejo alguém referir-se assim ao grupo. Nota-se também que o colaborador ignora que Richard Wright é o tecladista da banda desde 1967, e não um "baixista convidado".

Edevilson e Patrícia, São Paulo — SP

Ayrton Mugnaini Jr. agradece as cartas e responde: *Durante o show do Pink Floyd no Velódromo de Marselha, o nome do baixista atual não foi mencionado em nenhum momento, de modo que realmente o desconheço. De qualquer forma, Richard Wright é, sem a menor dúvida, tecladista do grupo. A fase mais recente do trabalho do Pink Floyd, que inclui a música "The Dogs of War", não me atrai em absoluto — e acredito não estar perdendo muita coisa. Viva Syd Barrett!*

TIN MACHINE

Não tenho o costume de escrever para jornais e revistas, mas não posso aceitar passivamente os absurdos escritos pela *grande, famosa, respeitadíssima, genial* Anamaria G. de Lemos no *Ao Vivo*, página 64 da edição 51 da BIZZ.
Menos do que as opiniões sobre o show em questão, que pode realmente ter sido ou não uma baba, o que espanta é a gratuidade dos termos usados na matéria e a prevenção com que a autora do texto se propôs a analisar o show. Ora, a própria AGL confessa que não gosta das músicas porque são óbvias e tediosas e resume a sua análise na inédita e histórica frase "...têm a sutileza de uma manada de elefantes...". Isto já deve dar aos leitores uma demonstração do nível altíssimo em que se encontra a inteligência de dona AGL. (...)

Roberto Biazotti, São Paulo — SP

Gostaria de demonstrar meu profundo desagrado quanto ao desperdício de espaço ocupado pela matéria sobre o show do grupo Tin Machine. É triste para nós, que sempre admiramos David Bowie, ver que a crítica não soube, ou não pôde, atribuir o devido valor à oportunidade de assistir a um show de tal artista. Temo que mais uma vez o dito popular "Deus dá asas a quem não sabe voar" deva ser aplicado. Mas não há de ser nada. Os grandes talentos resistem a todos. Permito-me apenas uma sugestão à crítica: aposentadoria por qualidade de serviço... ou por invalidez intelectual.

Clarissa da Costa Moreira, Rio de Janeiro — RJ

Fiquei chocada quando li a crítica de Anamaria G. de Lemos sobre o show da banda de Bowie, a Tin Machine. Dizer que Bowie merece "aposentadoria por tempo de serviço ou invalidez musical" não será exagero? Se agora a moda é dance music, ao menos respeitem os amantes do velho rock'n'roll.
Na minha opinião o disco *Tin Machine* é ótimo, principalmente para alguém como Bowie — que havia se perdido na mídia e na pasteurização da música pop. Não acham que ele merece um pouco de consideração pelo que já fez pelo rock? Acredito que, depois de tantos anos de carreira, está na hora de ele fazer o tipo de música que curte. (...)

Anelize Ribeiro, São Paulo — SP

Anamaria G. de Lemos agradece todas as cartas e responde: *É justamente pelo passado de Bowie que o Tin Machine provoca tamanha decepção.*

CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

I would like to get pals from Brazil. I'm sixteen years old and my hobbies include stamp collecting, reading and writing of novels, recreational games etc. I'm a male.

Nason Gbeze, P.O. Box 7204,
Benin City, Bendel State, Nigeria

I am a boy of 18 years old and a student in Secondary School. I'm looking for pen friends from any part of the world. I promise any one who would write me that no letters would be left unreplied as I like correspondence.

Larry Lawrence Ebeze, 10 Akwerioba Avenue,
Behind Bobe Stadium, Benin
City, Bendel State, Nigeria

FÃS-CLUBES

A-ha *Fã-Clube Oficial A-ha* A/C Ana Maria Melo, r. Galeão Carvalhal, 34, ap. 1102, CEP 11055, Santos — SP

Bon Jovi *Welcome to Jersey Bon Jovi Fan Club* A/C Rita, r. Estevão de Almeida, 75, CEP 11370, São Vicente — SP

David Bowie *Master Bowie* A/C Mariane, r. Iberapitanga, 10, CEP 07090, Guarulhos — SP

Cely Campelo *Anos 60 Fã-Clube* A/C Thiago, r. Joaquim Nabuco, 238, CEP 13970, Itapira — SP

Duran Duran *Fã-Clube Duran Duran* A/C Daniela, r. 14 de Maio, 525, CEP 88310, Navegantes — SC

Engenheiros do Hawaii *Fã-Clube Desde Aquele Dia* A/C Arthur, r. Capitão José Machado, 129, CEP 02756, São Paulo, SP

The Fall *Victoria of The Fall*, r. Celita Melo de Abreu, 42/202, CEP 25240, Santa Cruz da Serra — RJ

Hanoi Hanoi *Fã-Clube Cheira Confusão*, r. Estrada Nova, 288, CEP 30430, Belo Horizonte — MG

Legião Urbana *Fã-Clube Legião Urbana Petróleo do Futuro*, r. Gravataí, 576, CEP 94900, Cachoeirinha — RS

MERCADO PARALELO

Compro as edições de BIZZ de zero a 05 (a número 01, se possível com poster da Madonna) em bom estado. **Valdenir Araújo Pessoa, Caixa Postal 09, CEP 68100, Santarém — PA**

Compro edições de BIZZ números 01, 02, 06 (com o Calendário do Rock) e 07. Compro também a edição de *Idolas do Rock 9-A*. **Augusto Ciccone, r. Oceano Ártico, 41, CEP 58033, João Pessoa — PB**

Compro BIZZ número 02, de 1985. **Cláudia Monteiro, r. Rio Oiapoque, 45, CEP 32280, Contagem — MG**

Compro BIZZ número 09, em bom estado de conservação. **Adriana Pereira da Silva, r. Raul Pompéia, 37, CEP 33000, Santa Luzia — MG**

Compro BIZZ *Especial Letras Traduzidas 9-C*, em bom estado. **Leonardo Batista Pereira, r. 145, bl. 23, ap.101, CEP 74310, Goiânia — GO**

Vendo revistas BIZZ números 01 ao 11, 24, 26, 31 ao 33, 35 ao 39. **Andressa Fernandes, al. Mary Ubirajara, 70, CEP 29055, Vitória — ES**

Vendo BIZZ números 01 ao 32 (exceto 13 e 31) e os quinze primeiros números de *Letras Traduzidas*. **Celso Carneiro Matheus, r. Falcão Filho, 73, ap. 82, CEP 13020, Campinas — SP**

Vendo quarenta exemplares de BIZZ desde o número 04, edições de *Letras Traduzidas* e Posters. **Jaqueline Saraiva, Caixa Postal 5242, CEP 22072, Rio de Janeiro — RJ**

Vendo as seguintes edições de BIZZ: 05 a 11, 13 a 18, 21, 23, 25 e 31. **Marcelo de Oliveira, av. José Lopes Lazaro, 130, CEP 06210, Osasco — SP**

Vendo edições de BIZZ dos números 02 ao 06, 09, 11 a 13, 15 ao 20, 23 ao 28 e 32 ao 44. **Ubirajara de Araújo Farias, r. Itapeva, 164, ap. 63, CEP 01332, São Paulo — SP**

ERRAMOS

Na edição 51, página dez, a data da morte de alguns dos integrantes do grupo Lynyrd Skynyrd foi mencionada com um pequeno erro. A data correta é 20/10/77.

AVISO AOS ASSINANTES

SE VOCÊ NECESSITA DE ALGUMA INFORMAÇÃO SOBRE SUA ASSINATURA, ESCREVA PARA EDITORA ABRIL ASSINATURAS, RUA DO CURTUME, 769, LAPA, CEP 05065, SÃO PAULO, SP.

OU, SE PREFERIR, UTILIZE ESTES TELEFONES:

SÃO PAULO TEL. (011) 823-9222
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)
RIO DE JANEIRO TEL. (021) 295-5544
DAS 8H ÀS 18H (ININTERRUPTO)
RECIFE TEL. (081) 224-0655
DAS 8H30 ÀS 12H30 E DAS 14H ÀS 18H
SALVADOR TEL. (071) 247-1022
DAS 8H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H
BELO HORIZONTE TEL. (031) 275-2255
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H
PORTO ALEGRE TEL. (0512) 33-9034
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30
BRASÍLIA TEL. (061) 226-6963
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 13H30 ÀS 18H
CURITIBA TEL. (041) 263-3013
DAS 8H30 ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H30
FLORIANÓPOLIS TEL. (0482) 23-7598
DAS 9H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 18H

SE VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO, PREENCHA O PEDIDO DE ALTERAÇÃO ABAIXO. ATRAVÉS DELE VOCÊ PODE ALTERAR DE UMA ÚNICA VEZ O ENDEREÇO DE TODAS AS REVISTAS QUE ASSINA. COLOQUE-O NUM ENVELOPE E ENVIE-O PARA:

EDITORA ABRIL ASSINATURAS
RUA DO CURTUME, 769 - CEP 05065 - SÃO PAULO - SP.

OS EXEMPLARES COMEÇARÃO A CHEGAR EM SEU NOVO ENDEREÇO 3 SEMANAS APÓS RECEBERMOS O SEU PEDIDO.

PEDIDO DE ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO.
COLE AQUI SUA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO ANTERIOR OU ESCREVA SEU NOME E SEU CÓDIGO DE ASSINANTE.

NOME _____
CÓDIGO DE ASSINANTE _____
ATENÇÃO: VOCÊ ENCONTRA SEU CÓDIGO DE ASSINANTE NA ETIQUETA DE ENDEREÇAMENTO DE SUAS REVISTAS.

BIZZ-34

NOVO ENDEREÇO _____ CEP _____
BAIRRO _____ TEL. _____
CID. _____ EST. _____
REVISTAS QUE VOCÊ QUER RECEBER NESTE NOVO ENDEREÇO:

CAN

TAGO MAGO (CBS)

Em seus dez anos de carreira, no período 1968/78 (reiniciada em 1989 com o álbum *Rite Time*), o grupo alemão Can sempre operou no plano da simbiose e do fervor instrumental, fazendo uma música hipnótica, com uma impressionante mistura de ritmos e timbres acústicos alterados, tratados eletronicamente.

Editando *tapes*, fabricando *loops* (anéis de fita) e incorporando ruídos e interferências espontâneas, o grupo fez a ponte entre a música erudita contemporânea (Stockhausen "über alles") e o rock. O Can foi fundo nas "colagens", daí sua forte influência detectada nos anos 80, a década do sampler, em que a habilidade de "compor" se traduz na de combinar ou "colar" sons.

Se, com a tecnologia atual, é possível processar sons a partir de *tudo* (um "bumbo de John Bonham", um "riff de Hendrix", um "uh!" de James Brown"), o Can tecia sua intrincada tapeçaria com cativante rusticidade. "Ambientavam" o som de seus instrumentos sem qualquer efeito, ensaiando horas para "casar timbres". E foi em aparelhos Revox de dois canais que eles gravaram seus cinco primeiros álbuns, sem mesa de som, sem *dubs*, tocando ao vivo e direto.

Foi o "impacto rítmico do rock" que levou Irmin Schmidt (teclados) e Holger Czukay (baixo), ambos alunos de Stockhausen, a formarem o grupo com Michael Karoli (guitarra) e Jaki Liebezeit (bateria) em meados de 1968. Passavam horas tocando e gravando em um castelo — cedido por um mecenas — em Colônia, investigando ritmos e sonoridades. Em 1970, depois do segundo LP (*Soundtracks*), mudaram-se para um estúdio próprio (Inner Space) e recrutaram o japonês Kenji "Damo" Suzuki — encontrado, casualmente, cantando em uma rua — para os vocais e iniciaram a fase mais instigante de sua carreira, que tem no álbum duplo *Tago Mago* sua expressão mais completa.

Pela duração um pouco menor e pelas melodias mais ou menos assobiáveis, as duas primeiras faixas — "Paperhouse" e "Mushroom" — são as que mais se aproximam do formato "canção". O espírito é *free*, de criação instantânea, mas os ritmos são estruturados basicamente na repetição de uma única levada, numa onda econômica/minimal. Em "Oh Yeah" e na longa "Halleluwah", Liebezeit catalisa suas pesquisas étnicas em ritmos "tribais", enquanto Czukay bombeia o pulso e Schmidt e Karoli solam e tremulam como se estivessem "vendo coisas". "Aumgn" — que ocupa todo o lado três — e "Peking O." são as mais descontínuas e "coladas", com climas que variam do barulho às frequências mânticas. Em "Peking O.", além das piradas intervenções de Suzuki — com seu bruhahá misto de inglês, japonês e vozes inventadas por técnicas de edição —, há também a curiosa aparição de um ritmo eletrônico (uma "rumba" de órgão de churrascaria, devidamente distorcida e acelerada). Fechando o álbum há "Bring Me Coffee or Tea", com seu andamento morno que funciona como um digestivo para as experimentações anteriores.

Tago Mago é um marco na extensa discografia do Can que, até seu recente retorno, totalizava onze álbuns (dos quais só *Future Days*, de 1973, foi lançado no Brasil), além de três antologias e três compilações com gravações inéditas. Dentre estas últimas encontram-se surpresas como uma série de temas improvisados sobre ritmos etno/folclóricos arrolados sob a égide de *E.F.S./Ethnological Forgery Series* ("Séries de Falsificações Etnológicas"), pesquisa que poderia ser classificada como uma espécie de precursora da *world music*. Mais um elemento que faz do Can uma das bandas mais visionárias de todos os tempos.

THOMAS PAPPON

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Angelo Rossi, Edgard de Silvio Faria, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

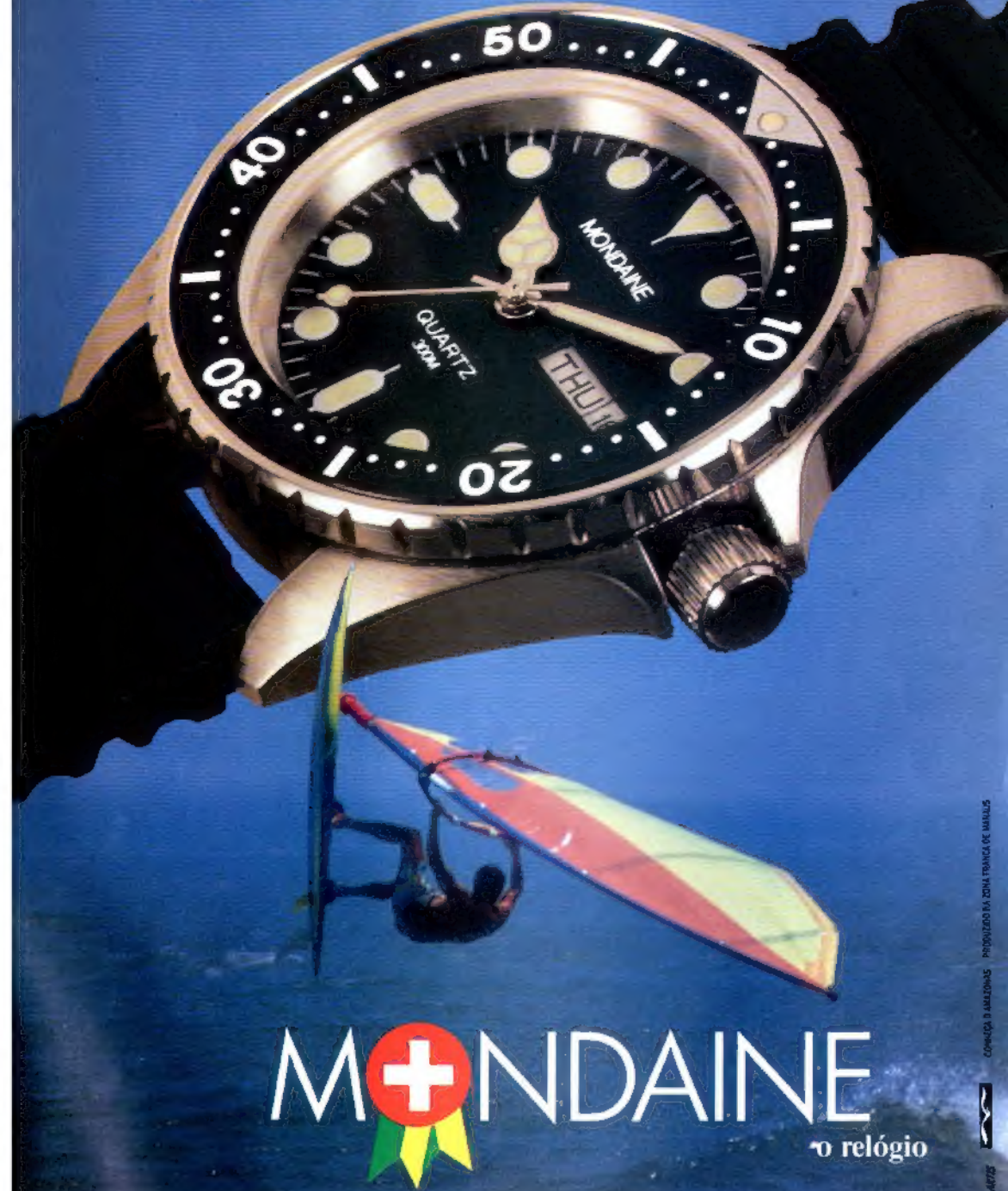
REDAÇÃO
Editor-Chefe: Jose Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Desclenea Básico), Marisa Adan Gil (Showbiz2), Lorena Calabria (Rio de Janeiro)
Assistente de Redação: Celso Ferrari Masson
Coordenação de Produção: Igor Ismael Assan
Atendimento ao Leitor: Lilian Cristina Viveiros
ARTE
Editora: Dense Bitrus
Diagramação: Angelo Asson, Renato Yada
Arquivo e Pesquisa de fotos: Cidval Heredia
Correspondentes: Jose Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria O. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Antonio Carlos Miguel, Ayrton Mugnaini Jr., Jose Roberto Mast, Leopoldo Rey, Marcel Plasse, Thomas Pappon
Fotos: Gustavo E. Sroclarsky, Mariano Correa, Marcos Bonisson
Arte: Antonio Fernando Moria
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Projeto Gráfico: OZ Desenho & Associados
Diretora Responsável: Liege da Lima Dorie Cassola
PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araujo
SP - Diretor: Oswaldo Mattei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Armando Coronado Miola, Arthur de Oliveira Neto
RJ - Diretor: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Eduardo Barros, Romualdo Ayres Costa
PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. Botelho
REPRESENTANTES
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: 3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone: (0512) 23-9528 - **Porto Alegre** - RS Centro-Oeste Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 - **Brasília** - DF SP 2 Intermida Repres. e Public. e Public. S.C. Ltda. Fones: (016) 623-4262/623-4291 - **Ribeirão Preto** - SP
SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni. **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (001212) 557-5990/5893, Telex: 237670, Fax: (0012121) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 660731 ABRILPA, Fax: (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dados: **Gerente:** Suzana Camargo - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115
Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Marinelli
COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine
Gerente da Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1171, tel. (011) 826-4711, CEP 01139, Caixa Postal 6008, CEP 05006, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editel Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22974, Telegramas: Editel-Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jornais de Publicações Lda., Quinta Pau Varas, Alvarraga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. Ao fazer sua assinatura, envie a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares comprados, sem que para isto tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente pago correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Rodovia Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000 Osasco, SP. Temos em estoque somente as dez últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuição com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

"With Mondaine you are always in..."



MONDAINE
o relógio

CONHEÇA O AMAZONAS PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

MARILLION

hollywood rock

SÃO PAULO: 19 DE JANEIRO
RIO: 27 DE JANEIRO

NOVO LP:
SEASONS END

em L.P., cassete e CD

EMI

BON JOVI

in Brazil

OS GRANDES SUCESSOS NUM ÚNICO DISCO!

Em LP, K7 e CD

PolyGram